DISCURSOS PARLAMENTARES

ANTONIO CANDIDO

DISCURSOS PARLAMENTARES

1880 — 1885

PORTO
EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA — EDITORA
178 — Rua de D. Pedro — 184

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS
NA SESSÃO DE 17 DE FEVEREIRO DE 1880

Sr. presidente:

Pedi a palavra sobre a ordem, e começo por ler a minha moção:

(Leu.)

«A camara, satisfeita com as explicações do governo, passa á ordem do dia.»

N'um jornal politico da nossa terra, admiravelmente redigido por um escriptor que allia a um grande e formosissimo talento uma instrucção notavelmente variada, li hoje um caso que, salvas as devidas differenças, tem applicação ás condições em que me encontro agora. Noticiava-se n'esse jornal o fal-

lecimento de Cremieux, que era ao mesmo tempo um importante homem de estado e um orador de grande prestigio, e contava-se que, tendo elle de responder a uma oração vigorosa e apaixonada de Berrier, que é a mais esplendida gloria do fôro francez, começára a resposta por esta forma:

«Tenho de fallar, e estou ainda escutando...»

Eu tenho de responder ao illustre deputado o sr. Dias Ferreira, e a sua voz vibra ainda nos meus ouvidos, e o meu espirito está ainda aberto á recepção dos seus grandes pensamentos, e a admiração que me inspirou a sublimidade do seu discurso domina-me ainda, domina-me absolutamente!

S. ex.ª disse, com uma accentuação verdadeiramente sentida, que esta casa tinha desde muito um grande lucto em si porque lhe faltavam José Estevão, o raio da eloquencia fulminado pela maior inspiração que a justiça e a liberdade pódem prestar á palavra humana, e Rebello da Silva, esse adoravel

espirito, cujo retrato moral ficou para sempre na phrase inspirada e caracteristicamente litteraria dos seus discursos. Eu soffri toda a dolorosa influencia d'esta parte do discurso proferido pelo sr. Dias Ferreira; mas depois que s. ex.ª fallou, depois que s. ex.ª percorreu na sua oração a escala completa da eloquencia politica — desopprimiu-se-me o espirito, dilatou-se-me o coração, porque senti e posso dizer que, se não ha José Estevão, se falta Rebello da Silva, ha ainda, por fortuna do paiz e para honra da sua tribuna, a grande voz de José Dias Ferreira!

Sr. presidente: No uso da palavra que v. ex.ª me concedeu, vou fazer algumas considerações para justificar a moção que tive a honra de ler á camara.

A inscripção para este debate está ainda quasi em principio, e já póde dizer-se exhausta a materia d'elle! Isto prova que a interpellação pendente é destituida de motivos, e, ao mesmo passo, elogia a superior competencia dos poucos mas distinctos oradores que me

antecederam. Sinto que a materia esteja exhausta. É egoista este meu sentimento. A camara lucra de certo com tomar-lhe pequeno espaço a minha voz; mas eu, tendo de restringir muito as considerações que me inspira o presente debate, só desvaliosos serviços prestarei agora ao meu partido, ao partido que elegi livremente por mais proximo das minhas idéas politicas, e no qual reconheço direito aos subsidios da minha intelligencia, que apenas tem o merecimento da boa fé, e aos officios da minha palavra, que apenas vale porque é sincera.

Ainda bem que esta contrariedade me é largamente compensada pela confirmação plena que o meu juizo sobre o acto eleitoral recebeu n'esta discussão — n'esta calorosa discussão a que tenho assistido, desde o principio até agora, com o interesse que ella merece a todos, e a muita attenção que devo aos oradores que tive a boa fortuna de ouvir.

O discurso do sr. Hintze Ribeiro, extraordinariamente analytico, excessivamente ana-

lytico, se bem que delicado e correctissimo na fórma, foi talvez pouco feliz na escolha dos factos, e menos feliz ainda nas conclusões a que esses factos andaram obrigados: o discurso do sr. Dias Ferreira, á parte a brilhante dissertação sobre direito eleitoral, que a camara escutou com o devido interesse, apenas referiu dois factos, dois factos sómente, e tão pequenos, tão desprovidos de alcance, que melhor fôra deixal-os na sombra de que saíram, na sombra a que hão de voltar.

Um d'elles versa sobre subsidios para concertos de igrejas, e o illustre orador approximando esse facto de um discurso em que o sr. José Luciano condemnou vigorosamente a offerta d'esses subsidios na vespera das eleições, quiz, teve a crueldade de querer collocar o nobre ministro do reino n'uma posição embaraçosa. O subsidio incriminado data de julho, e a eleição geral teve logar em outubro! Alem d'isso, foi o proprio chefe do partido constituinte quem o pediu! É sempre bom olhar para as datas, e de muito mau

effeito serem do accusador as principaes responsabilidades de um facto commentado no tom asperrimo da liberdade offendida, da consciencia revolta, do decoro indignado.

O outro facto foi a celebre proclamação do governador civil do Funchal. Não a applaudo, não a approvo, não a defendo; mas parece-me que esse documento, publicado n'uma hora infeliz, não vale, só por si, a gravissima accusação com que o illustre orador intentou fulminar o governo e o seu delegado. Estaria n'esse caso se o auctor da proclamação acompanhasse as suas palavras de factos attentatorios da dignidade do seu cargo e da liberdade dos eleitores. Mas não se deu isso.

Eu tinha acompanhado, sr. presidente, o movimento eleitoral em todo o paiz, tinha-o acompanhado pelas noticias da imprensa e por informações de toda a ordem, e parecia-me que o ministerio estava a salvo das tremendas accusações com que são justamente flagellados em todos os parlamentos

do mundo os governos que atraiçoam a liberdade, a liberdade que devem garantir, que devem respeitar, que devem ter como cousa sagrada e inviolavel, sob pena de commetterem o crime, verdadeiramente infame, que se chama abuso de confiança politica—abuso da confiança de um povo que entrega temporariamente a alguns homens a guarda do seu direito e a administração da sua justiça!

Media a distancia que separa a ultima eleição geral do meu ideal theorico, lamentava a perda de muitas illusões com que saí do meu gabinete de estudo para as realidades do mundo, comprehendia toda a differença que ha entre os principios da sciencia e as realidades da vida pratica; mas consolava-me de ver que o governo se continha nos limites da sua dignidade, em vez de aggravar com os seus actos a deploravel situação moral em que este paiz se encontra. Era este o estado do meu espirito. Mas desde que a accusação eleitoral ao governo se annunciou aqui, a principio por ameaças e insinuações muito

vagas, especie de rumores indicativos de uma grande tempestade parlamentar, e mais tarde pela interpellação nitidamente formulada pelo sr. Hintze Ribeiro; desde que isso se deu, francamente o confesso a v. ex.ª, receei pela segurança do meu juizo, e fui até figurar o caso de se produzirem argumentos e factos novos que me convencessem da culpabilidade d'este governo em que estão as summidades hyerarchicas do meu partido.

Encarei esta hypothese com a coragem que se deve á verdade, por mais custosa que ella seja, mas com a dor que me importa sempre a possibilidade de vir a conhecer que estive por muito tempo em erro ácerca de cousas que prezo e de pessoas que estimo.

Felizmente o receio era infundado; subsiste, permanece o meu antigo juizo; e, por esse motivo, não são poucas as graças que eu devo ao illustre deputado interpellante e ao nobre chefe do partido constituinte.

Sr. presidente: Esta interpellação é o velho expediente parlamentar usado no princi-

pio de todas as legislaturas. No começo de cada legislatura as desgraças eleitoraes e politicas da nação gemem na palavra commòvida de alguns oradores, e os protestos da sua justiça trovejam na phrase indignada de outros. Revezam-se os partidos militantes n'este serviço á patria e á liberdade. Quando não estão nas eminencias do poder, ostentam-se na luminosa montanha do direito popular. Quando não estão no Calvario do governo, onde os sacrifica a eloquencia dos tribunos, é vel-os no Thabor do opposição, onde por virtude propria se transfiguram!

Não é novo este expediente entre nós, e tambem não é original d'este paiz. Acontece o mesmo lá fóra. Na França, designadamente na França republicana, a discussão do acto eleitoral assume sempre as proporções de uma gravissima pendencia, e alguns ministerios têem recebido ahi golpes de que se não curaram mais. Pede porém a verdade que eu lembre a v. ex.ª e á camara que isto só acontece quando a opposição parte de Gambetta,

e não de Cassagnac—do ardente e fervoroso republicano, sinceramente devotado á elevação da sua patria, e não do bonapartista impenitente, que põe a sua exaltada palavra ao serviço de uma causa absolutamente perdida. (*Vozes:*—Muito bem.)

Eu não combato, não censuro este procedimento das opposições; pelo contrario, em boa consciencia o considero justo e conveniente. Se a honra da urna não é desveladamente guardada o impudor ministerial póde ir aos extremos do cynismo, e a tyrannia do poder estabelecer-se com o cortejo das revoltantes hypocrisias que são proprias do regimen constitucional; por outro lado a paixão politica é a mais intensa, a mais absorvente das que hoje invadem o espirito humano, e o seu resfolgadouro mais nobre, mais digno, mais legitimo é este: o da palavra nas assembléas nacionaes.

Mas ha ainda outro motivo pelo qual eu folgo com este inalteravel procedimento das opposições parlamentares. Quando ellas têem

na sua historia factos reprehensiveis, crimes politicos da ordem d'aquelles que profligam e combatem nas horas da adversidade, eu vejo nos seus discursos a confissão publica dos seus erros e uma verdadeira penitencia das suas faltas.

Quem aponta nos outros um defeito que tambem tem, que tambem o assignala, sente-se logo contrariado pela importuna lembrança das proprias fraquezas. O ideal da liberdade, com as esplendidas irradiações que despede de si, é um tremendo castigo para os que o atraiçoaram quando podiam e deviam honral-o com os seus actos. Se a palavra d'esse ideal e a memoria d'esses actos se encontram no mesmo partido, ou este é totalmente, absolutamente inimpressionavel, ou o castigo que soffre então é o mais duro, o mais incomportavel de quantos eu conheço.

Não folgo com isto porque me seja agradavel o espectaculo dos soffrimentos alheios. V. ex.ª sabe que nada repugna tanto

á minha indole como o conspecto do abatimento moral, ainda de inimigos jurados e intransigentes. O que me faz estimar aquelle modo de proceder é a idéa de que elle será o principio de um reviramento moral, a possivel inauguração de uma vida nova, promettedora dos mais largos serviços á causa da liberdade, que a minha consciencia adora, e á causa do povo a que pertenço, do povo em que a fatalidade do berço poz a minha origem e um acto positivo da minha vontade collocará a minha existencia toda. Esta nota sagrada da minha alma testemunha a seriedade das minhas intenções. Diz-se em toda a parte e affirma-se a todo o momento que a opposição é a escola em que os partidos emendam os seus defeitos, e se retemperam para as difficuldades do governo. Não faço mais do que applicar uma idéa corrente.

A camara ha-de talvez estranhar que eu me colloque ao lado do sr. Dias Ferreira, e me sirva por momentos da puritana inspiração que fortalece e levanta a palavra d'este

eminente orador. Pois vou fazel-o, e com a boa vontade com que obedeço sempre aos mandados da minha consciencia.

A ultima eleição geral, disse ha pouco o sr. ministro do reino e repito eu agora, não é, está longe de ser um modelo a recommendar em lições de direito publico. *(Apoiados.)* O programma da Granja não foi executado n'ellas. *(Apoiados.)* A urna subiu pouco do baixo estrado em que a deixaram os antecessores do actual ministerio. *(Voltando-se para os srs. deputados da opposição que se tinham distinguido nos apoiados antecedentes):* Esperava agora os apoiados de v. ex.as.

O sr. JULIO DE VILHENA—Tem-nos da maioria.

O ORADOR—A verdade com que fallo merece-os de toda a camara. *(Apoiados).*

Os nossos diplomas não têem radicaes differenças d'aquelles com que se apresentaram aqui os cavalheiros que nos precederam n'estas cadeiras e no nosso mandato.

Sobre a realidade d'este facto estou per-

feitamente de accordo com o illustre caudilho do partido constituinte; no que divirjo de s. ex.ª, bem como de todos os oradores da opposição, é sobre o modo de o apreciar. S. ex.as desentranham d'esse facto um libello contra o governo, e eu vejo n'elle um producto fatal de mil causas estranhas ás intenções e ás vontades do partido progressista. *(Apoiados).* Digo mais: vejo n'esse facto a verdadeira rasão de ser e a completa glorificação d'este partido, que foi na adversidade e está sendo no poder um protesto eloquente contra as más leis e os pessimos costumes da nossa vida publica.

O partido progressista tem idéas definidas sobre materia eleitoral, as quaes se encontram indicadas no seu programma. O sr. ministro do reino, no seu projecto de reforma administrativa, intenta já fazer um ensaio d'aquelle systema, que se destina principalmente a estes dois fins: tornar a urna innaccessivel ás corrupções dos governos, e dar a todos os partidos militantes a sua representação proporcional.

E agora permitta-me o sr. Dias Ferreira uma observação. Estranhei muito que, esquecendo-se por um momento do direito eleitoral da Dinamarca, da Inglaterra, da França, e até, em alguns pontos, da propria Hespanha, dissesse que nós tinhamos em materia eleitoral o que havia de melhor e de mais perfeito em todo o mundo!

O sr. DIAS FERREIRA — Eu disse mais liberal.

O ORADOR — N'esta materia, mais perfeito e mais liberal são a mesma cousa.

Sr. presidente: Eu já lancei as minhas vistas para os pontos principaes da reforma eleitoral do partido progressista, a que tenho a honra de pertencer, e devo dizer a v. ex.ª, porque gosto de dizer todas as verdades, que para mim o problema eleitoral não fica resolvido plenamente com as idéas do meu partido. Essas idéas valem muito, valem muitissimo, são talvez o mais que póde fazer-se no actual momento, mas entendo que o problema eleitoral dará sempre soluções negati-

vas emquanto se não applicarem ao suffragio os principios combinados da especialisação do saber e do interesse immediato.

Nunca pude comprehender a significação de um voto dado sem conhecimento de causa, a respeito de pessoas e sobre objectos indifferentes ou desconhecidos ao eleitor; nunca percebi a subita revellação que illumina, á beira da urna, o espirito inculto do votante, e lhe dá a percepção nitida do que ha mais difficil, mais complexo, mais inaccessivel na sciencia humana: a politica. Eu nunca percebi isto, como nunca vi no suffragio universal as virtudes que a metaphysica politica lhe vê e apregoa a todas as vozes, virtudes aliás já provadas no martyrio de uma revolução, a revolução de 1848, e que têem por si o mais opulento brazão que póde adquirir e ostentar uma idéa moderna: o genio de Victor Hugo, o maior poeta d'este seculo, e a palavra de Castelar, o maior orador da tribuna moderna!

Devo á philosophia positiva a pouca luz que me dirige n'este capitulo de direito publi-

co. O suffragio universal não tendo, como não tem, racionalisação possivel, é comtudo um facto definitivamente adquirido pelas revoluções humanas, um facto consummado, um facto que póde discutir-se nas assembléas e nos livros, mas já não póde tirar-se das leis. É um facto. Os factos impõem-se, não se questionam. O que importa é organisal-os e dispôl-os por fórma que elles fructuem o maior bem ou produzam o menor mal possivel.

Não é simplesmente a reforma eleitoral o que se necessita; é tambem a reforma administrativa, é a reforma da fazenda, como s. ex.ª disse, são todas as reformas do programma da Granja, (*Apoiados.*) são todas as reformas dos programmas dos partidos avançados, (*Apoiados.*) para que a liberdade seja um direito e o povo o seu verdadeiro possuidor.

Dê o sr. Dias Ferreira ao problema eleitoral a solução mais luminosa e mais brilhante que o seu grande talento lhe póde inspirar, mas deixe o mais como está, e, eu

*

lh'o affirmo, tudo será esteril, tudo será sem effeito, e s. ex.ª soffrerá a grande mágua de ver inteiramente inutilisados os fructos, na apparencia bonissimos, da sua meditação e do seu estudo.

Peço desculpa da digressão que não foi muito longa, mas foi talvez impertinente. Na oratoria parlamentar, estas fugas para a especulação politica só á opposição se permittem. Eu rompo com essas praxes, offerecendo como desculpa a circumstancia de ser *homem novo,* circumstancia que sei muito sympathica á minoria, e o habito em que estou de pôr sempre a minha consciencia á inteira disposição da minha palavra.

O partido progressista, já o disse ha pouco, tem um systema eleitoral que julga, e que eu julgo tambem, sobrelevar ao que actualmente vigora; mas, como se sabe e como disse o sr. ministro do reino, chamado ao poder teve de convocar os collegios eleitoraes, não pelos processos que julga melhores, mas segundo as leis que durante muitos

annos combateu por deficientes e por immoraes.

O governo soffreu assim a prova do que affirmára na opposição. A eleição não foi exemplarmente boa. Se o fosse, o governo teria vindo aqui declarar sinceramente que era inutil a este respeito a reforma indicada no seu programma, ou antes, que era usurpado o nome de reforma dado ao que se fizesse com relação a este assumpto, porque, assim como na natureza todo o movimento gera calor, na ordem social só se póde chamar reforma ao que produz um augmento consideravel de justiça e de liberdade.

Mas o governo conheceu, mau grado seu, mau grado do partido que o sustenta, e mau grado do paiz, que não ha intenções que valham contra a fatalidade de um falso meio. É um erro suppor que os homens podem reagir contra o meio legal em que vivem. Não podem, como não podem rebellar-se contra as condições physiologicas que a natureza lhes destina, nem contra as influencias

geographicas que actuam sobre ellas. Dada uma circumstancia eleitoral, talhada de molde a inutilisar os esforços das minorias; dada a pessima organisação dos serviços publicos; dada esta fatal engrenagem que prende e centralisa no poder todas as dependencias locaes; dada a deploravel educação moral das classes por culpa de todos os governos e de todos os partidos: dado isto, é tão impossivel que a representação nacional sáia da urna sem um defeito, sem uma macula, como é impossivel que, fóra de determinadas condições de luz, a imagem photographica se produza com verdade e nitidez. *(Apoiados.)*

É em frente de tudo isto, é pela analyse positiva d'estes factos, é pela ponderação das causas que produziram o rebaixamento do nosso caracter civico que eu, collocando-me ao lado do sr. Dias Ferreira, e inspirando-me do tom geral do seu discurso, sinto necessidade de dizer á camara uma verdade, uma grande e triste verdade, que tem a natureza impessoal de uma convicção scientifica e a in-

suspeita procedencia de uma meditação isenta de paixões e de preconceitos. Esta nação vae mal, vae muito mal, se á hora alta em que estamos, não nos compenetrarmos todos da necessidade de adiantar os processos da nossa educação politica, de alargar a esphera da nossa vida economica, de olhar por cima dos partidos para os horisontes da patria, (*Apoiados.*) e de nos convencermos, a final, de que, na opinião do mundo, não nos vale como desculpa á nossa provada inutilidade a estreiteza do territorio, porque os espaços da historia não se delimitaram nunca, nem se delimitarão jàmais, pelos terminos da geographia. Celebrando a abolição da pena de morte entre nós, Victor Hugo disse: *não ha pequenos povos; o que ha, infelizmente, é pequenos homens.* É um pensamento cheio de verdade, e eu folguei muito de o ver amplamente desenvolvido hontem pelo meu honrado e talentoso amigo o sr. Simões Dias, que sabe dar á sua palavra politica a extremada belleza com que se esmaltam os triumphos da sua

carreira litteraria. É certo que os pequenos povos podem perpetuar-se através dos tempos no effeito sempre vivo de um grande pensamento ou de um glorioso destino; é certo isso, e a mim nada me edifica tanto, nas lições da historia, como as protestações immortaes do espirito humano contra os accidentes que destroem os corpos, individuaes ou collectivos, em que esse espirito existiu e floresceu. Jerusalem era uma cidade, apenas uma cidade, mas a sua influencia não acaba, a sua acção não se extinguirá nunca. Athenas pouca população tinha, e comtudo a memoria d'esta republica, tão perfeita como podia sel-o na sua idade, subsistirá sempre nas linhas correctas de uma concepção artistica. Bem pequeno era Portugal nos seculos XV e XVI, e todavia realisou galhardamente a alta missão que lhe impunham as condições do seu *meio* e a fatalidade da sua raça; e, se hoje não póde influir poderosamente nos destinos do mundo, ao menos póde e deve governar-se com acerto e diri-

gir-se com prudencia. Não produzimos philosophos como a Allemanha, não possuimos sabios e litteratos como a França, não temos a perfeição technica em que se distingue e assignala a actividade ingleza, não contâmos oradores como a Hespanha, as nossas aptidões e a nossa historia são diversas das que fazem dos Estados Unidos a prova triumphante da democracia, este grande e formoso sonho da velha Europa — mas ainda podemos contribuir para o thesouro commum dos interesses humanos com o bello exemplo de um povo que sabe e quer ser honesto, trabalhador e digno. Não são mais do que isso a Suissa e a Belgica, e estas duas nações valem muito, valem muitissimo no apreço geral, porque, se não contam numerosos exercitos, se não intrigam habilmente nos gabinetes da diplomacia, se não mandam a todos os angulos do mundo os nomes prestigiosos dos seus generaes e dos seus pensadores, testemunham eloquentemente como as pequenas nações podem ser felizes na ma-

nutenção da paz, no culto do direito, e no amor da liberdade.

Até este ponto podemos nós chegar.

Podemos, digo eu, porque até agora não passâmos de um povo em que a politica, esta suprema direcção de todas as forças sociaes, tem sido apenas uma continua e calorosa demanda do poder, sem a consciencia dos deveres a que elle obriga e das responsabilidades que elle importa. E isto por culpa de todos os partidos, nos quaes, confesso, tem havido horas felizes e inspirações de alcance. Teve-as o partido regenerador nos primeiros annos da sua existencia; teve-as o partido historico em 1861; teve-as o partido reformista em 1868; e o partido progressista, fusão d'esses dois ultimos, creio que as está tendo agora, porque o vejo aproveitar as suas energias n'um largo avanço para o futuro, resolvendo corajosamente as difficuldades da administração publica, que são muitas, e acudindo aos males da nossa fazenda, que são gravissimos.

Todos os partidos são culpados n'esta sensivel degradação do nosso caracter, mas a feição especial do nosso actual abatimento, para que nos obriga a attenção o presente debate, essa deve-se ao partido regenerador: ao partido regenerador, que legou aos seus successores todo este estado de cousas, aggravando ainda a herança com a clausula de uma inalienabilidade temporaria; ao partido regenerador, que esteve oito annos no poder sem se preoccupar com difficuldades financeiras, sem se embaraçar em conflictos internacionaes, e, portanto, com espaço de sobra para emendar na legislação vigente os defeitos que a experiencia lhe tinha posto em relevo; ao partido regenerador, que teve a forçada franqueza de confessar aqui a urgencia de reformas politicas, e commetteu depois o imperdoavel peccado de as adiar indefinidamente com falsos pretextos, e ás vezes até sem pretextos; ao partido regenerador, emfim, que se levanta indignado contra o actual governo, fazendo-lhe cargo de responsabilida-

des que elle não tem, e fingindo ignorar que este governo, obrigado a acceitar instituições e serviços com que se não conformava, tirou ainda assim de circumstancias originalmente viciosas o maior, o mais largo partido que podia tirar.

Eu não conheço responsabilidade maior do que esta, e igual só a vejo *(apontando para o sr. Dias Ferreira)* em quem contribuiu para que este partido se conservasse tanto tempo no poder. *(Muitos apoiados.)*

Sr. presidente: A invocação d'estas responsabilidades não tem a natureza de uma accusação, tem a intenção de uma defeza. Eu não recordo actos maus, praticados pelos adversarios do governo, para justificar actos tambem maus praticados pelos actuaes ministros; o que faço é provar que a mais grave imputação de culpabilidade pelos vicios da ultima eleição não deve ser attribuida aos homens que, ha poucos mezes, foram chamados aos conselhos da corôa, depois de estarem oito annos afastados do poder. A quem

os antecedeu é que essa imputação deve ser referida. *(Apoiados.)* Nas alturas da civilisação em que estamos, oito annos perdidos para a cultura moral do paiz não são cousa tão pequena, não são cousa de tão pouca monta que deva ser esquecida n'uma discussão d'esta ordem que a minoria determinou. Porque foi ella que a propoz, foi ella que a pediu, foi ella que a desenvolveu a pleno gosto da sua paixão partidaria. Não deu n'isto provas de grande habilidade politica, mas fez a sua vontade. *(Muitos apoiados.)* Foi ella que inaugurou este debate, e não quer que uma allusão seja feita a quem preparou e dispoz a situação, em que se produzem fatalmente os effeitos que ella combate com a intrepidez e o desassombro da justiça sem suspeições! Não póde ser. A administração não tem quebras na sua unidade, os ministerios não são um improviso social, o momento presente tira as consequencias do momento que o antecedeu, o dia de hoje explica-se pelo dia de hontem, e o que está assim na realidade das

cousas não póde deixar de estar tambem na logica dos que argumentam e na palavra dos que discursam *(Apoiados.)*

Sei que isto contraría a opposição. Ella teve o cuidado de o significar por varios modos, desde as formaes intimativas dirigidas ao nobre ministro do reino pelo sr. Hintze Ribeiro, que eu respeito muito pelo seu talento e pela sua vitalidade politica, até aos convites, extremadamente moderados, que á maioria formulou o sr. Thomaz Ribeiro, que me enleva como orador e me arrebata como poeta, e cuja voz insinuante e sympathica chega a ser insidiosa para mim, chega a produzir-me este perigoso effeito: adormenta-me os estimulos da paixão partidaria ao mesmo passo que desperta a admiração e o gosto com que eu contemplo os grandes engenhos, principalmente os que se distinguem na arte maravilhosa da palavra. Impressionou-me o convite do sr. Thomaz Ribeiro, recordo-me do discurso em que o exprimiu, e até estou certo de que, n'este discurso, o elogio

classico do partido regenerador teve uma segunda edição, elegante e primorosa, e de que a gente viu desenrolar diante de si as estradas, os telegraphos electricos, os caminhos de ferro, produzidos pela só virtude da regeneração, nascidos da só fecundidade d'ella, como do chapéu de um prestidigitador sáem rolos de fitas ao simples toque de uma vara magica...

Mas deixemos isto; e fique assentado para o que tiver de dizer agora, que é pouco, e para todas as vezes que usar da palavra, que eu entendo que as referencias historicas, desde que não assumam a forma de aggressões pessoaes, são legitimas, são necessarias, e têem perfeito cabimento entre os bons processos da dialectica parlamentar. *(Apoiados.)*

Se o meu illustre amigo, o sr. Rodrigues de Freitas, pozesse a questão eleitoral no mesmo ponto em que a collocou a opposição monarchica, a defeza do governo e dos seus amigos havia de ser a mesma, haviamos de provar-lhe a impossibilidade de substituir em

pouco tempo uma situação de muitos annos, haviamos de invocar a recente historia d'esta casa e do paiz; e todavia o digno representante da idéa republicana nada tem com isso, está isento de toda a responsabilidade na boa ou má gerencia dos negocios publicos, em que nunca interveio senão com a franca affirmação dos seus principios e com a immaculada eloquencia dos seus protestos.

Não sei se a camara está já fatigada de me ouvir. (*Vozes:*—Nada, nada.) Em todo o caso farei por lhe tomar o menos tempo possivel.

Discutirei ainda alguns pontos que foram frisados nos dois discursos que tive a boa fortuna de ouvir; e para isso necessito, antes de mais nada, demonstrar uma proposição que ha pouco apresentei.

Creio ter dito que o partido progressista, subindo ao poder em situação extremamente difficil, tirára o mais largo partido que era possivel das circumstancias que se lhe impozeram. É isto verdade, e a prova encontra-se na comparação dos rapidos e desembaraçados

trabalhos da junta preparatoria, que validou as eleições d'este anno, com as difficuldades em que se envolveu a que no anno passado teve de prestar o mesmo serviço. Escolho o anno passado por ser o termo de comparação mais proximo de nós, sem que pelo meu espirito passe a idéa de fazer retaliações, nem melindrar a susceptibilidade dos oradores que levantaram este debate. E fallo n'isto, que já foi produzido aqui, porque desejo tirar da comparação uma inferencia que ainda não foi ponderada.

No anno passado, como v. ex.ª e a camara sabem, gastaram-se semanas e semanas na validação do acto eleitoral; a opposição arguiu de illegitimos muitos diplomas; os processos eleitoraes estavam cheios de irregularidades—de taes e tantas irregularidades que muitos dos deputados da maioria houveram por bem protestar contra o procedimento do governo, votando contra algumas eleições ou abstendo-se de votar n'ellas. *(Apoiados.)* N'este anno apenas foram questionadas duas

ou tres, e, pelo modo por que o foram, parece-me a mim que se tratava mais de consolar vencidos que de disputar aos triumphadores da urna a genuinidade da sua victoria e a legitimidade dos seus diplomas. *(Apoiados.)*

A opposição disse então, e repetiu agora, que a sua attitude na junta preparatoria se explicava pelo desejo de não embaraçar a rapida constituição da camara, e accrescentou que a todo o tempo era tempo de ajustar com o governo as suas contas eleitoraes.

Não posso deixar de levantar estas palavras.

Pois então é para isto que um partido manda aqui o seu brilhante estado maior, os seus oradores mais eloquentes, os seus caracteres mais dignos, os seus talentos mais provados? Pois um partido confia a alguns homens o sagrado deposito das suas tradições e o precioso thesouro dos seus principios, e esses homens conservam-se mudos, impassiveis, na mais ponderosa discussão que pode

ser trazida ao parlamento, a discussão dos diplomas que habilitam os cidadãos á participação do poder legislativo?! Pois é de tão pequeno alcance esta discussão, quando se tem a certeza, não apenas a suspeita, de que o suffragio popular foi violentado e distrahido do seu legitimo destino?

A explicação dada não passa de um euphemismo politico.

A opposição não discutiu as eleições porque não podia discutil-as, porque sabia que, se o fizesse, os processos haviam de responder-lhe triumphantemente, e porque entendeu que a accusação eleitoral ao governo, deslocada do seu espaço proprio, diluida em affirmações vagas, elevada a uma grande generalidade, poderia surtir melhor effeito ou correr menos perigo de ser inteiramente contradictada.

O plano pode parecer engenhoso, mas creio bem que ha de ser inefficaz.

A opposição nem ao menos pode desculpar-se d'esta falta com o facciosismo da

*

maioria, porque não teve occasião de o conhecer. Nada lhe indicava que ella contrapozesse á evidencia das rasões a somma dos seus votos; pelo contrario, era publico que tinha havido uma combinação entre a maioria e o governo, e que nem o governo protegeria eleição alguma que, por acaso, apparecesse duvidosa, nem a maioria deixaria de fazer do julgamento consciencioso de todas o prefacio condigno do honrado e fecundo capitulo que intenta escrever nos annaes d'esta casa. Demais, se a desculpa colhesse n'esta hypothese, havia de colher em todas, e nós teriamos a profunda magua de ver a opposição assistindo silenciosa, sem voz, sem gesto, á discussão de todas as moções e de todas as propostas, e os fastos do parlamento ficariam sem as formosas paginas que pertencem de direito á opposição pelos seus discursos de resistencia, pela vigorosa affirmação das suas doutrinas, pela eloquente defeza dos seus interesses. Depois, quem ignora o effeito da palavra posta ao serviço da justiça? Quem igno-

ra que, por influencia da tribuna, quando os nimbos da verdadeira inspiração a envolvem, caem ministerios, mudam situações, abala-se nos seus fundamentos o poder mais escorado, ou, pelo menos, preparam-se e dirigem-se essas mysteriosas revoluções da consciencia que, cedo ou tarde, castigam os crimes da liberdade e, ao mesmo passo, glorificam as suas illustres victimas?... Ninguem o ignora, e poucos o saberão tão perfeitamente como os nobres caudilhos da opposição, que teem na oratoria e na sciencia d'este paiz as cumiadas mais eminentes e mais luminosas.

O SR. PRESIDENTE:—Pedia licença ao sr. deputado para lhe lembrar que a hora deu, e que, se deseja continuar o seu discurso, então mando accender as luzes.

O ORADOR:—Não senhor, não é preciso. Ámanhã concluirei as minhas considerações. (*Vozes:*—Muito bem.)

(O orador foi comprimentado por todos os srs. deputados e ministros que estavam na sala.)

Sr. presidente: — Para concluir o discurso que comecei na sessão de hontem, vou fazer ainda algumas considerações, fundamentando a moção de confiança ao governo, que tive a honra de apresentar á camara.

Pouco tempo gastarei a v. ex.ª e á camara, porque, havendo outros cavalheiros que tencionam tomar parte n'esta interpellação, não quero contribuir para que se prolongue demasiadamente este debate proposto pela opposição regeneradora.

Mas antes de passar adiante, permitta-me v. ex.ª que eu agradeça rendidamente á camara, sem distincção de partidos, as provas de extrema benevolencia com que se dignou receber a minha pobre palavra, e os testemunhos de superior consideração com que me honrou na prova mais difficil, mais solemne talvez de toda a minha vida. Não me esquecerei nunca d'essas provas de benevolencia, não me esquecerei nunca d'esses testemunhos de consideração; e affirmo a v. ex.ª e á camara que elles hão de servir para me radicar mais

no espirito os meus sentimentos de lealdade ao partido progressista, de respeito e delicadeza para todos os adversarios do meu pensamento politico, e de extremosa dedicação á liberdade, que é o commum objectivo dos nossos cultos, por mais diversos que pareçam nas suas formas, e á patria, que deve ser o centro de gravidade a que tendam os propositos e as deliberações da nossa consciencia de homens publicos.

Agradeço á camara a sua bondade, e agradeço-a tanto mais... Motivos de bem entendida delicadeza inhibem-me de completar o meu pensamento.

E prende com isto uma referencia que eu faria hontem ao meu illustre amigo o sr. Rodrigues de Freitas, que tive occasião de nomear, se s. ex.ª estivesse presente n'esta casa quando usei da palavra.

Fallei no sr. Rodrigues de Freitas para provar que as allusões que formulei relativamente ao partido regenerador não eram, estavam longe de ser a traducção do proposito,

calculadamente meditado, de magoar os illustres cavalheiros que teem n'esta camara a principal responsabilidade das glorias e dos infortunios do partido regenerador. Disse que, se s. ex.ª entrasse n'este debate e produzisse contra o governo as accusações a que respondo, eu havia de usar para com s. ex.ª do mesmo systema de defeza, havia de provar a impossibilidade de quebrar n'um momento a tradição moral do paiz, havia de invocar os factos recentes da nossa vida politica, não obstante estar certo de que o veneravel representante do partido republicano nada tem com isso, está isento de toda a responsabilidade na boa ou má gestão dos negocios publicos, em que nunca interveio senão com a elevada affirmação das suas doutrinas e com a formosa e desassombrada eloquencia dos seus protestos.

Foi isto o que disse, e o que accrescento agora é um pedido á bondade de s. ex.ª para que me permitta devolver-lhe, para melhor emprego, as palavras que me dispensou no

seu memoravel discurso de resposta ao illustre deputado o sr. Pires de Lima sobre o incidente religioso que se levantou aqui — e tambem para que me consinta repetir em publico o que já lhe disse em particular: Não lhe perdoaria essas palavras, não lh'as perdoaria nunca, se as não conhecesse nascidas de uma irreflexão explicavel pelo calor do improviso e tambem de um affecto que eu estimo muito, de uma sympathia que me interessa vivamente e elogia tanto o seu coração como honra a minha humildade.

O sr. Rodrigues de Freitas teria salvado a integridade das suas faculdades criticas se accrescentasse á sua phrase um prudente correctivo, se, por exemplo, imitasse Dupanloup que, interrogado por um jornalista americano sobre os meritos de mr. About, disse que este era o primeiro escriptor francez... pela ordem alphabetica! O meu benevolente amigo não fez isso, e as suas palavras, que eram já de uma hyperbole fora de toda a medida, ainda foram exageradas por forma que o meu nome

appareceu, de um dia para outro, com uma grande celebridade, com uma celebridade . . . que excedeu as mais envaidecidas previsões do meu espirito!

Isto não estava com certeza nas intenções do eminente deputado, mas estava um pouco na logica das suas palavras, contra as quaes a graça nacional protestou já em prosa e verso, e agora protesto eu com toda a sinceridade do meu animo muito agradecido, mas um pouco contrariado...

E deixemos isto.

Sr. presidente: Eu disse hontem, entre as considerações que tive a honra de apresentar á camara, que esta interpellação sobre os acontecimentos eleitoraes me não parecia uma das maiores provas da habilidade politica da opposição. Disse-o hontem e repito-o agora.

Se a opposição entende que os actuaes ministros não occupam de pleno direito aquellas cadeiras; se entende que a sua conservação n'ellas é um grave perigo para a felicidade do

paiz; se julga que chegou o momento de os substituir no governo — esta discussão é contraproducente, porque uma discussão d'estas serve somente para apertar cada vez mais os laços que prendem os deputados da maioria, e dar assim aos representantes do poder executivo uma nova força, um verdadeiro elemento de vida.

O que me parecia mais curial, sob este ponto de vista, era aguardar as propostas do ministerio da fazenda, contra as quaes annunciaram que haviam de inscrever-se dois distinctos oradores da opposição, os srs. Julio de Vilhena e José Dias Ferreira, e outros se inscreverão depois; era aguardar essas propostas, interessar no debate as naturaes reluctancias dos contribuintes, aproveitar as hesitações de um ou outro membro da maioria, se algum as tem, como se espalhou e espalha ainda, (bem contra a verdade das cousas, segundo creio), (*Apoiados*) e depois d'isto, para culminação d'esse plano, elevar á maior altura a questão politica, precipitar aquelles homens

das cadeiras do poder, e subir logo a ellas para vingar e redimir o direito insultado, a justiça offendida e a liberdade em martyrios. *(Apoiados).*

Isto era o que me parecia mais habil; mas é possivel que me illuda muito, porque sou homem novo n'esta camara e na politica, e por isso ainda não dei o tempo preciso para adquirir os processos de habilidade pratica, que o sr. Dias Ferreira nos descreveu hontem aqui em traços de mestre.

Se a opposição me fizer a honra de me responder dir-me-ha talvez que não foi, que não quiz ser habil, porque quiz ser e foi effectivamente digna. Prevendo este argumento, permitta-me a opposição que eu diga: digna nas suas intenções, de pleno accordo; objectivamente, na direcção que imprimiu a este debate, de modo algum.

Ella teria sido digna, no ponto de vista politico, se, em vez de esmiuçar com paciente analyse os casos das confrarias de Porto de Moz e dos Arcos de Valle de Vez, e os

das misericordias de Vizeu e de Lamego, e os dos subsidios para concertos de igrejas, subsidios aliás concedidos por verbas consignadas no orçamento e accusados agora por quem os solicitou, *(Apoiados)* e ainda o caso de um certo administrador de concelho que pediu a um parocho muitas certidões de baptismo; ella teria sido digna, se em vez de fazer isto, que a pouco se reduz depois de caír da oratoria brilhante do sr. Hintze Ribeiro na fria reflexão dos seus ouvintes, viesse descrever os males do paiz, que são muitos, indicar as suas causas, que são complexas, apontar-lhes os remedios, que são realmente custosos, e, em contradicção aos actos e principios do governo, fazer aqui a mais larga propaganda dos principios do seu partido. *(Apoiados).*

É assim que procedem sempre as opposições que se preoccupam mais com os grandes interesses da politica do que com as pequenas ambições do poder. *(Apoiados).* Foi assim que procederam os promotores do mo-

vimento reformista que reclamaram de Luiz Filippe a liberdade eleitoral, e que a reclamaram insistentemente, empregando esforços de toda a ordem, durante nove annos, desde o ministerio Dufaure até aos ultimos dias do ministerio Guizot. Foi assim que procedeu Gambetta na sua gloriosa campanha contra os ultimos ministerios de Mac-Mahon, campanha que deu em resultado a paz á França e, á consciencia humana, a consolação de ver á frente do primeiro povo do mundo o filho mais modesto e mais virtuoso d'esse povo. *(Apoiados).* Foi assim que procedeu ha pouco Gladstone, percorrendo a Inglaterra e a Escocia, e diffundindo por todo o paiz as doutrinas que sustenta no parlamento com incomparavel vigor e extraordinaria eloquencia. Foi assim que em 1865 procedeu o sr. Dias Ferreira, que sinto muito não ver presente, quando apresentou aquelle projecto sobre o recrutamento de que hontem nos fallou, e que infelizmente adormeceu de tão profundo somno, de tão invencivel somno que nem

o seu proprio auctor o póde despertar em 1868 e 1870! *(Apoiados)*. Foi assim que procederam os chefes do meu partido no longo periodo de adversidade que antecedeu a sua elevação ao poder, como é sabido de todos, como está na memoria de todos. *(Apoiados)*.

Ponho ponto nas considerações de politica geral, para que aliás o meu espirito se inclina sempre gostosamente, mas a que me não daria com tanto espaço se não fosse convidado a isso pela indole do discurso do sr. José Dias Ferreira, a que tenho a honra de responder.

Eu apresentei uma moção de confiança ao governo, e como esta moção appareceu depois de varias considerações hostis ao pensamento d'ella, parece-me conveniente tocar, ainda que de passagem, em algumas d'essas considerações, para que não pareça que fujo intencionalmente para a generalidade da questão.

Entre os artigos do libello produzido contra o governo, avulta principalmente o emprego da força armada, a demissão de varias auctoridades, e a transferencia de muitas outras.

O emprego da força armada foi o thema predilecto do illustre deputado interpellante. Á pintura d'este quadro serviram as mais feias e carregadas cores. Se um direito publico, consignado na constituição do estado, tivesse sido supprimido pela tyrannia do poder; se as sagradas garantias dos cidadãos houvessem sido suspensas pelo despotismo do governo — o illustre deputado da minoria, representante da consciencia nacional justamente indignada, não levantaria mais a sua voz, a desaffronta da liberdade não seria mais vehemente, o grito de alarma não seria mais afflictivo!

O quadro é perfeito como obra de arte.

Desculpem-me v. ex.ª e a camara, mas a minha phantasia, desprendida por momentos da rasão que a sujeita e domina, chega a figu-

rar com gosto esta imponente scena, verdadeiramente moderna, em que seis tyrannos são flagellados pela palavra vibrante do tribuno do povo, e as cadeiras em que elles se sentam transformam-se-lhes em ignominioso banco de réus, e a liberdade, esta sublime escrava redimida no fogo das revoluções, prostra a seus pés, rende aos seus golpes o despotismo constitucional, este abominavel e ridiculo velho pintado á moderna, que tem ainda na sua decrepitude os maus costumes e os pessimos instinctos da sua remota mocidade . . .

Infelizmente para a minha imaginação, mas muito felizmente para a minha consciencia, tudo isto é vão, tudo isto é infundado, e o terror do illustre deputado, que creio muito sincero, ha de dissipar-se aos primeiros clarões da sua intelligencia, desenevoada e limpa da paixão que a obscurece agora.

Repugna-me muito, repugna-me invencivelmente o emprego da força armada no acto eleitoral, e vou até consideral-o como um dos maiores crimes que um governo pode

commetter; e affirmo a v. ex.ª que se o actual ministerio perpetrasse esse crime, se fosse procedente a accusação que se formula contra elle, eu não o apoiaria mais, eu nunca mais me levantaria n'esta casa a contradizer com o meu voto ou a aparar na minha palavra as censuras que lhe dirigissem os seus adversarios. Elle nada perderia com isso, porque sou soldado inexperiente e debil nos combates da tribuna; mas abandonando-o, e perdendo assim uma das mais queridas illusões do meu espirito, levaria commigo a minha consciencia toda . . .

Nas ultimas eleições houve, e este ponto foi perfeitamente frisado no discurso do sr. Hintze Ribeiro, um extraordinario movimento de força armada, e este facto, não tendo a explical-o rasões ponderosas, é de si mau, muito mau. O apparato militar desdiz do exercicio da liberdade. A decoração propria do suffragio é outra: é o manifesto, a propaganda, a discussão pela imprensa, a apresentação pelo *meeting* de idéas e pessoas.

Mas ha, com effeito, rasões que desculpem o governo? Ha, e por mais estranho que isto pareça á primeira vista, essas rasões encontram-se na attitude violenta que a opposição assumiu na lucta eleitoral.

(Para o sr. Julio de Vilhena, que fizera um movimento de negação.)

V. ex.ª sabe tão bem como eu, ou melhor do que eu, as condições em que se deu a ultima lucta eleitoral; v. ex.ª sabe, além d'isso, que quando as opposições estão enfraquecidas, quando, por qualquer circumstancia, se apresentam moderadamente nos collegios eleitoraes, não ha nunca a lamentar excessos e demasias dos governos.

Um dos partidos da opposição tinha saído havia pouco do poder, e tinha saído muito contra a sua espectativa e muito contra a sua vontade, e, por isso, entrando na lucta, deu-lhe um caracter apaixonado, imprimiu-lhe a feição de uma guerra de vida ou de morte. Queria, a todo o custo, reconquistar a eminente posição em que estivera, e, talvez, pro-

testar assim contra quem o julgou menos competente para continuar na governação do paiz...

Não lhe levo isto muito a mal.

O outro partido havia estado por algum tempo em boas relações, em amoravel e estreita alliança com o governo. Separou-se d'elle por boas ou más rasões, e, como o divorcio se realisou no periodo eleitoral, aconteceu o que era de prever: manifestaram-se perante a urna os resentimentos e as indignações que acompanham sempre um rompimento d'aquella especie.

Á acção correspondeu a resistencia. A lucta generalisou-se com este caracter ardente e insoffrido, o receio da desordem appareceu em toda a parte, e as auctoridades locaes, que eram responsaveis pela tranquillidade publica, fizeram as requisições de força armada que a opposição tanto recrimina agora.

O exame das eleições, feito desprevenidamente, prova que esta é a verdade dos factos. *(Apoiados).*

Pois se o fim do governo era violar a urna e affrontar a consciencia dos cidadãos, como aconteceu que a urna não foi violentada, nem os cidadãos opprimidos no exercicio dos seus direitos? *(Apoiados.)*

Já disse hontem e repito hoje: esta eleição não é um modelo, não é a traducção exacta de um ideal excellente, mas, em todo o caso, o que póde affirmar-se é que não houve n'esta eleição, como em tantas tem havido, a flagrante inversão dos principios que devem presidir a uma manifestação publica d'esta ordem. *(Muitos apoiados).* A presença da força armada nas cabeças de concelho e assembléas primarias não intimida os que vão exercer o seu direito; o que faz, e ainda bem, é conter os que vão com o damnado intento de attentar contra a ordem publica e contra a liberdade individual.

Creio, sr. presidente, que n'esta eleição, o movimento da força armada foi maior do que nas que a precederam. Não tenho aqui o meio de fazer a comparação, mas creio que

foi maior. Tambem raras vezes a lucta se terá generalisado tanto. O fogo rompeu em quasi toda a linha. A urna foi disputada palmo a palmo, momento a momento. A opposição, julgando-se forte, entendeu que devia mostrar em toda a parte o seu valor e a sua influencia. Por tudo isto, o receio da desordem, que, n'outras occasiões, apenas em dois ou tres circulos se tem feito sentir, na ultima eleição estendeu-se a quasi todos os circulos do paiz.

A intervenção da tropa, nas condições em que teve logar, foi uma medida preventiva, que salvou talvez o acto eleitoral de grandes crimes e de desgraças que, em muitas terras do paiz, transformariam em funebre mortalha a purpura da soberania popular.

A indole geral d'esta ultima eleição, tendo-se dado tão grande movimento de força publica, não é pequeno elogio para o governo e para o partido que o sustenta. Resistiram a uma prova difficil; jogaram com fogo, e não se queimaram; tiveram á sua disposi-

ção o meio, tantas vezes usado, de dirigir as votações no sentido que se quer, mas, porque esse meio era indigno, evitaram-no. Para outros partidos e para outros ministerios esse meio tem sido de fascinações irresistiveis!...

Fallou-se em Valle Passos. Alguem responderá, e responderá de um modo triumphante, a esta parte do discurso do sr. Hintze Ribeiro; eu limito-me a dizer que o que aconteceu em Valle Passos foi uma verdadeira desgraça alheia a toda a significação politica. Lamento-a profundamente. A minha phantasia, naturalmente impressionavel, representa-me o lugubre cortejo de infortunios que se seguiram á perda das vidas, sacrificadas n'essa povoação do meu paiz; a nota sentimental, que desprendem de si os factos luctuosos, teve sempre no meu espirito o echo mais sympathico e mais extenso.

Mas sobre isto que ha a fazer agora e aqui? Apenas sentir como portuguezes que esses infortunios se dessem, e lamentar, como liberaes, que coincidissem com o momento so-

lemne em que a nação traduzia pelo voto os direitos da sua consciencia.

Se, porém, é necessario prender os causadores d'esses infortunios, e arrastal-os á campa dos assassinados em Valle Passos, e castigal-os alli com indignadas exprobações, procurem-se, arrastem-se lá e castiguem-se. *(Apoiados).* Tenho certeza de que os seus nomes não se encontram na inscripção do partido progressista; *(Muitos apoiados)* mas, e que se encontrassem, isso não importava um labéu para elle, como não vae denegrir o partido regenerador nas suas tradições e nos seus caracteres dominantes a circumstancia de lhe pertencerem os nomes dos que, nas proximidades do Porto, attentaram contra a vida do meu eloquente e honrado collega o sr. Tavares Crespo. *(Muitos apoiados).*

Sr. presidente: A transferencia de empregados publicos é outro formidavel argumento produzido contra o governo. Para impressionar o espirito publico, não ha nada como isto. Exhibe-se o governo em flagrante offen-

sa do mais inviolavel de todos os direitos, o direito de liberdade, e explana-se ou deixa-se adivinhar, consoante a opportunidade oratoria, a peripecia dramatica em que os empregados publicos apparecem como victimas innocentes da tyrannia e martyres sympathicos da independencia propria e da isenção politica.

O sr. ministro do reino demonstrou hontem no seu memoravel discurso que, para annullar o effeito de uma estatistica cuidadosamente organisada, não ha como as conclusões oppostas de outra estatistica cuidadosamente organisada tambem. Mas eu não farei confrontos, assim como me não demorarei em provar que o governo, demittindo e transferindo os empregados que demittiu e transferiu, estava no plenissimo direito das suas attribuições. Não é isto o que se discute. O que se questiona é se o governo, servindo-se da lei, executando-a como a executou, obedeceu ou não aos principios que devem dirigir todos os governos liberaes e tolerantes, e principalmente os que tem no seu programma

inscriptas as ultimas conclusões da philosophia politica.

Eu respondo affirmativamente. As transferencias realisadas pelos ministerios da fazenda e da justiça não foram uma perseguição por motivos politicos, nem um expediente para fins eleitoraes; foram um castigo justamente applicado a funccionarios que, contra as conveniencias do serviço publico, contra as instrucções do governo, contra os interesses da liberdade e da justiça, se envolveram na lucta eleitoral, fazendo da sua posição official uma arma contra o governo, e das dependencias dos seus cargos uma violencia contra os eleitores. *(Muitos apoiados).*

Pois acredita alguem que o governo transferisse, removesse empregados só para fazer mal, para determinar inimisades, para crear resistencias?!

E pode alguem sustentar que um partido forte, energico, cheio de responsabilidades e conscio d'ellas, com vontade de chegar ao seu fim, com necessidade de assignalar hon-

radamente a sua passagem pelo poder; sustenta alguem que um partido n'estas condições deve cruzar os braços diante das machinações hostis dos empregados amoviveis e sacrificar assim a uma falsa tolerancia, a uma verdadeira relaxação, os justos interesses do seu partido, os solemnes compromissos do seu passado, a realisação de reformas de que dependem os progressos e augmentos do paiz?

Essa tolerancia, que é uma verdadeira fraqueza, que é a cobardia dos governos diante de soluções irritantes mas justas; essa tolerancia, que ahi apparece enfronhada n'uma rhetorica merecedora de mais alto objecto; essa tolerancia, que tantas vezes tem usurpado o nome de liberdade, quando é realmente a mais subida manifestação do egoismo no poder; essa tolerancia quadrará bem aos partidos que não tenham uma alta missão a cumprir, um grande ideal a realisar, uma enorme responsabilidade a resgatar diante da opinião e diante da historia. Estes taes, como se não

cansam em locubrações custosas e fecundas, teem tempo de sobra para corromper as consciencias, tentar os animos fracos e dispor com habilidade o triumpho manso, mas carissimo, da sua causa; e a praticarem actos de força legitima, a fazerem a sua politica á luz do sol e ás vistas de todo o mundo, preferem derivar as graças do estado para as correntes eleitoraes, e colorir, a final, com as apparencias da tolerancia a intima fermentação de todos os vicios politicos.

É habil e commodo este systema, mas ha partidos que não gostam d'elle.

A regeneração, quando subiu ao poder em 1871, encontrou pouca resistencia nos empregados publicos, e essa mesma sem importancia, porque a opposição estava muito enfraquecida e inteiramente impossibilitada de conquistar o poder. A opposição foi-se robustecendo na adversidade, mas a par e passo que isso se fazia, a regeneração ia renovando o pessoal das secretarias, promovendo reformas, creando logares, determinando aposentações,

concedendo beneficios. O partido progressista entrando para o poder encontrou este estado de cousas que devia respeitar, e respeitaria de certo, se os beneficiados da regeneração cumprissem o seu dever, que era completa abstenção no acto eleitoral. Este dever foi-lhes recommendado expressamente com a devida comminação de penas. Como o dever não foi cumprido, os effeitos fizeram-se sentir.

Nada mais natural; nada mais justo.

Eu sei que o mobil dos actos punidos nos empregados publicos foi um sentimento que honra a natureza humana, um sentimento que eu elogio e venero sempre que a sua manifestação não lesa os direitos do estado ou interesses de terceiro. Refiro-me ao sentimento de gratidão que animava os empregados publicos para com o partido regenerador, a quem deviam, pela maior parte, a sua collocação ou melhoria de estado, porque oito annos renovam e alteram todos os quadros, dão logar a muitas promoções, e são espaço de sobra para collocar amigos e afilhados nas posições offi-

ciaes do paiz; refiro-me a esse sentimento, e grande magoa tenho de que, na sociedade portugueza tão avara de virtudes, a divina qualidade do reconhecimento manifestada nas ultimas eleições logo o fosse por fórma que tornou necessaria a sua immediata repressão. Mas não podia deixar de ser. Quando o governo recommendava ás auctoridades administrativas toda a neutralidade na lucta que se avisinhava, conservar funccionarios que o guerreavam abertamente, com evidente damno dos serviços publicos, seria uma contradicção e uma fraqueza indesculpaveis.

Pois havia de consentir-se que os representantes do ministerio publico, os funccionarios de mais delicadas attribuições, aquelles cujo procedimento deve ser como a honra da mulher de Cesar, que nem podia ser suspeita; pois havia de consentir-se que estes funccionarios descessem ao prelio eleitoral, levassem lá as suas togas, e dessem côr partidaria ao que ha de mais austero, de mais elevado, de mais inimpressionavel: a justiça? *(Apoiados)*.

Pois havia de consentir-se que os empregados da fazenda, cujos cargos são de natureza melindrosos e irritantes, se bandeassem com os partidos em lucta, e insinuassem assim no espirito publico a possibilidade da mais monstruosa e flagrante iniquidade no exercicio das suas funcções? *(Apoiados)*. Pois ignora alguem que nas eleições só pesa, só vale quem pode fazer serviços e dispensar obsequios, e que uns e outros prestados pelos empregados de fazenda hão de necessariamente ser feitos com offensa da lei ou com prejuizo de terceiro? *(Apoiados)*.

Ninguem ignora isto, mas uma parte d'esta camara pretende ver um acto de intolerancia partidaria onde ha unicamente um acto de boa e excellente administração. *(Apoiados)*. Pois faça isso. O paiz vê a todos, e julga a todos.

O illustre ministro da fazenda, que aproveito esta occasião para saudar com toda a admiração que me inspira a sua auspiciosa, distincta e fecunda estreia ministerial; o illus-

tre ministro da fazenda, cujas nobilissimas qualidades de espirito e de coração são o fundamento de uma das mais caras esperanças do paiz, e em quem o amor da patria, o culto á lei e o respeito pela liberdade são qualidades dominantes e reconhecidas; *(Apoiados.)* o sr. ministro da fazenda mandou pouco antes das eleições recolher aos seus logares todos os empregados das alfandegas, que a bondade da situação transacta tinha amontoado nas alfandegas de Lisboa e do Porto, e bem sabia s. ex.ª que isto lhe havia de trazer muitissimas complicações, que isto se havia de traduzir em muita votação contraria, e que n'este paiz, em que a arte de mendigar protecções e valimentos é perfeitissima, os seus melhores amigos haviam de ser importunados com supplicas e depois contrariados com negativas. O nobre ministro sabia isto e, sem embargo, nas vesperas das eleições levou a effeito esse acto, que, se o colloca n'uma situação inferior aos ministros habeis do nosso paiz, certamente o collocou a par dos verdadeiros

estadistas para quem a honra civica e o cumprimento do dever são normas sagradas e preceitos impreteriveis. (*Muitos apoiados*).

E é contra este conselheiro da corôa que se levanta a accusação de crueldade e de intolerancia politica! (*Apoiados*).

Mas que admira, se o nobre ministro do reino, cujos intuitos liberaes fazem escola n'este paiz, (*Apoiados.*) e cujos profundos estudos são, na confissão de amigos e adversarios, uma honrosa excepção na ociosidade politica da nossa terra; (*Apoiados.*) que admira, se este eminente estadista, que teve durante muito tempo o plano — por alguem julgado impraticavel mas agora em via de realisar-se — de elevar as instituições politicas do paiz á maior perfeição de que ellas são capazes, meditando e affeiçoando ás nossas peculiares condições o que ha de melhor e mais provado nos paizes exemplarmente constitucionaes do mundo; que admira, se elle, só porque accedeu aos pedidos de demissão feitos por varios funccionarios administrativos,

e demittiu outros que não solicitaram a sua exoneração, foi acoimado de cruel, vingativo, odiento, e brindado ainda com outros qualificativos peiores! (*Muitos apoiados.*)

Queria a opposição que se conservassem os empregados de confiança que tinham servido com a situação transacta, que serviam com a actual e que, por uma coherencia que debaixo de certo ponto de vista é louvavel, serviriam ainda com outras situações! (*Apoiados.*) Os meios eram execraveis, mas os fins eram excellentes. (*Apoiados.*) A confiança politica não ficava sendo mais do que uma mascara de côr variavel que se afivelava e compunha a geito da occasião! Acabavam assim uns restos, que ainda ha, de pudor civico e de honra publica!...

Era isto justo? Era isto conveniente? Era isto consentaneo á indole de um partido novo, novo pelos seus principios, novo por muitos dos seus homens que, depois de se educarem longamente na adversidade, subiam ao poder impulsados pela opinião

publica? Sel-o-ia n'este caso: se a mudança do governo fosse apenas mudança de pessoal no ministerio. Mas tal não foi. Este governo está evidenciado aos contrarios e aos indifferentes que não pode, não quer, e não deve confundir-se com o seu antecessor. (*Apoiados.*)

Este era conservador, confessa e convictamente conservador, emquanto que o ministerio actual é rasgadamente progressista, ainda com risco de encurtar os dias da sua duração. (*Apoiados*). Aquelle vivia commodamente do credito, ao qual pedia os supprimentos das receitas para as despezas do estado, accommettidas de uma progressão assustadora; este inaugurou uma administração prudentemente economica, cuja reducção de despezas se vae fazendo sentir de dia a dia, e tambem desassombradamente corajosa para descrever o estado das finanças publicas e appellar para o patriotismo dos cidadãos, cujos sacrificios são impreteriveis e indispensaveis. (*Apoiados*). Aquelle, reconhecendo a urgencia de

adiantar os processos da nossa educação politica, combateu depois systematicamente todo o proposito de realisar esse pensamento, e deixou o direito publico como o encontrou, apenas um pouco mais velho e desacreditado: o ministerio actual ennobrece as suas propostas com a da responsabilidade ministerial, que é a democratisação civil do governo, até agora protegido por uma concepção feudal que o exaltava acima do direito commum; com a reforma do tribunal de contas, que de sumptuoso mausoleu das nossas aposentações politicas se transforma agora n'uma instituição publica efficaz e prestadia; com a reforma da instrucção primaria e secundaria, á qual está vinculado tambem o nome por muitos titulos glorioso do sr. Sampaio, reforma reclamada ha muito tempo, mas só agora em via de fructificar; com a representação das minorias, que, em materia eleitoral, nos colloca a par da Dinamarca, da Inglaterra, das nações mais cultas da Europa e de muitos estados do norte da America.

O ministerio e o partido progressista não se confundem, não se parecem com o ministerio e o partido regenerador; divergem d'elle no poder como divergiam na opposição, e, por isso, a identidade do pensamento politico não podia ser invocada para a conservação dos empregados de confiança que a administração passada legou ao actual governo.

Ora, liquidado isto, accusar o partido progressista pelo seu procedimento com os empregados publicos, é ir contra todos os principios geralmente acceites e muitas vezes formulados pelos homens importantes de todos os paizes.

O respeitavel chefe do partido regenerador foi ha poucos annos arguido n'esta casa pelas transferencias que realisava no ministerio da guerra, e a resposta que elle deu, resposta que não soffria replica, foi esta: «Se eu tivesse de explicar aqui os motivos de confiança ou desconfiança que me inspiram os meus subordinados, não me conservava no poder mais um momento, não hesitava em

entregar a minha demissão nas mãos de Sua Magestade.»

Dizia isto o eminente parlamentar, cuja auctoridade é ponderosa para todos os partidos d'esta casa e de todo o ponto insuspeita para um d'elles.

Eu ainda produzirei mais alguns exemplos. Na França, a despeito da guerra que interesses de longa data estabelecidos teem feito á conservação da republica, o governo vae pouco a pouco, lentamente mas com vigor, libertando os empregos publicos dos seus mais salientes inimigos, e nem o exercito, que é a tradição viva das suas velhas glorias, nem a magistratura, em toda a parte cercada de distincções e immunidades, escapam ao principio que colloca fora das posições officiaes os funccionarios que contradizem e combatem o pensamento politico dominante. Esta era a opinião de Thiers, opinião que elle accentuou n'uma apreciação do movimento de julho, e as palavras d'este venerando estadista, cuja memoria é hoje um dos mais fervo-

rosos cultos da sua patria, teem sido muitas vezes citadas no longo debate a que tem dado logar a questão dos funccionarios publicos. Thiers referia-se evidentemente ás transformações radicaes de governo, e não ás mutações politicas dentro do mesmo systema; mas, se o principio é verdadeiro, a sua applicação não deve restringir-se áquelle caso mas estender-se a todas as hypotheses, ainda que prudentemente e nas devidas proporções. Assim o comprehendeu o actual gabinete francez presidido pelo sr. Freycinet. Haja vista ao que fez o ministro da guerra que, apenas tomou conta da sua pasta, dispensou todos os directores geraes do seu ministerio. E o gabinete de Freycinet tem as sympathias da França, e os seus creditos estão já perfeitamente estabelecidos em toda a Europa.

Mas eu posso invocar ainda outras auctoridades; posso até invocar a maior auctoridade d'esta casa e d'este paiz em pontos de nobreza civica e de honrada eloquencia parlamentar. José Estevão, o mais estrenuo defen-

sor da liberdade portugueza, como o virtuoso Passos Manuel lhe chamou; o grande, o incomparavel orador, cujos ultimos alentos o partido historico teve a boa fortuna de receber em seu seio, e cuja memoria o paiz guarda religiosamente entre cultos sempre vivos de admiração e de saudade; (*Vozes:*—Muito bem.) José Estevão, defendendo n'esta casa um ministerio, tambem arguido de muitas transferencias e demissões, disse estas memoraveis palavras:

«As opposições devem combater os systemas dos ministros, mas não offender os principios governativos; porque fôra absurdo tornar o governo impossivel para obviar aos seus erros. Todo o governo tem direito de demittir e transferir os empregados que não lhe inspiram confiança, e de os substituir por outros que lh'a mereçam. Se estivessem n'aquellas cadeiras quatro ministros miguelistas e elles pozessem em logares de confiança os seus amigos politicos, eu havia de fazer-lhes opposição constitucional, mas di-

zia-lhes: estaes no vosso direito, não estaes no vosso logar.»

Assim se exprimia o grande orador cuja palavra, bastante para defender um pequeno povo contra os insultos de uma grande nação, nunca teve outra inspiração que não fosse o amor da patria, que elle estremecia como filho, e a religião da liberdade, que elle zelava como sacerdote.

Escudado com esta eminentissima auctoridade eu affirmo que o ministerio actual, procedendo como procedeu, estava no seu direito. (*Vozes:*—Muito bem.) Agora veja a opposição, consultando a sua consciencia e volvendo os olhos para o estado do paiz, se aquelle ministerio está ou não no seu lugar.

Vozes:—Muito bem, muito bem.

(O orador foi cumprimentado pelos membros do gabinete e por grande numero de srs. deputados.)

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO NOCTURNA
DE 11 DE MAIO DE 1880

Sr. presidente:

Começo por ler a minha moção de ordem.

(Leu.)

Eu não apresentaria esta moção se me pertencesse a palavra pouco depois de a pedir, como contava; apresentaria outra relacionada com o incidente que o sr. Julio de Vilhena determinou improvisamente com o requerimento que, na sessão do dia, dirigiu a v. ex.ª

O que me fez dar o nome para a inscripção geral d'este projecto foi parecer-me, a meio do discurso do sr. Julio de Vilhena, que este illustre deputado voltava a reviver a dis-

cussão da influencia que a Turquia teve no espirito do nobre ministro da fazenda, a apreciação litteraria do seu relatorio, e mais a duvida sobre se o plano financeiro de s. ex.ª era ou não um systema completo de sciencia economica — como se para um positivista, qual se diz e apregoa o talentoso orador da opposição, aquella sciencia passasse de um montão de factos e de idéas sem principio definido e sem evolução determinavel!

Em tal hypothese eu queria estranhar com energia, mas com urbanidade, que uma parte da opposição, da opposição que deve ser a guarda nobre dos direitos populares, assumisse perante o imposto de rendimento a attitude que assumiu, substituindo pela ironia o argumento, empregando a graça e o *espirito* em vez da demonstração e da sciencia, e introduzindo uma palavra apaixonada e irritante onde só devia empregar a eloquencia seria, forte, convicta, unicamente inspirada nos interesses do povo e no amor da verdade. *(Apoiados)*

Momentos depois de pedir a palavra tive a grande satisfação de ouvir do illustre deputado as mais satisfactorias explicações, e de reconhecer que as palavras asperas do seu eloquente discurso não podiam de forma alguma significar o proposito de maguar o nobre ministro que tem a seu cargo a mais difficil pasta, nem esta maioria que, alem de outros titulos que a recommendam á consideração publica, tem o de se ver n'este momento na dura necessidade de votar novas leis tributarias. E este titulo é muito importante, é muito ponderoso, porque aquella necessidade, na realidade dolorosissima, não foi creada por nós. *(Apoiados.)*

Este seria, em resumo, o meu discurso na sessão passada, se então me coubesse a palavra; mas, usando d'ella a algumas horas do incidente que me levou a inscrever-me, entendo que devo dar-lhe nova direcção e justificar, como me for possivel, a moção que tive a honra de ler á camara.

Sr. presidente: N'esta altura não devo

fazer uma exposição doutrinal da materia que se discute. Isso seria superfluo depois do discurso profundamente scientifico, e em tanta maneira notavel, do illustre relator da commissão de fazenda. (*Muitos apoiados.*) Se tive alguma idéa parecida com isso, ella ficou prejudicada depois do modo brilhante e proficientissimo por que s. ex.ª resgatou as responsabilidades da sua posição n'este projecto.

É outro o caminho que devo seguir. Seguil-o-hei. Eu approvo em plena consciencia o imposto de rendimento e firmo-o com o meu nome no relatorio da commissão de fazenda; e, pois que este imposto tem sido tão rudemente combatido fora e dentro d'esta casa, principalmente fora d'esta casa, e contra elle se tem procurado indispor a opinião publica, não será descabido que exponha, summariamente que seja, as razões do meu procedimento. Por outro lado parece-me que não é fora de proposito nem de tempo que, dominando a discussão realisada já, formule a sua moralidade politica. É o que vou fazer.

A opposição fez do imposto de rendimento um pretexto para toda a questão de fazenda. Á excepção do sr. Dias Ferreira, que se accingiu ao assumpto, os oradores inscriptos contra o projecto tocaram-lhe de leve, divagando livremente por todo o plano financeiro do governo, e fazendo n'isto o mais consideravel dispendio de eloquencia e de coragem. De coragem principalmente, apesar da eloquencia ser muita! *(Riso.—Muitos apoiados.)*

O sr. Hintze Ribeiro analysando no seu longo discurso, longo e muito eloquente, todo o relatorio do sr. ministro da fazenda, pequeno espaço consagrou ao imposto de rendimento; o sr. Julio de Vilhena, entrincheirando-se na questão do emprestimo, a menos actual de todas as questões de fazenda, *(Apoiados.)* despediu d'ali os raios da sua fulgurante palavra para todos os pontos da politica governamental. Nos discursos d'estes dois illustres oradores notei eu, e provavelmente notaram tambem todos os membros d'esta camara, que era muito pequena a quan-

tidade de argumentos contra o imposto que se discute, e mais que era completa a ausencia d'aquelle ardor guerreiro com que ameaçavam a proposta ministerial e quem a defendesse. *(Apoiados.)*

O sr. Dias Ferreira, esse, sim, tratou do imposto do rendimento como de assumpto obrigado n'esta discussão, sem comtudo deixar de o relacionar com as multiplas faces da questão de fazenda. Folguei muito de ouvir o illustre chefe do partido constituinte cuja nobre palavra, sempre cortez e eloquente, pode apresentar-se como exemplar em todo o genero de discussões. *(Muitos apoiados.)* Edificou-me a alta serenidade com que s. ex.ª expoz as suas idéas, a verdade com que julgou o passado financeiro do paiz, e as suas excellentes aspirações para o melhor na politica e na economia da nação. No seu discurso revelou-se a largueza de pensamento, que é propria de um estadista, e a reflexão energica e fecunda, que é caracteristica dos espiritos superiores.

Na parte em que frisou as responsabilidades relativas á decadencia das nossas finanças disse grandes verdades, verdades incontestadas, e a que pouco faltou para serem verdades completas. O pensamento capital do sr. Dias Ferreira foi que são culpados todos os partidos na depreciação do nosso thesouro, a qual, vindo de antiga data, se aggravára notavelmente desde 1876 em diante. Ora isto é certo, é evidente, é inevitavel. Não escapam a este juizo os ministerios que governaram Portugal desde 1876 em diante. *(Apoiados)*. Pena foi que, por motivos bem conhecidos, o illustre deputado não desenvolvesse desaffrontadamente a sua apreciação politica. Mas não podia. Vedava-lh'o uma camaradagem historica que lhe doe como um espinho... E eu que o estimo sinceramente, e tenho pelo enorme talento que o avulta a mais fervorosa admiração, soffro muito sempre que o vejo revolver-se debaixo das suas responsabilidades, empregar contra ellas esforços dolorosamente impotentes — especie de Encelado sobre que

pesam, n'uma sobreposição enorme, todos os votos com que sustentou e favoreceu o ministerio que houve, desde 1852, mais damnoso aos interesses economicos d'este paiz. *(Apoiados.)*

Tenho certeza de que a coragem das minhas palavras não desagrada ao sr. Dias Ferreira. S. ex.ª disse hontem que em todas as relações publicas e particulares deve conservar-se a linha do respeito e dizer-se sempre a palavra da verdade. Eu digo o que sinto, e declaro que o que me trouxe a esta ordem de ideias foi uma phrase do seu discurso, phrase muito usada nos discursos e programmas do seu partido e que resume em si todo o systema da politica constituinte. É esta: «A questão de fazenda depende essencialmente da questão politica.» É corollario legitimo d'este principio que quem diverge de um ministerio em materia financeira não póde, não deve apoial-o nos assumptos politicos...

Esta phrase está muito longe de significar uma verdade plena. A questão de fazenda

depende, ou não, da questão politica segundo as circumstancias. Dada uma grave desordem economica n'um Estado qualquer, ascendendo a sua divida a uma cifra avultada, crescendo os seus encargos n'uma proporção assustadora, pospor a resolução d'estas difficuldades a meras modificações politicas ou administrativas é desconhecer o valor relativo das questões sociaes e preparar um mau futuro á liberdade que se edifica. Os Estados, como os individuos, só são livres quando são independentes. Posso provar este asserto com varios exemplos. Escolherei sómente um, o da França, depois da sua guerra com a Prussia. É sabido que o primeiro cuidado dos estadistas francezes foi pagar a indemnisação de guerra, redimir o territorio, reanimar e desenvolver todas as industrias. Depois foi que se tratou da organisação politica affeiçoada á situação moral d'aquelle paiz. A constituição republicana da França tem a data de 1875.

Se o principio que apresento é perfeita-

mente verdadeiro, parece-me evidente que nas condições actuaes do paiz elle tem indiscutivel applicação. A questão de fazenda é a questão maxima da politica portugueza. (*Muitos apoiados*). Outros assumptos compadecer-se-hão ainda com opportunismos e adiamentos; este é que não. (*Apoiados*). V. ex.ª e a camara sabem muito bem que quando uma necessidade publica chega a ser a preoccupação constante de um povo, essa necessidade ha de ser satisfeita a bem ou por força; e se para isso não são sufficientes os processos ordinarios, os processos legaes, o povo, na sua inexhaurivel fecundidade, cria outros, inventa outros! (*Apoiados*). As revoluções não são mais do que a substituição da espontaneidade popular á attitude nociva ou esteril dos poderes constituidos.

Costuma dizer-se que na origem de todos os grandes acontecimentos se encontra sempre, como causa, o nome de uma mulher. Isto será verdade para quem vê nos movimentos da sociedade a pura acção do arbitrio huma-

no; mas para quem vê n'esses movimentos mais a influencia de cousas que de pessoas, o que se encontra sempre na surgente de todas as commoções revolucionarias é a fome, a miseria, uma grande perturbação economica. É bom que a camara medite esta lição da historia!

Todos os partidos da nossa terra se dizem de accordo sobre a questão de fazenda, principalmente sobre a necessidade de augmentar a receita publica. Pelo que respeita á diminuição das despezas ha alguma divergencia, mas esse ponto não é para ser tratado agora.

O problema a resolver formula-se assim, na sua irresistivel simplicidade: restabelecer o equilibrio financeiro n'um paiz de menos que medianos recursos, que paga 56 por cento de juros da sua divida publica, que tem um *deficit* orçamental de 7.000:000$000 réis, e que, a despeito da maior repugnancia mil vezes protestada, e protestada por todos os partidos, se vê a braços com uma enorme di-

vida fluctuante. Fluctuante nos numeros, porque, pelo que respeita á sua permanencia no nosso organismo, ella é firme e inabalavel como um dogma!

Dividindo os encargos da nossa divida consolidada e fluctuante pela população do paiz, o encargo medio que pertence a cada habitante é de 3$000 réis, ao passo que é muito menor na Austria, na Belgica, e na Prussia. Colho estes dados no relatorio do sr. ministro da fazenda, relatorio admiravelmente redigido e organisado, e a toda a altura dos trabalhos d'esta ordem na Inglaterra, na França, na Italia, principalmente na Italia, que está sendo exemplo e modelo em cousas parlamentares.

Ha muita gente que diante d'isto conserva o coração leve e o espirito socegado! Ha até quem veja na corajosa affirmação d'estas verdades o systema do *terror*, applicado á gerencia da fazenda publica! Será assim... mas a nós, sr. presidente, fica-nos salvo o direito de vêr no procedimento contrario um systema

de *réclame* applicado á reconquista de uma popularidade que foge. *(Muitos apoiados.)*

E por esta fórma respondo ao sr. Hintze Ribeiro, que procurou no discurso, com que inaugurou este debate, consolar-nos da nossa deploravel situação financeira com dizer-nos —que os encargos da divida publica tambem eram avultados, tambem eram grandissimos em varias nações da Europa. Sim, mas Portugal não póde comparar-se com essas nações na intensidade da sua instrucção profissional, nos recursos da sua industria, nas fontes da sua riqueza, fontes abertas em caudaes de prosperidade, e não em figuras de rhetorica como aquellas fontes de que nos fallam os nossos relatorios, em que, pela maior parte, a sonoridade vã da phrase burocratica usurpa o logar pertinente á economia politica e á estatistica.

A mesma divida no orçamento do distincto e lucidissimo parlamentar, que é rico de talentos muito productivos, e no meu, em que a receita se inscreve por quasi nada,—

tem o mesmo alcance, tem o mesmo effeito? Não. Pois a questão é esta. O simples bom senso formula-a d'este modo.

Eu sei como se explica a avultada cifra dos orçamentos modernos. Diz-se e repete-se em toda a parte que o desenvolvimento geral da civilisação trouxe comsigo o augmento forçoso, impreterivel, das despezas publicas. A França, desde 1852 até aos nossos dias, tem visto tornar-se a sua despeza publica quatro vezes maior; em Inglaterra, desde 1834 houve um acrescimo nas despezas publicas de 50 por cento; no nosso paiz, este facto prende com os sacrificios feitos para a conquista da liberdade, e tambem para a realisação dos melhoramentos materiaes com que as sciencias physicas felicitaram o nosso seculo. Mas d'isto, e entre nós, o que se conclue? O que deve concluir-se é que não ha facto mais ruim com mais gloriosa génese! A riqueza publica tem augmentado, mas não parallelamente aos dispendios feitos. É ver como está o nosso commercio, e olhar ao

que desceu a nossa industria. O commercio está em verdadeira decadencia, e a crise de 1876 é symptoma, não causa d'ella; a nossa agricultura define-se, no profundo abatimento a que baixou, por este tristissimo facto: a importação annual de cereaes ao preço de alguns mil contos! *(Apoiados).*

Depois eu não sei que poderá acontecer-nos no caso de uma dissensão interna ou de uma guerra estrangeira que levem a nossa situação, já extremamente angustiosa, a maiores apuros. Creio que, ainda guardadas as devidas differenças, não se encontraria materia economica sobre que um grande financeiro, do estofo de Pitt ou de Thiers, podesse affeiçoar a sua obra. Isto na hypothese pouco crivel de que apparecesse entre nós um homem da estatura do grande ministro que salvou a Inglaterra dos odios exterminadores de Bonaparte, ou do grande cidadão que libertou a França dos perniciosos effeitos financeiros e politicos do segundo imperio. É pouco crivel a hypothese; mas, quando se ve-

rificasse, ella seria inutil porque sem *meio* proprio não ha aptidão que valha.

Depois da batalha de Trafalgar, em cuja gloria a posteridade enlaça ao nome de Nelson o nome de Pitt, porque se o primeiro commandou como heroe a esquadra ingleza, o segundo apropositou o ensejo e forneceu os recursos d'essa memoravel acção; depois da batalha de Trafalgar, a cidade de Londres fez a Pitt, n'um banquete publico, a maior ovação de que ha memoria, saudando-o como salvador da Europa,—e ao brinde, em que destacava esta phrase, o grande ministro respondeu: *A Europa não póde ser salva por um homem. A Inglaterra salvou-se pelos seus esforços; e, com o seu exemplo, salvará a Europa.*

A Inglaterra salvou-se pelos seus esforços... N'estas palavras do glorioso orador havia muita modestia, mas havia muitissima verdade. Quando os povos não são capazes de grandes esforços, á mingua de vontade ou por falta de recursos, não ha homem, ainda

o das mais extraordinarias faculdades, que seja capaz de os levantar de uma grande prostração e de os impellir para um destino honrado e digno.

Ora eu tenho sinceros receios de que o meu paiz, continuando as cousas como as vejo, succumba na primeira prova difficil por que tenha de passar. Serei pessimista? Talvez; mas este receio nasce do amor que lhe tenho, e a affouteza com que formulo as minhas duvidas resulta da minha antiga convicção de que sem previsão não ha politica elevada e séria. A politica é uma sciencia, e saber é prever. *(Apoiados.)*

É possivel que alguem veja nas minhas palavras um temor exaggerado de futuras desgraças, e considere inteiramente forçadas as hypotheses que figurei; é até possivel que alguem veja n'ellas um artificio rhetorico, consistindo em avolumar as difficuldades economicas do paiz para tornar mais acceitaveis as propostas do governo.

Esta segunda apreciação será uma offensa

ao meu caracter, offensa que, não obstante ser de genero vulgar, me ha de doer e maguar muito. Mas que fazer? Não posso evital-a, não posso reprimil-a. Quem entra na politica, no nosso paiz e em toda a parte, a primeira cousa que tem de fazer é sacrificar-lhe os melindres e susceptibilidades do seu caracter. É a joia da entrada. *(Apoiados)*.

A outra apreciação, á que considere sinceras mas infundadas as minhas palavras, a essa poderei responder que a segurança das nações, como a verdade dos principios, é pela figuração de casos extremos que se prova e liquida. Mas parece-me que a opposição me não ha de censurar por isso. Não ha de, com certeza. Ella vê um perigo para a patria em todas as cousas e pessoas de politica differente, e, a estas horas, tão preoccupada está com a independencia da nossa terra que só pensa nas condições tacticas e estrategicas da linha de Torres Vedras! *(Riso)*.

Eu disse ha pouco que todos os partidos d'esta terra se declaravam de accordo na ques-

tão de fazenda. Será sincera esta declaração? Talvez. Não affirmo, porque conheço um pouco a historia politica d'elles.

Não vão corridos muitos annos desde que todos os partidos politicos se pozeram de accordo na necessidade de reformar a carta que nos rege. Vae a phrase sem o adverbio do costume. Deram-se um abraço de momentanea conciliação os que pareciam intransigentes adversarios; encontrou-se um espaço em que poderam coexistir os tres partidos mais importantes da nossa politica; todos offereceram projectos de reforma precedidos de competentes relatorios que, parece-me inutil dizel-o, na pompa do estylo e na largueza das promessas honravam dignamente as tradições do relatorio portuguez. Só o sr. duque d'Avila foi fiel á carta. *(Riso).* Pois era difficil isso. Tudo conspirava então contra o espirito que a anima e sustenta. A esse tempo a Hespanha colhia os primeiros resultados de uma grande revolução, mais notavel pelas causas que a determinaram do que pelos effeitos que

veio a produzir; a França levantava-se heroicamente da tremenda prova a que a sujeitaram os exercitos allemães, e, da noite de um cesarismo inepto e indecoroso, emergia para a luz da liberdade mais calma, mais pratica, mais viavel que tem irradiado na civilisação occidental; a Italia realisava emfim o sonho da sua unidade, aquelle ardente e formosissimo sonho que vem de Dante até Gioberti, e que a Austria tantas vezes tem cortado com as intermittencias, hoje felizmente quasi extinctas, de um verdadeiro pesadello! *(Apoiados)*. O mundo latino estava assim. Dir-se-ia que uma forte corrente liberal cingia todo o espirito da nossa raça, e que Portugal obedecia docilmente ás influencias que actuavam nos povos da mesma origem. Justificava este conceito o accordo de todos os partidos.

Pura illusão, a final! O primeiro dos tres partidos proponentes da reforma, mal subiu ao poder, esqueceu-se logo do seu compromisso, perdeu o primeiro ensejo de resgatar a sua palavra. Já a carta era boa, já a carta era

excellente, já a carta tinha uma elasticidade indefinida e uma gloriosa historia! Principalmente, uma gloriosa historia.

No nosso paiz ha um culto exaggerado pela historia, mas a mais falsa comprehensão d'ella. Julga-se glorificar um facto zelando a sua immobilidade, quando um facto que se immobilisa é, pelo menos, um facto esteril. Só vive e se perpetúa o que muda e se transforma. As instituições que não obedecem a esta lei podem conservar-se nas sociedades algum tempo a mais do que lhes pertence, mas n'esse caso existem apenas, não vivem. São como estas arvores seccas que ainda se conservam de pé, bracejando as suas hastes, confundindo-se, a uma luz indecisa, com as outras arvores que lhes ficam proximas, mas dependentes, para a total prostração, de que uma rajada de vento sacuda e agite a floresta... *(Apoiados)*.

Emfim, fallou-se na historia da carta para sustentar a sua conservação, como eu fallarei n'ella para sustentar a sua reforma que, em

tempo opportuno, ha de vir a esta camara; ha de vir depois da questão de fazenda. Eu confio plenamente, absolutamente no meu partido.

Mas por que foi que os regeneradores não cumpriram a sua palavra, não resgataram o seu compromisso? Foi porque prometteram sem animo de cumprir? Longe de mim similhante idéa. A promessa foi feita com intenção, mas com intenção leve, pouco meditada, nascida das circumstancias, e, por isso, sem a força inicial de que carecia para resistir aos ventos de qualquer contrariedade. Ora esses ventos soltaram-se, desprenderam-se, não sei de onde nem me recordo quando, e o certo é que foi de uma vez a reforma da carta. Parece-me que a cousa se explica d'esta maneira. Não se explica de outro modo. Por fidelidade á escola conservadora, isso não. Se fosse assim, se fosse intemerato e ardente o seu culto por essa escola, elles não estatuiriam o suffragio universal, nem decretariam a descentralisação administrativa; realisando estes dois pensa-

mentos estiveram tanto na logica do seu principio e na coherencia das suas tradições como o principe Jeronymo Napoleão applaudindo os decretos de 29 de março contra os jesuitas e outras congregações religiosas. (*Apoiados*).

Se o accordo dos partidos para a reforma da carta constitucional falhou logo no primeiro que teve ensejo para dotar o paiz com esse melhoramento, não é possivel que o mesmo aconteça em relação á edificante harmonia em que os vejo relativamente á questão de fazenda? É possivel, é provavel até; perdoem-me esta franqueza, que é de muito boa fé. A historia financeira da opposição e a sua attitude no presente debate levam-me a esta convicção triste, mas irresistivel. Os ultimos oito annos da nossa vida publica representam a mais completa negação de tino administrativo de que ha memoria; quem governou o paiz durante esse periodo não quiz ou não soube aproveitar a quadra excepcionalmente prospera que tivemos, e de-

*

pois não quiz ou não soube obstar aos graves desastres economicos que occorreram entre nós e em que foram grande parte as imprevidencias do governo. E depois d'isto, quando um ministerio, animado dos melhores intuitos, pretere reformas faceis e geralmente sympathicas para se dar ao penoso encargo de melhorar as condições do thesouro; quando esse ministerio corre o perigo de sacrificar em tão patriotico empenho a sua popularidade, e todos sabem que a popularidade é a condição principalissima dos partidos progressistas; quando um ministerio procede assim, a opposição move-lhe a mais crua guerra, ora aberta, ora dissimulada, nos discursos dos seus oradores, nos artigos dos seus jornaes, nas representações dos seus correligionarios, e isto com um proposito puramente hostil, de modo puramente negativo, sem apresentar uma idéa, um plano, uma reforma qualquer em contradicção ao que tão systematicamente combate e desauctorisa!

D'esta opposição não se fará um governo

economico e organisador. *(Apoiados.)* O futuro dará rasão ás minhas palavras.

Sr. presidente: Entre todas as propostas financeiras do governo a que desde o principio levantou contra si maior obstaculo e mais ferrenha opposição foi a do imposto de rendimento, cuja generalidade se discute agora.

O sr. Julio de Vilhena, cuja palavra eu ouço sempre com muito gosto, porque casa em boa harmonia a arte sem pretenções e a sciencia sem exaggeros; o sr. Julio de Vilhena, quando se discutiu o real d'agua, chegou a fazer programma do discurso que havia de proferir n'esta occasião, ameaçando o ministerio, a maioria, toda a gente que admittisse o imposto de rendimento, de provar á maior luz que este imposto, além das mil iniquidades que se lhe attribuem geralmente, tinha ainda a de ser opposto ás aptidões da nossa raça historicamente verificadas! Com esta parte do discurso de s. ex.ª folguei muito por ver que a questão promettia elevar-se a toda a altura, e ao mesmo passo, senti-me magua-

do na minha velha inclinação por esta fórma de imposto porque conheço, desde a Universidade, a competencia do illustre orador em assumptos de ethnologia e de historia. Revivi as minhas minguadas idéas sobre este assumpto, e respirei desafogadamente quando pude liquidar que o imposto de rendimento tinha conquistado e invadido já todas as raças: a raça latina representada na Italia; a germanica na Prussia e na Austria; a slava n'esta ultima nação; a saxonia na Inglaterra; a celtica na Escocia e na Irlanda. Isto pelo que respeita á contribuição do rendimento na sua fórma actual, como a inventou Pitt, porque, n'outra fórma que lhe não altera a essencia, ella vigorou em Roma depois do censo organisado por Servio Tullio, atravessou as republicas italianas da edade media, e sem grande esforço mostram-se-lhe vestigios na historia fiscal da peninsula a que pertencemos. Respirei desafogadamente depois de apurado este resultado porque podia oppor factos a factos, não porque o argumento em questão levasse de

vencida a minha consciencia. Entendi sempre que isto de aferir pelo criterio das raças todos os factos sociaes, ainda os de minima importancia e de quasi nulla intensidade, estava longe de ser um procedimento abonado por boas rasões scientificas. Pois se os caracteres dominantes, os que constituem o typo physiologico e moral da raça, se modificam incessantemente por cruzamentos e communicações de toda a ordem, — como havemos de elevar á consideração de uma differencial ethnologica uma cousa tão pequena, tão superficial, tão cambiante como a fórma de uma contribuição publica? Depois a historia da peninsula é uma sobreposição de raças, uma serie de migrações desde a dos iberos até á dos arabes, e ainda está por accender o facho a cuja luz se ha de ver o que pertence á gloria de cada uma d'ellas no inventario geral da nossa civilisação. *(Apoiados.)*

Isto sabe-o melhor do que eu o illustre orador, que deve a mais esplendida manifestação do seu talento a um livro de polemica

sobre a influencia das *raças historicas da peninsula iberica na evolução do direito portuguez*. E citando este livro rendo ao seu auctor a homenagem da minha admiração, e tambem, posto não seja este o logar proprio, lamento que uma tão provada vocação para trabalhos historicos se reduzisse áquella obra, que principalmente vale como revelação e como promessa.

Tudo isto veio a proposito do programma do sr. Julio de Vilhena, programma que s. ex.ª não cumpriu em nenhum dos quatro discursos com que distinguiu este debate! Eu sei porque o não cumpriu. Meditou, e conheceu que se enganára. O nobre deputado lê muito e aprende sempre. E isto é uma garantia de reforma em varias opiniões que tem significado n'esta sessão, e contra as quaes elle ainda ha de protestar. Fiz-lhe sempre esta justiça.

Quando n'uma das sessões passadas s. ex.ª dirigia, segundo me pareceu, a mais grave injustiça ao nobre ministro da fazenda, cujo ta-

lento é verdadeiramente notavel, *(Apoiados.)* e em quem medem egual extensão a variedade da sciencia e a grandeza do caracter, eu dizia commigo: este homem eminente, que tem tantas faculdades, ainda ha de adquirir o criterio firme, superior, com que se deve julgar todas as personalidades dominantes, seja qual fôr a escola, o partido ou a religião a que pertençam. *(Apoiados).*

Diz-se que o imposto de rendimento é um imposto novo; repete-se a cada momento que antes de decretar impostos novos é necessario, é indispensavel explorar os existentes até onde os póde levar a acção prudente do fisco.

Esta proposição é verdadeira em limites muito restrictos; tomada em absoluto é falsa como todas as affirmações da sciencia quando é a phantasia e não a experiencia que as fórma. Podem os impostos existentes, ainda provados na sua maior elasticidade, serem insufficientes para remediar os males do thesouro n'uma dada occasião; podem ser suffi-

cientes para isso, mas só n'um praso de tempo com cuja extensão se não compadeçam as urgencias publicas. Em qualquer dos casos é mister recorrer por nova fórma ás forças tributarias do paiz.

É esta a nossa situação?

É esta, precisamente.

Creio que os nossos impostos, ainda levados ao maior grau a que podem chegar sem perigo de commoções politicas e economicas, não darão o bastante para restabelecer o equilibrio orçamental; por outro lado é certo que só poderão dar aquillo de que são capazes n'um praso demasiadamente longo em relação ás circumstancias actuaes do thesouro. Mas, caso extremamente notavel! quando o governo trata da creação de um imposto novo, a opposição recommenda-lhe a fiscalisação dos impostos existentes; quando se trata d'isso a opposição move ao governo uma guerra crudelissima, e dá as provas mais extraordinariamente assombrosas da sua fecunda dialectica... de guerra! O plano financeiro

do ministerio é, como v. ex.ª sabe, longo e complicado. Reforma os impostos existentes, innova uma contribuição, altera os processos fiscaes; e em tudo isto não ha nada, absolutamente nada, que, ao parecer da opposição, valha uma palavra de assentimento ou um voto de louvor! Plena luz da parte da opposição, absoluta escuridade do lado do governo!

Eu vou lembrar alguns factos.

O governo entendeu que, variando a cobrança do real de agua, estabelecendo entre nós o systema de arrematação, podia adquirir alguma cousa a mais do que este imposto rende, e n'este sentido pediu ao parlamento auctorisação para fazer uma tentativa. Como procedeu a minoria? Levantou-se, esbravejou, declamou, entre labaredas de indignação, que o projecto do governo era uma iniquidade, uma extorsão violenta, o resurgimento ignominioso de velhas entidades odiosissimas, e que por tal preço não se devia querer a quantia a mais que o real de agua podesse produzir! Fez isto, glosou este thema em infinitas

variações desde a nota melancolica, afinada pelos infortunios populares, até á phrase ardente caldeada nos fogos da justiça ameaçada, e, passados dias, o illustre chefe do partido regenerador, do partido que mais se assignalára n'esta ruidosa cruzada, levanta-se na outra casa do parlamento e diz: «eu não me preoccupo com as grandes vexações que, no pensar de muita gente, infamam este projecto; não quero saber d'isso; se o não voto é porque entendo que elle não traz augmento de receita. Provem-me que me engano, e elle terá o meu voto». Eu ouvi isto com os meus ouvidos! Depois que este discurso foi proferido ainda não folheei o *Diario da camara,* e por isso não tenho certeza de que já foi publicado; mas affirmo a v. ex.ª que ouvi estas palavras. Ouvi-as e pasmei!

Mal pensava o sr. Marianno de Carvalho quando, n'esta casa, reduzia com a sua incomparavel dialectica as amplificações rhetoricas do sr. Julio de Vilhena ácerca do arrematante—amplificações que me causaram o

effeito de quem impugnasse a monarchia constitucional com os excessos do despotismo asiatico, ou pozesse a cargo da democracia moderna os crimes das republicas da antiguidade e das da Italia na idade media; mal pensava s. ex.ª que as suas eloquentes palavras, echoando na outra casa do parlamento, ainda haviam de vibrar na voz prestigiosa do sr. Fontes Pereira de Mello! Não o pensava, mas menos podiam imaginal-o os correligionarios politicos d'aquelle illustre estadista!

E já que, pela ordem das minhas ideias, alludi a essa sessão memoravel, assignalada pelas fulgurações do grande talento, do enorme talento do sr. Marianno de Carvalho, seja-me permittido render publicamente a este peregrino espirito a homenagem da minha admiração mais convicta e mais calorosa. Grande jornalista e grande parlamentar, *(Apoiados.)* o sr. Marianno de Carvalho possue e exercita as faculdades mais extraordinarias e mais preciosas da politica moderna. *(Apoiados).* Fallando ou escrevendo, sobe por vezes áquella lumi-

nosa eloquencia que só os factos, nitidamente expostos, e as ideias, claramente formuladas, são capazes de produzir: áquella eloquencia clarissima, irresistivel, triumphante, a que Proudhon, que era um logico, um adversario jurado de todas as convenções rhetoricas, um rude demolidor de todos os systemas que encontrava diante de si, deveu, talvez, o maior prestigio da sua obra. Coherente na sua vida, moderado nas suas aspirações, inquebrantavel na sua fé politica, o sr. Marianno de Carvalho é o que sempre foi, está hoje onde esteve sempre. *(Apoiados).* O anno de 1880 veio encontral-o onde o tinha deixado o anno de 1869. *(Apoiados.)* Com tão avultado merito, e n'um paiz em que raros politicos teem a coragem de uma longa adversidade, e quando as deserções teem premio seguro, este facto vale por si o mais encarecido elogio que possa fazer-se ao caracter de s. ex.ª *(Apoiados).*

Vejo que o eminente deputado, em quem a modestia aviva os esplendores do talento, está contrariado com as minhas palavras de

louvor. Tanto melhor para elle que manifesta assim uma grande virtude, menos vulgar do que se pensa, e para mim tambem que vejo acrescentado com um novo argumento o juizo que formulei sobre a sua individualidade moral. Eu precisava de dizer estas palavras, precisava de satisfazer um antigo voto do meu espirito que considera, com verdadeira magua, sem premio e sem compensações uma das mais extraordinarias actividades que se teem estrellado na politica portugueza. O sr. Marianno de Carvalho deve ter sêde de justiça, muita sêde de justiça. *(Muitos apoiados.)*

Mas, continuando na minha ordem de ideias, eu estava a dizer que a opposição, muito contraria á creação de um imposto novo, move difficuldades de toda a ordem á elevação dos impostos existentes. Haja vista ao que aconteceu com o real de agua; e não fallo no que aconteceu com outros impostos para não fatigar a attenção da camara que me está favorecendo com a sua benevolencia. De mais a mais recordam-se todos certamente

das cousas notaveis que se passaram no parlamento, desde aquelle celebre conselho de conservar a divida fluctuante com receio de que os encargos viessem a ser maiores com a sua conversão, o que suppunha ingenuamente a immobilidade politica e financeira da Europa, *(Apoiados.)* até á recommendação de explorar por todos os meios fiscaes o imposto do consumo, o que tem infinita graça da parte de quem estremece de horror diante dos vexames que a contribuição do rendimento nos vae importar! *(Apoiados).*

Isto está na memoria e na admiração de todos.

A opposição ainda não demonstrou que no caso dos impostos serem explorados, não como o governo quer, mas como ella entende, se adquiria o necessario para restabelecer o equilibrio financeiro. *(Apoiados).* A opposição ainda não produziu, que eu saiba, o calculo demonstrador d'esta affirmativa, e esse calculo dava-lhe n'esta discussão uma auctoridade triumphante. *(Apoiados).*

Por que o não fez? Por que o não produziu? Sinceramente, porque o não tinha, (*Riso. Apoiados.*) porque estava profundamente convencida de que por esse meio nada adiantava no patriotico empenho de melhorar as condições economicas do paiz e levantar, por uma vez, de sobre o espirito publico o temeroso espectro de uma grande desgraça, de uma immensa ruina. (*Apoiados.*)

Acceitando esta ausencia completa de calculo orçamental como uma verdade perfeitamente liquidada, não se pode explicar a guerra da opposição ao imposto de rendimento senão pela presumpção de que ella tem outra forma de imposto com que pretende restabelecer as finanças do estado. Ella deseja ardentemente que se opere esse restabelecimento, ella não vê nos actuaes impostos possibilidade de exploração para isso, ella recebe nas pontas das suas bayonetas a proposta ministerial. D'aqui o que se conclue? Conclue-se que tem um processo seu, privativamente seu, para conjurar as difficul-

dades que, como nós, vê nos horisontes da patria.

Qual será esse processo? Qual será esse imposto? A que meio recorreria agora a opposição, se o seu patriotismo fosse tentado com o offerecimento do poder?

A sua historia financeira só minguados esclarecimentos nos dá.

Porventura quereria o imposto de circulação? Mas sobre este imposto, como v. ex.ª e a camara sabem, peza todo o effeito moral da campanha feita denodadamente, ha dois annos, pelos homens do governo, pelos seus amigos politicos, por todo o paiz. *(Apoiados.)* Quereria um imposto novo sobre o capital? Não. Na opposição ha economistas muito distinctos que sabem que esse imposto é o mais desigual e insupportavel de todos, visto que o rendimento do capital é desigualissimo nas differentes industrias...

O sr. Francisco Beirão:—E já foi combatido pelo sr. Lopo Vaz.

O orador:—É verdade; e o partido re-

generador, que tanta disciplina e coherencia alardea, com certeza não havia de passar por cima das palavras do seu illustre correligionario *(Apoiados.)* Quereria, porventura, o imposto sobre as despezas, imaginado por Stuart Mill? Mas este imposto tem todos os inconvenientes do imposto de rendimento, aggravados ainda com maiores vexames para o contribuinte, e alem d'isso, como v. ex.ª e a camara sabem, elle é inteiramente falto de justiça. Pois se o imposto é uma compensação que o cidadão paga ao Estado pelos beneficios que recebe, se os beneficios do Estado se estendem a toda a propriedade, porque ha de pagar na rasão do que elle gasta, do que consome, e não do que lucra e do que recebe? Não se comprehende, não se percebe, partindo de Stuart Mill, do immortal publicista, cujo nome eu pronuncio sempre com a piedosa veneração que se deve a um grande mestre! *(Apoiados.)* Quereria o imposto sobre a moagem? Não: faço-lhe essa justiça. Quando a Italia pensa em acabar com essa iniquidade,

*

seria impossivel que nós lhe dessemos cabimento no nosso regimen fiscal. Quereria então o celebre imposto de portas e janellas, que a Inglaterra aboliu em 1851 e a França conserva ainda, mas com o protesto indignado dos seus homens publicos mais importantes?

O sr. Francisco Beirão:—Já o tivemos, mas foi abolido.

O orador:—É certo; e até creio que não chegou a ser executado. Li o relatorio do sr. Fontes com a maior attenção e folguei de ver que s. ex.ª repellia este imposto, e até o repellia com uma phrase litteraria distincta. Gostei de o surprehender em flagrante communicação com a arte... O imposto sobre o ar e sobre a luz é um imposto de todo o ponto inacceitavel. Nós, os povos da peninsula, não temos a melhor sobre as outras nações cultas senão o bom ar que respiramos e a excellente luz que nos envolve; não soffreriamos restricções no goso d'estas duas cousas com que a provida natureza nos compensa do muito que a historia nos nega.

Qual imposto innovaria?

O SR. TELLO: — O imposto do sal, de certo.

O ORADOR: — Mas isso seria uma resurreição; esse imposto, apresentado em 1872 pelo sr. Fontes, morreu, não sei de que especie de morte, na commissão de fazenda d'aquella epoca. *(Riso. — Apoiados).* O paiz não receberia este imposto com que o sr. Fontes o quiz presentear depois de uma longa viagem pela Europa, Asia e America. Porque é necessario que a camara saiba que s. ex.ª tambem viaja, tambem visita as mais oppostas civilisações, tambem consigna em documentos officiaes o resultado util das suas excursões geographicas. Não é só o sr. Barros Gomes quem viaja. E agora noto eu uma grande differença entre os dois illustres viajantes. Graças aos seus temperamentos muito diversos, elles são muito desigualmente impressionaveis. O sr. Barros Gomes foi á Turquia, esteve em contacto com aquella sociedade em que o *crê ou morre* é a formula de todas as relações politi-

cas, e voltou de lá com o seu espirito tolerante, isento, liberal, condescendente como o levou, e ainda não teve a negregada ideia de impor as suas doutrinas, de impor o seu plano financeiro ás commissões d'esta casa nem ás maiorias do seu partido. *(Apoiados).* O sr. Fontes, esse viajou por toda a Asia, por toda a America, por toda a Europa, e desde então para cá apertou um pouco os laços da sua disciplina e...

O SR. MARIANNO DE CARVALHO:—Se elle tambem foi á Africa!

O ORADOR:—Isso não sabia eu. Registo o facto. E já que fallo n'estas cousas, digo que será util ao partido regenerador alguma prevenção contra uma viagem que se projecta e ha de realisar-se brevemente... *(Riso).*

Qual seria, pois, o imposto que o partido regenerador apresentaria em substituição do que actualmente se discute? Não o disse ainda, não o dirá nunca. Se tem uma ideia positiva e fecunda vela-a como um defeito, occulta-a como um remorso. Eu sei a rasão da sua

reserva. É habil, não quer descobrir o seu jogo. Todas as contribuições teem um lado odioso, e a opposição sabe que, se o patenteasse, perdia todo o effeito da sua rhetorica tão commovida de amor pelo povo cuja ingenuidade é uma das maiores illusões d'ella, — pelo povo que, n'um desenho que fica celebre, um poderoso genio artistico surprendeu na attitude realista do desdem mais profundo e da mais completa indifferença pelos falsos cortezãos do seu direito e da sua grandeza...

Posta no espirito do governo a necessidade da creação de um novo imposto, era natural que as preferencias recaíssem todas sobre o imposto de rendimento. A especulação scientifica propõe-n'o como o mais perfeito. N'este ponto a impugnação é impossivel. Stuart Mill, inimigo jurado d'esta forma de contribuição publica, não duvidou affirmar que ella é, á luz da justiça, a menos contestavel de todas; o que lamentava era a impossibilidade de verificar, no triste estado da

moralidade publica, a verdadeira riqueza do contribuinte. Por isso a rejeitou. Mas, por este fundamento, devia ir mais além, devia rejeitar quasi todos os tributos directos, porque, em quasi todos elles, aquelle exacto conhecimento é impossivel.

Se a theoria o propõe e recommenda pela sua perfeição doutrinal, e eu, fallando n'um parlamento e não n'uma academia, dispenso-me de exhibir todas as rasões d'aquelle asserto; se a theoria faz isso, a historia, pelo seu lado, encarece-o como o mais efficaz para as grandes crises por que passam as nações. Já se disse que a Inglaterra deveu a este imposto a sua salvação quando mal podia facear as despezas de uma guerra enorme, desesperada, com a França; e, a despeito da opposição que lá tem soffrido, elle está por tal forma radicado na administração d'esse grande povo, que esta arma de defeza para as grandes difficuldades da patria, como lhe chamou Gladstone, ainda não foi posta de parte, ainda não foi encostada á parede. Ainda não foi, e creio que

não será. Os Estados-Unidos da America adoptaram-n'o n'um dos momentos mais angustiosos da sua historia, e só o eliminaram do seu orçamento quando cessou a necessidade d'elle. Existe na Prussia, onde meramente se sobrepõe a outros impostos. Tambem vigora na Austria, mas ahi tomou em consideração, para modificar-se, os tributos preexistentes, e de certo se approximaria muito do seu ideal de justiça se excluisse, n'uma sensata isenção, os rendimentos mais pequenos. A Italia acceitou-o para a riqueza mobiliaria em 1862, e desde então os estadistas, que teem dirigido os destinos d'aquella gloriosa nação, procuraram tornar aquelle imposto de dia para dia mais digno da acceitação que teve.

Mas, sr. presidente, tudo isso está dito e repetido, tudo isto está explanado, principalmente depois que usou da palavra, e por modo tão erudito, o meu illustre collega o sr. Beirão, *(Muitos apoiados.)* cuja palavra correcta, elegante e fluentissima serve um dos talentos mais prestadios e fecundos d'esta casa. *(Mui-*

tos apoiados.) Por isso, calando considerações que tencionava fazer, cingir-me-hei a dois pontos que julgo essenciaes e sobre que me não parece demasiado insistir.

Diz-se que o imposto de rendimento recae sobre outros impostos, affecta propriedades já tributadas, e isto é para muitos espiritos um grande defeito, um terrivel defeito. Para mim, que considero como uma utopia, como uma falsa creação metaphysica, a theoria do imposto unico, a contribuição que se discute tem a sua maior virtude no seu mais apregoado inconveniente. Como existe na Prussia, consistindo n'uma sobreposição machinal, rejeital-o-ía; mas como existe na Austria, onde se tem em consideração a preexistencia de outros impostos, e ainda com a superior vantagem de ser menos complicado no seu processo e de isentar os pequenos rendimentos, eu acceito-o em plena consciencia, embora o coração me doa por ter de aggravar por esta forma as difficuldades economicas do meu paiz. E doe-me, doe-me

muito, porque eu venho das classes mais desvalidas, das classes mais infortunadas, das que soffrem e trabalham, e representam uma grande e triste realidade nas insaciaveis explorações do fisco! Mas n'estas alturas que fazer? Ou isto, ou recorrer ao credito; mas se os antecessores dos actuaes ministros deixaram de recorrer a elle e preferiram deixar o poder, o poder de que tanto gostam e de que tantas saudades soffrem, grandes e serias rasões ha de certo para evitar esse systema financeiro. *(Riso.)*

O imposto de rendimento, como já se tem dito, isenta os pobres, os mais desvalidos, aquelles que o imposto de consumo principalmente procura e fere; e isto é para mim, deve ser para todos, uma grande excellencia. *(Apoiados.)* Falla-se na repercussão do imposto, mas a formula d'este facto social, infinitamente complexo e obscuro, ainda não veio á flor do espirito humano. É uma aspiração da sciencia; está longe de ser um argumento de boa lei.

O imposto de consumo, como se acha organisado entre nós, colhe principalmente nas suas redes os pequenos consumidores: o grande consumidor, o rico, o abastado, escapam-lhes facilmente! Ora sendo isto assim e, por outro lado, impossivel organisar esta contribuição de modo que recaia proporcionalmente n'uns e n'outros, não será justa a proposição de um imposto que, procurando as classes mais ricas, as obrigue a uma compensação pelo favor que desfructam relativamente ás contribuições indirectas? A affirmativa parece-me inevitavel. E é-o, com effeito, não só no meu espirito, o que não vale uma garantia de acerto, mas na consciencia de preconisados economistas que teem feito dos estudos sociaes o glorioso e utilissimo destino de toda a sua vida.

Mas como já se tem dito aqui e é conveniente que se repita muitas vezes, porque as discussões que se travam no parlamento não vão simplesmente dirigidas á consciencia dos membros do corpo legislativo, mas á de todo

o paiz; como já se disse, varios rendimentos que não contribuiam para as despezas do estado, não eram collectados com imposto algum, agora ficam, por este projecto, sujeitos á obrigação fiscal. Taes são os titulos de divida consolidada, que á similhança do que se faz na Italia, na Hollanda e na Inglaterra, vão concorrer tambem para as despezas publicas.

É justa e convenientissima esta parte da proposta. Pois estando n'estes titulos a maior parte da riqueza publica, dependendo elles, mais do que nenhum outro rendimento, da prosperidade do thesouro, e estando o paiz n'uma situação verdadeiramente angustiosa, —é porventura razoavel que continue o privilegio de que os possuidores d'esses titulos teem gosado até hoje, privilegio affrontoso para os outros contribuintes, uma verdadeira usura contra o Estado, a negação completa do principio da igualdade, d'este principio que nós, os povos latinos, estimamos ainda acima do principio da liberdade?

Não póde ser. (*Apoiados.*)

Os srs. Hintze Ribeiro e Julio de Vilhena, dignissimos membros da opposição d'esta casa, negaram a conveniencia e legalidade d'esta parte do imposto. Não vou resuscitar essa questão; já do lado do governo e da maioria se produziram argumentos irrefutaveis em favor d'esta parte do projecto; já depozeram a favor d'ella a carta constitucional, a hermeneutica juridica applicada ao decreto de 1852 e o exemplo das nações mais escrupulosas na sua dignidade e na sua honra; os destroços d'esses argumentos pertencem por direito de conquista ao sr. ministro da fazenda, *(Apoiados.)* e eu apenas direi, muito de passagem, que me parecem um pouco tardios os escrupulos de s. ex.as *(Apoiados.)* Pois os titulos de divida publica não estavam já tributados, não estavam sujeitos ao imposto de transmissão, que é um imposto sobre o capital, e tambem ao imposto do sêllo pela lei de 1869, em cujas principaes disposições tem toda a responsabilidade o partido regenerador?! *(Apoiados.)*

No projecto que se discute são collectados os soldos dos militares e os vencimentos dos empregados publicos.

Ao apreciarem esta parte do projecto os srs. Hintze Ribeiro e Julio de Vilhena, as suas palavras tiveram lagrimas. Creio-as muito sinceras porque a minha voz n'este momento, não digo que as tenha porque seria empregar uma falsa figura de rhetorica, mas está tambem commovida pela dor. Ha, porém, uma differença muito grande entre os meus sentimentos e os de s. ex.as: os meus são de condolencia pelo grande sacrificio imposto a essas duas classes, e os de s. ex.as são . . . de condolencia e de remorso! *(Apoiados)*. Cercear os soldos dos militares e os vencimentos dos empregados publicos, diminuir-lhes a sua minguada receita, accrescentar novas privações e difficuldades ás que já soffrem, tornar-lhes mais grave o conflicto entre os seus meios de subsistencia e as necessidades da sua representação social, é triste, muito triste! Mas de quem foi a causa? Quem levou o thesouro

publico á extremidade em que elle está? Quem foram os imprevidentes, os administradores de coração leve que, a mãos largas, gastaram enormes sommas, inteiramente despreoccupados de futuras contingencias?

Não fomos nós. Dos ultimos oito annos apenas nos pertence aquella nota pessimista que soava d'este modo: *ou novos impostos ou a bancarrota*. Não fomos nós que entendemos conveniente dotar a justiça militar com um luxuoso palacio, depois de a termos brindado com a pena de morte; *(Apoiados.)* não fomos nós que reformámos muitos militares, aliás validissimos para o serviço do nosso exercito; *(Apoiados.)* não fomos nós que perdemos grossas quantias na compra de famosos armamentos . . . inoffensivos! *(Riso.)* A nós não nos pertencem estas responsabilidades, salvo se para a liquidação d'ellas não valem as regras da logica, da logica das cousas, a só legitima e verdadeira que eu conheço. *(Apoiados.)*

Eu não quero demorar-me muito extensamente sobre este projecto porque não quero

repetir o que está dito, certo de que, repetindo-o, não lhe dou relevo nem pela forma, nem pelos conceitos, nem por cousa alguma. O que affirmo a v. ex.ª é que, na minha opinião, não é possivel n'uma forma de contribuição publica introduzir mais principios de justiça, acceitar mais amplamente os resultados da economia politica no que ella tem de moderno e de positivo.

Ha muita gente que não se preoccupa com a justiça nas suas applicações fiscaes. Visa somente ao resultado, importando-se pouco com os processos que o produzem. Bons ou maus, legitimos ou não, todos servem.

Quem procede assim está fora do seu tempo.

Hoje mais que nunca é necessario ter muita cautella com tudo o que respeita ao regimen de propriedade; é necessario racionalisar os impostos e, antes de obrigar os contribuintes, convencel-os. *(Apoiados.)* Quando a propriedade tinha por sós adversarios uns poetas inoffensivos, uns sonhadores de chimeras, fa-

zedores de programmas em que o soffrimento e a desigualdade humana desappareciam por encanto, tudo ía muito bem para quem tinha tradições economicas a sustentar e manter. De Platão a Luiz Blanc a serie d'elles é enorme; mas o espirito d'este seculo já fez justiça a todos, louvando as suas intenções e rejeitando a sua obra. Hoje, porém, a opposição á propriedade, na sua forma historica, é mais consideravel porque é mais positiva; deixou de ser visionaria para se tornar perfeitamente pratica; desenvolve-se pela associação, que é um multiplicador de forças, e cobre-se com a liberdade, que é a cupula de todos os direitos; opera desaffrontada, á vista de todo o mundo e a salvo das repressões legaes; affeiçoa-se a todas as raças e propaga-se em todos os povos; conta com a população operaria de Inglaterra, explora a indole expansiva da França, interessa as faculdades ardentes e explosivas da Hespanha; aproveita, para as suas operações e congressos, as condições excepcionaes da Suissa; invade toda a Russia, cujo genio

slavo é infinitamente sympathico a um movimento d'esta natureza, e, sob as formas de uma tremenda revolução social, lá está rolando um fragmento de justiça n'um montão enorme de crimes e iniquidades! *(Apoiados repetidos.)*

Ora, em frente d'este facto irresistivel, diante d'esta corrente enorme e temerosissima, quem governa, quem legisla não deve preterir as inspirações da sciencia, não deve pol-as á margem, principalmente quando é possivel realisal-as sem commoção violenta dos grandes interesses que os poderes publicos são destinados a zelar e defender. *(Apoiados.)* O melhor meio de conservar o que está é não dar rasão nem deixar pretexto ao que pode vir.

Eis mais um motivo, entre muitos outros, por que eu voto a contribuição de rendimento, que aliás, sobre varios aspectos, se me afigura convenientissima.

É muito possivel que ámanhã me chamem socialista. Chamam-me uma cousa que não

sou, mas não me afflijo. Se o fosse ficaria ali, ao lado do sr. Julio de Vilhena, que ante-hontem, fitando a galeria dos operarios, lamentou que elles se não armassem da resistencia das *grèves* contra a tyrannia do capital; mas se a camaradagem me era agradavel pelas qualidades da pessoa, não o era muito pela natureza da doutrina.

Pertencendo a um partido monarchico, que tenho servido e continuarei a servir com toda a fidelidade emquanto elle corresponder ás necessidades da minha consciencia, *(Apoiados.)*, já fui considerado como republicano e isso não me inquietou nada. Houve até quem, n'uma das casas do parlamento, visse em mim um feroz adversario das instituições publicas, um inimigo furioso dos poderes estabelecidos; e eu, depois de descer á minha consciencia, de a revistar completamente, de a revolver em todos os sentidos, de me convencer, a final, de que ella não era o perfeito arsenal de um revolucionario, quer v. ex.ª saber o que fiz? Quer a camara saber o que fiz?... Per-

doei a injustiça. *(Riso.)* O que eu digo a v. ex.ª é que, se continuar a pronunciar discursos, se proferir muitos discursos, ainda hei de vir a ter tantos nomes como os principes de sangue, que costumam juntar ao nome do baptismo os de todos os heroes da familia e os de todos os santos da sua devoção. *(Riso.)* E eu penso como toda a gente da minha educação e do meu tempo, sinto o que todos sentem, e estou perfeitamente á vontade dentro do partido progressista, cujo programma acceitei e insisto em considerar como o acto de maior alcance e de mais largo effeito de toda a nossa politica moderna. *(Apoiados.)*

D'esta mania de classificar os homens publicos já o visconde de Almeida Garrett se queixava no seu tempo. Não commetto a profanação de collocar o meu nome ao lado do seu; mas, emfim, a *entalação é a mesma apesar da differença dos entalados,* como elle diz na critica do maravilhoso dos *Lusiadas,* n'aquella profunda e engraçada critica das *Viagens na minha terra.*

E deixemos isto, que não é de mim que se trata mas do imposto de rendimento.

Sr. presidente: Uma das partes mais felizes d'este projecto de lei é aquella que se refere á fraccionação das differentes formas de riqueza como meio de obter o conhecimento exacto, ou pelo menos approximado, da materia collectavel.

Do relatorio da commissão de fazenda vê-se que ella, preoccupando-se dos receios de devassa e inquisição administrativa, publicamente manifestados, procedeu á differenciação de todas as especies de riqueza para aproveitar, no lançamento d'este imposto, os processos já acceites para muitos rendimentos, o que tambem lhe facilitou collectal-os proporcionalmente á sua natureza, á sua procedencia e á preexistencia dos impostos que incidiam n'elles.

Eu, como membro da commissão de fazenda, á qual não prestei o minimo subsidio...

Vozes: — Não apoiado.

O ORADOR: — O subsidio não estava nas minhas forças, nem estava na necessidade d'ella. Como membro da commissão de fazenda, folgo de dizer que voto convictamente todas as homenagens prestadas á opinião publica, todas as transacções que se façam com ella nos limites que a dignidade publica traça e aconselha. Quando a opinião publica está em divergencia com um governo em cousas essenciaes do seu programma, esse governo deve demittir-se, sob pena de não prezar o proprio decoro; mas quando a divergencia se accentua em pontos secundarios a obrigação do governo é ceder á opinião, completamente ou por meio de conciliações em que tudo se harmonise e concerte.

Esta é a theoria dos governos liberaes, e eu applaudo o ministerio por a ter comprehendido e executado.

Por este processo fiscal talvez não venha a conhecer-se com absoluta precisão todos os rendimentos do contribuinte, mas o que não pode dizer-se é que por elle é vexado o cida-

dão, é devassada a sua economia domestica, são postos de manifesto a todo o mundo os seus teres e haveres. Isson ão póde dizer-se e já se não diz. Em toda a duração d'este debate os illustres deputados da minoria nem uma só vez fallaram n'isso. Ainda bem que, reformando a sua opinião, annullaram os effeitos da antiga propaganda com o discreto silencio que teem mantido a tal respeito. Vejam s. ex.as que eu interpreto o seu silencio por esta forma. Se o interpreto mal, protestem que ainda é tempo...

(Interrupção.)

Não protestam. Registre-se. *(Apoiados.)*

Julgou-se que seria implantado entre nós o systema da Prussia, ou alguma cousa parecida com os processos administrativos da Inglaterra. Isto infamou o projecto. Hoje, á plena luz d'esta discussão, tal receio não apparece. Não apparece porque não tão tem rasão de ser. Nós tivemos a inquisição religiosa quando a Allemanha estava livre d'ella; agora ella que fique com a inquisição fiscal.

Vou concluir. Disse as rasões por que voto o imposto do rendimento, apreciei como entendi o procedimento da opposição n'este debate, e creio que durante o meu discurso me conservei sempre na plana da mais correcta delicadeza. *(Apoiados.)*

Não formulei, para as resolver, todas as questões emergentes d'este projecto de lei, porque muitas foram consideradas pelos oradores que me antecederam, e outras teem o seu logar proprio na discussão da especialidade. Agora vou terminar com algumas palavras em que ponho o meu espirito de verdade e toda a corajosa franqueza, que é o orgulho da minha consciencia.

Sr. presidente: O imposto de rendimento trouxe a esta casa toda a questão de fazenda, como o imposto do real de agua a levou á camara dos dignos pares. A attitude da opposição n'estes debates parece confirmar a idéa, um pouco generalisada, de que ella conta com o poder depois de votadas as propostas de fazenda. Se ella dissesse que não governaria

com as leis em que aquellas propostas se hão de volver, tal idéa saíria da circulação... Mas eu não quero pedir-lhe que declare a sua mente, não quero fazer-lhe violencia de especie alguma. Pelo contrario, fallo n'isto para affirmar que, ao meu parecer, quem propala similhante boato calumnía o partido regenerador na sua honra e procura desprestigiar o mais alto poder do estado...

O partido regenerador sabe que não tem direito de subir ao poder, nem força para n'elle se conservar, emquanto não expiar largamente as suas culpas, emquanto não se retemperar na escola da adversidade, emquanto não readquirir o favor que a opinião publica lhe retirou. O *27 de janeiro* é, na existencia do partido regenerador e na historia d'este paiz, o que uma grande loucura é na vida de um homem regularmente formado: uma cousa que se não repete! *(Muitos apoiados.)* Por outro lado o partido progressista ainda não mostrou todas as suas aptidões para o governo, nem evidenciou que as não possue; e, em-

quanto isto não se fizer, a sua queda será uma grande calamidade publica. Augmentará a desordem de idéas e a incerteza de situações em que temos vivido por mal, por grande mal da nossa civilisação politica! *(Apoiados)*.

Os partidos politicos da Europa teem entre si uma solidariedade reconhecida. Isto explica-se pela facillima communicação dos povos modernos, por estas correntes de idéas que atravessam, em todo o sentido, o espaço em que assentam as nações mais adiantadas do mundo. Ora o momento actual reclama a acção dos partidos progressistas; diante da rapidissima evolução por que passam as sociedades tudo aconselha governos de transacção e não governos de resistencia. A Allemanha abandonou a sua politica de repressão contra o socialismo e contra a igreja; a França collocou-se a meio caminho dos conservadores e dos radicaes; a Inglatera, vendo os perigos que corria com a politica conservadora de Beaconsfield, tão cheia de aventuras e de surprezas, condemnou-a, proscre-

veu-a solemnemente; a Italia, graças ao bom senso e ao grande tino politico do seu sympathico monarcha, que é uma das glorias da realeza constitucional, *(Apoiados.)* fez outro tanto; e esta verdade começa a ser comprehendida na Hespanha, onde a opposição ao actual ministerio, presidido por Cánovas del Castillo, está assumindo a forma mais terrivel, mais perigosa, mais prejudicial para um Estado qualquer: a forma militarista!

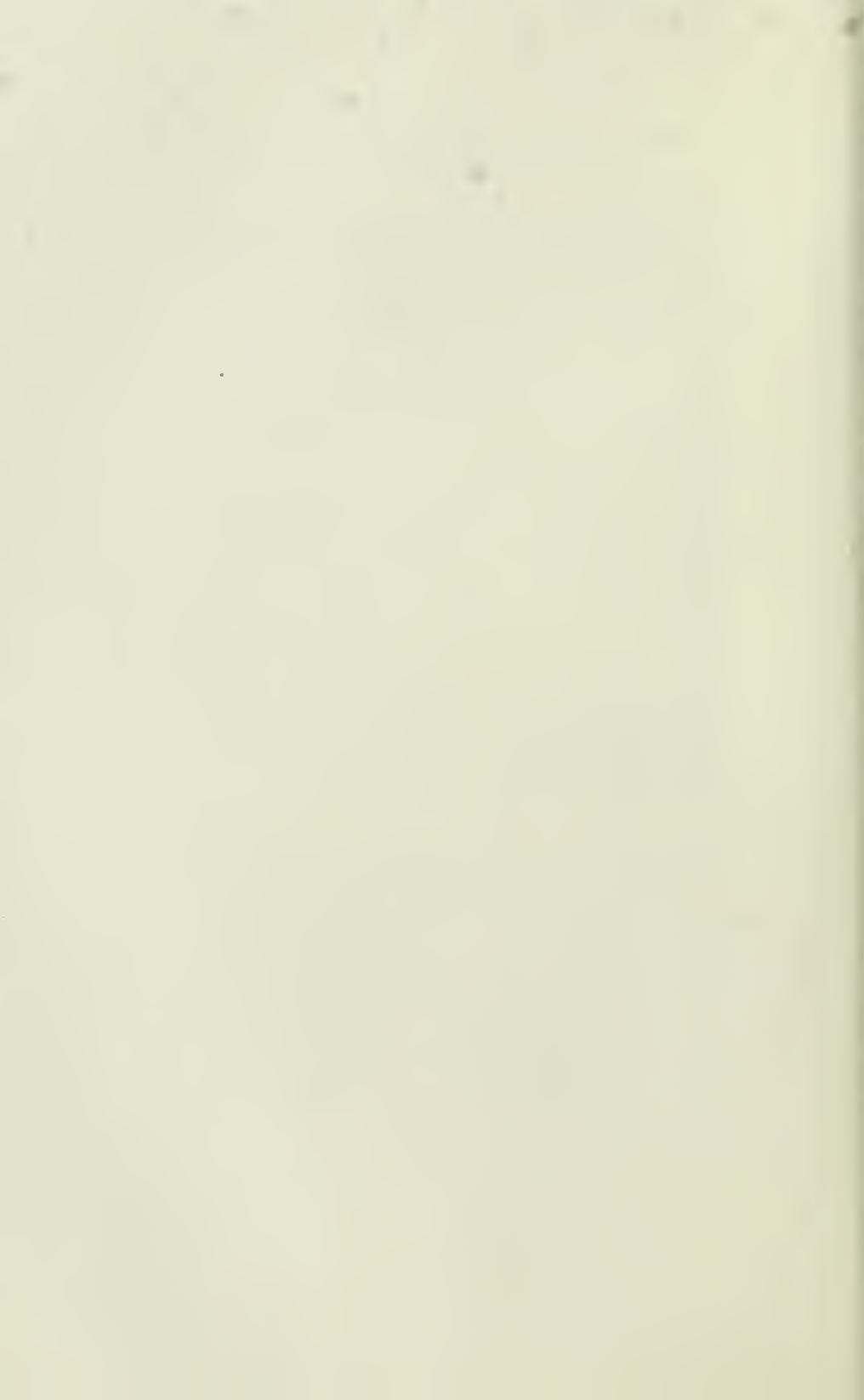
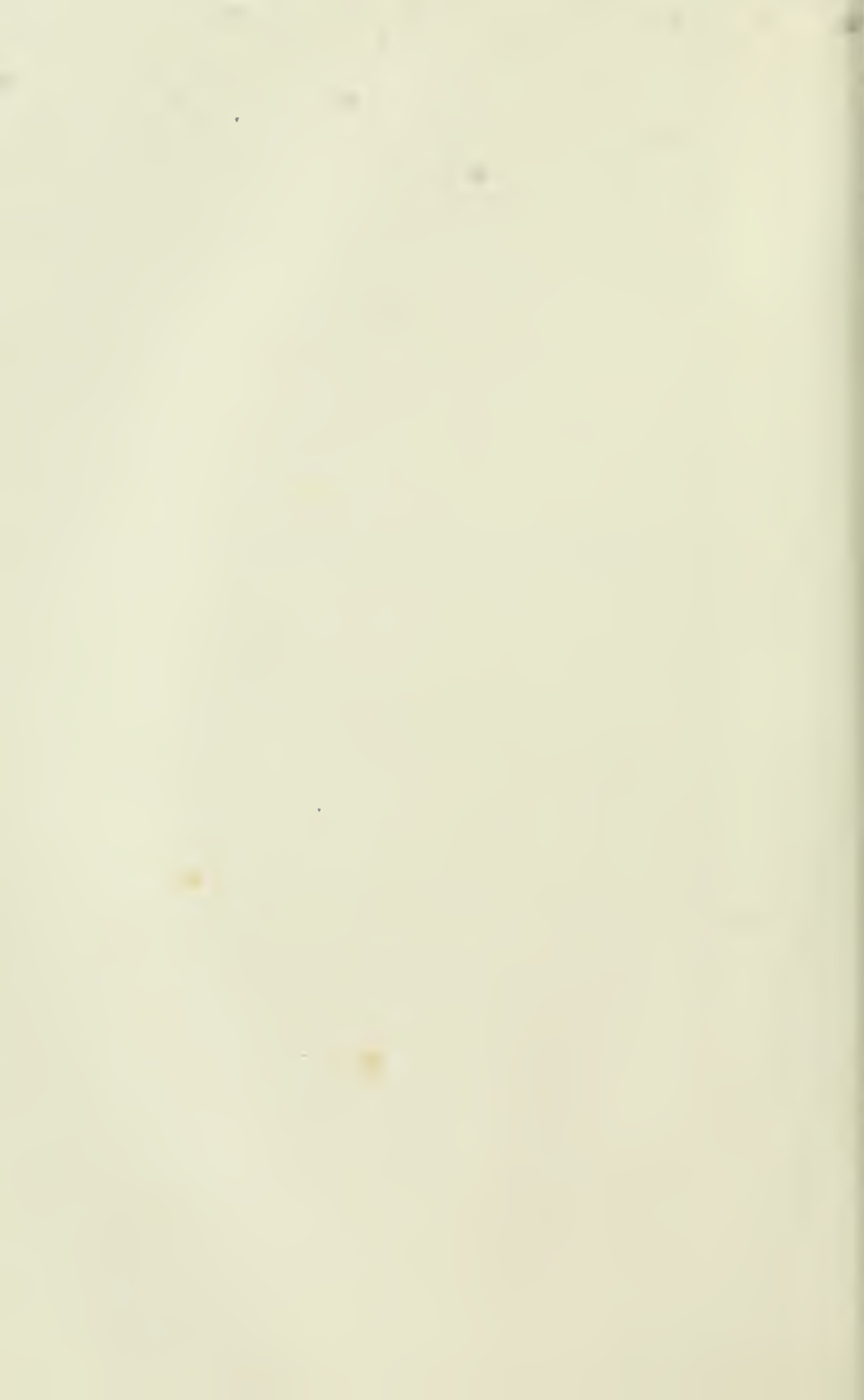
A orientação da politica geral não é, pois, no sentido conservador. Uma rasão a mais para arguir de falsa a idéa a que me referi, e que nunca esteve nos entendimentos a que a attribue uma grande e lamentavel imprudencia!

O ministerio que ali está tem força para conservar-se e tem o dever de conservar-se; ha de aproveitar essa força, ha de cumprir esse dever. Dirige-o um illustrado e dignissimo cidadão, cuja vida é a honra e a lealdade exemplificadas; *(Apoiados.)* elle e os seus nobres collegas não trepidarão diante de peque-

nos embaraços, nem cederão ás intimações do odio que se doutore para os aconselhar, ou do despeito que se faça juiz para lhes impor uma condemnação sem auctoridade e sem motivos.

É este o meu voto; é este o voto de toda a camara; é este, creio eu, o voto de todo o paiz. *(Muitos apoiados).*

Vozes:—Muito bem, muito bem.

(O orador foi cumprimentado por todos os srs. ministros e por todos os srs. deputados.)

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS
NA SESSÃO DE 19 DE JANEIRO DE 1881.

Sr. presidente:

Começo por ler a minha moção:

(Leu.)

O discurso do eloquentissimo deputado que acaba de me preceder revelou uma nova phase da questão pendente. Liquida-se, na vehemente peroração d'este discurso, que a presente discussão não tem simplesmente por fim manifestar a desconfiança da minoria d'esta camara para com os ministros que estão alli.

Vae mais longe, vae muito mais além.

As referencias do sr. Pinheiro Chagas ao

illustre relator da commissão de resposta põem bem a descoberto que o som das suas palavras demanda os echos de outra casa... *(Sensação.)*

Por que se revive agora e aqui o passado jornalistico do sr. Marianno de Carvalho? É porque se calcula pensadamente, friamente, que a resurreição d'esse passado, se pode magoar aquelle poderoso tribuno pela recordação de excessos, que a paixão do momento explica—tambem magoa, tambem importuna *quem* o ultimo ministerio regenerador, na maior das imprudencias, poz diante de si para ante-mural e defeza contra os ataques da opposição. *(Muitos apoiados.)*

Estes dois effeitos são tão naturaes, estão tão intimamente relacionados, que não podiam deixar de ser previstos. Pois o intuito de produzir o primeiro não me parece muito louvavel, e o desejo de determinar o segundo não prima por corajoso. *(Muitos apoiados.)*

E que vantagens aufere d'isto a opposição? Que lucra no emprego d'este processo,

com que acaba de surprehender-nos a sua habilidade? Não ganha nada, não lucra nada, e consegue apenas que eu, em nome do partido progressista, reclame para todo elle as glorias e os perigos de uma responsabilidade que ficou sendo, não só do homem que deu o primeiro passo, mas de todo o partido que esse homem, sacrificando altissimas ambições e desattendendo os conselhos do proprio interesse, pôde reanimar e fortalecer n'uma das horas mais infelizes da nossa vida politica. *(Muitos apoiados.)* Não fica isolado o sr. Marianno de Carvalho; os fervorosos applausos com que a maioria cobre a minha palavra ahi estão a evidenciar que o partido progressista preza ainda e prezará sempre a dedicação, a lealdade e o desprendimento d'esse illustre parlamentar, cuja grandeza não padece com aggressões d'esta ordem. *(Muitos apoiados.)*

Eis o que consegue a opposição depois do que disse o sr. Pinheiro Chagas, a quem não quizera fazer a crueldade de lembrar que honrou com a sua valiosa camaradagem o

partido progressista, depois dos acontecimentos que tanto afeia agora com a sua indignação, *(Apoiados.)* e tambem que a sua brilhante penna já exalçou os meritos da vida publica e particular do sr. Marianno de Carvalho.

O sr. Pinheiro Chagas: — Mas eu não disse mal de uma nem de outra cousa.

O orador: — O discurso de v. ex.ª prova o contrario, mas acceito a ultima declaração a beneficio da minha causa.

Sr. presidente: As questões sociaes que agitam todos os povos, os graves problemas que a sciencia politica formula em toda a parte, as dolorosas inquietações por que passam todos os governos não teem nada que ver comnosco. Nós podemos esterilisar as nossas faculdades em discussões triviaes e futeis; nós podemos enredar o nosso engenho e a nossa palavra no jogo de pequenas difficuldades; nós podemos desencadear á vontade, por gosto, as mais perigosas paixões do povo; nós podemos accidentar os mais graves assumptos parlamentares com a graça,

com o bom humor, com o fino espirito que, desde o sr. Dias Ferreira até ao sr. Pinheiro Chagas, tem sido empregado aqui como arma de boa lei. Podemos fazer tudo isto, porque o tempo passa indifferentemente por cima de nós, porque não é para nós que a sciencia progride e a civilisação augmenta, porque nós constituimos uma excepção clara e aberta ao grande facto da solidariedade humana... Diz-nos isto o sr. Pinheiro Chagas, que tem passado uma grande parte da sua vida estudando o passado d'este paiz e servindo com o seu valioso trabalho os grandes interesses da humanidade; diz-nos isto no principio do seu discurso, pelo qual eu felicto a arte do meu paiz, que recebeu hoje um novo e formosissimo esmalte—sentindo que a orientação politica do illustre deputado me não permitta levar mais longe as minhas felicitações. Mas não permitte. E sinto-o devéras.

Quando o illustre deputado começou a fallar; quando desprendeu a sua palavra tão facil, tão eloquente, tão admiravelmente con-

junctada com a idéa que exprime; quando começaram a irradiar aqui as eminentes faculdades com que tem sabido gravar uma impressão luminosa em todos os exercicios do espirito, desde o drama até á historia, e desde a tribuna da imprensa até á tribuna do parlamento; quando proferiu as primeiras phrases affaguei a esperança de que s. ex.ª, inspirando-se no seu talento e erguendo-se á maior altura dos principios, entrasse no assumpto do debate com o largo criterio de que é capaz. *(Vozes: — Muito bem.)* Mas o nobre orador, que podia avivar na sua formosa palavra todas as côres do ideal moderno, que por varios modos tem mostrado comprehender e amar no que elle tem de mais sublime e augusto, preferiu retomar aquellas infelizes questões que o sr. Dias Ferreira, generalissimo da opposição n'esta campanha, *(Apoiados)* formulou na inauguração d'este debate. E ahi nos appareceu ainda uma vez a nomeação dos pares com o seu forçado cortejo da promoção dos coroneis, dos excessos

de despeza, das violencias eleitoraes, e até, se não me engano, para que a exhibição fosse mais pittoresca e o sequito mais variado, abriu-se espaço aos escrivães transferidos, victimas interessantes, encarregadas da sentimentalidade precisa á perfeição do quadro...

O sr. Pinheiro Chagas, que deu uma grande importancia á nomeação de pares, tratou em primeiro logar, e com grande desenvolvimento, da questão dos coroneis. Cousa notavel! Começou por censurar o sr. Marianno de Carvalho por não ter este cavalheiro respondido ao sr. Hintze Ribeiro, que tratára a questão militar, e passa depois a explanar esta questão em resposta ao sr. Marianno de Carvalho, que não a tratou! *(Riso.—Apoiados.)* O illustre relator preteriu essa questão, que não teme, que ninguem d'este lado receia, *(Apoiados.)* a convite do sr. Lopo Vaz, que a reservara para uma interpellação já annunciada. *(Apoiados.)* Por isso nada direi sobre esse objecto, que a seu tempo despirá as medonhas apparencias que a opposição lhe

vestiu, limitando-me por agora a estranhar que o sr. Pinheiro Chagas motivasse a suspensão dos decretos no interesse da negociação do emprestimo e da melhor cobrança do imposto do rendimento, quando é certo que, ao tempo da suspensão, já estava assignado o emprestimo, e a total execução do regulamento d'aquelle imposto não é cousa de alguns dias mas de muitos mezes! *(Apoiados. —Vozes:* —Muito bem.*)*

Mas a ultima nomeação dos pares é que é o thema capital de todos os discursos da opposição, o espirito de que se animam e o termo a que vão os illustres deputados da minoria, diversos nas côres da sua procedencia partidaria, conjunctos no patriotico empenho de derrubar o ministerio. Se não fosse ella, nem se discutia a resposta ao discurso da corôa.

Disse-o o sr. Dias Ferreira.

De maneira que pelos outros factos tão acremente commentados já, e peço a attenção da camara para isto, não valia a pena exce-

pcionar a tradição de muitos annos, segundo a qual este documento é uma respeitosa deferencia para com o chefe do estado. Estes factos podem moer como o granizo; só o outro, o da fornada, é que fulmina como um raio! Fique isto assente, fique isto registrado. A opposição não trouxe para a discussão um feixe de raios; trouxe sómente um, que não foi arrancado ao céo dos principios, á abobada augusta, illuminada pela liberdade nas infinitas constellações em que se reparte o seu conceito, mas á revôlta consciencia do privilegio contrariado no mais intimo dos seus votos, ferido no mais caro dos seus interesses. *(Muitos apoiados.)*

Eis-nos, pois, ainda uma vez, com a questão da nomeação dos pares. Pois vamos a ella; mas comecemos por historiar os factos, porque a rhetorica, se tem muito boas cousas, se não merece inteiramente as malsinações de que por ahi a cobrem, tem comtudo o inconveniente de baralhar as questões de maneira que, a alguns passos andados, perde-

se a orientacão do caminho e é necessario voltar atraz.

Sr. presidente: O partido progressista, chamado ao poder em maio de 1879, encontrou a camara alta quasi totalmente affeiçoada pelo sr. Fontes ás idéas e aos interesses politicos que aquelle eminente estadista representa. Não discuto agora se melhor procedimento fôra reformar immediatamente a camara alta, dando assim satisfação aos principios do nosso programma e aos compromissos da nossa palavra, mas aggravando ao mesmo tempo, com o facto da reforma, o estado lamentavel das nossas finanças.

Póde sustentar-se a affirmativa ou a negativa. O governo sustenta a negativa e com boas razões.

Posta de parte esta idéa, abandonado este alvitre que tinha as preferencias de muita gente, impunha-se immediatamente a necessidade de uma *fornada*. Fez-se. Foi pequena. O governo contava com a moderação, a prudencia e o patriotismo dos dignos pares.

O que, a meio da sessão, succedeu na camara alta, é sabido de todos.

As paixões desencadearam-se ali com furia estranha; o aspecto d'aquella sala, que é de uma tristeza pezada, demudou-se completamente; a palavra dos dignos pares, de ordinario pausada e grave, inflammou-se, chegou por vezes aos reflexos vermelhos, *(Áparte.)* na fórma do ataque, não na intenção doutrinaria; esta camara que trabalhava com assiduidade e exemplar compostura, viu-se abandonada pela opposição, que só de longe em longe dava signaes de si; *(Apoiados)* os projectos mandados d'aqui eram na outra camara enredados com difficuldades, protrahidos e demorados com manifesto prejuizo publico; *(Apoiados.)* e como todas as situações extraordinarias teem sempre uma phrase que as defina, o sr. Fontes teve a inspiração d'aquellas celebres palavras, reproduzidas aqui muitas vezes, e já entradas definitivamente nos dominios da nossa historia parlamentar. *(Apoiados.)*

Ora, desde este momento, a situação do governo não podia deixar de ser affrontosa, e a sua vida intensamente amargurada, como disse o sr. ministro do reino. *(Apoiados.)* Ainda que s. ex.ª o não tivesse dito, os factos eram sabidos de todos; mas, não obstante os factos serem sabidos de todos, a alegria da opposição, mal s. ex.ª acabou de proferir as suas palavras, irradiou visivelmente. Eu mesmo surprehendi sorrisos satisfeitos, olhares de intelligencia trocados entre alguns illustres deputados, signaes prenunciativos da execução em fórma que merecera o sr. ministro do reino. Perdoe-me o meu eloquentissimo amigo, o sr. Thomaz Ribeiro, mas a verdade é que surprehendi isso. *(Riso.)* E o nefando programma realisou-se... nas intenções de quem o formou. *(Apoiados.)*

Foi o sr. Julio de Vilhena quem teve a honra de vibrar os primeiros golpes ao ministerio, carregando sobre elle com os mais terrives adjectivos do seu vocabulario, porque havendo tido a fraqueza de acceitar o po-

der das mãos do sr. Fontes, teve depois o impudor de confessar que vivêra algumas semanas em combinações com aquelle senhor. Mas se ha impudor da parte do governo em declarar isto, como hei de qualificar o procedimento do sr. Fontes que primeiro denunciou este facto? Por outro lado, se o sr. Fontes se inspirou nas necessidades publicas, nada perdeu o decoro do poder, ficou perfeitamente salva a honra do governo. Deve-se tudo á nação quando se pertence á sua vida publica. Se o eminente parlamentar se inspirou unicamente na pequenina vaidade de se mostrar grande, influente, poderoso, n'esse caso a estatura politica do grande homem baixa muito, e isto é de certo desagradavel para o partido que lhe obedece e para o paiz que o possue. (*Vozes:*—Muito bem.)

Como se vê, não foram certeiros os golpes do sr. Julio de Vilhena. E eu não quero lembrar aquelle movimento infeliz de s. ex.ª quando disse que o sr. Fontes cedia o governo a quem queria e como queria, como se o

sr. Fontes fosse o segundo poder moderador e nós, sem darmos por isso, estivessemos em plena Siam! *(Riso.)*

O SR. JULIO DE VILHENA:—Eu não disse que o sr. Fontes cedia o governo a quem queria.

O ORADOR:—Perdoe-me o meu nobre amigo, mas foi o que disse. Fallou em cedencia voluntaria, por favor . . .

O SR. JULIO DE VILHENA:—Apoiado.

O ORADOR:—Tomo conta do apoiado, e não prosigo n'este ponto porque elle já foi ajustado com o sr. Marianno de Carvalho, e as contas liquidadas por este illustre deputado não carecem da revisão de ninguem.

Veio depois, e com as mesmas terriveis intenções, o sr. Pinheiro Chagas, mas a sua palavra só nos feriu pelo esplendor da sua belleza. Se eu tivesse o prestigio que dão a idade, a sciencia e a posição, havia de pedir aos illustres oradores opposicionistas que tivessem mais logica e se apaixonassem menos! Foi exactamente, meus senhores, porque o gover-

no entendeu que aquelle estado de cousas era pouco honroso para si e nocivo á administração, que pediu a nomeação de pares. *(Apoiados na bancada dos srs. ministros).* Mas devia pedil-a logo, dizem, ou retirar-se do poder. Não, porque estas cousas passavam-se quasi no fim da sessão, a nomeação de novos pares importava necessariamente um adiamento, alguns dos projectos mais importantes, os da fazenda, estavam já votados, e tudo indicava que se deixasse aquelle acto para depois de fechadas as camaras. O governo contava com a confiança da corôa, tinha para si que lhe seria satisfeito o pedido; mas, realisado emquanto estavam abertas as camaras, poderia, parecer uma affronta á outra casa do parlamento, sem vantagem immediata que a justificasse: feita a nomeação depois de encerradas as camaras, ella revestia as apparencias de um acto serenamente praticado em beneficio da administração e da politica do paiz. *(Apoiados.)*

Ora, explicadas as cousas por este modo,

faz pena ver que se inutilisasse um tamanho esforço rhetorico por parte da opposição para conformar uma phrase rasoavel, franca, digna, no epitaphio de quem a proferiu e de quem a acceitou, no epitaphio de todo o governo; e faz igualmente pena que sejam os zeladores convictos, os defensores ardentes das immunidades e privilegios da camara alta os que veem estranhar ao governo que não praticasse um acto em condições menos attenciosas para aquella camara!

Mas as contradicções não param aqui. A camara ouviu fallar nos direitos do povo, na soberania da nação, nas leis do progresso, nas lições do passado, nas aspirações do futuro; a camara ouviu hontem e hoje apologias inflammadas da liberdade, saudações rapidas mas vehementes á democracia; e com certeza a camara notou que foram os illustres oradores da opposição os que se prodigalisaram n'aquella linguagem, a mais nobre, a mais sympathica que póde ser empregada n'uma assembléa electiva.

Mas por que veio, e de onde veio tudo isto?

Attenda a camara: a nomeação de novos pares foi a causa de tudo isto; a inspiração das phrases ardentes que faiscaram na voz do sr. Pinheiro Chagas, das rajadas liberaes em que se desprendeu o talento do sr. Julio de Vilhena, e das invocações á soberania popular em que abundou o notavel discurso do sr. Dias Ferreira, foi aquella, não foi outra. Este effeito foi produzido por aquella causa! Parece impossivel, porque entre os dois factos não ha uma relação logica de causalidade; parece impossivel, porque não é no privilegio que a liberdade tem a sua força, mas na sua progressiva annullação é que a democracia colhe os seus triumphos; parece impossivel, porque, tirando-se á camara hereditaria a preponderancia que ella pretendia ter na politica do paiz, deu-se satisfação aos mais triviaes principios de direito publico; *(Apoiados.)* parece impossivel, porque isto é a completa inversão das normas sociaes e artisticas que

servem hoje, em toda a parte, ao procedimento politico e ao emprego oratorio! Aggredido o governo em nome da tradição, a aggressão seria improcedente, mas seria logica; aggredido em nome da liberdade, não é procedente nem é logica. *(Apoiados.)*

Ora isto faz-me pensar com tristeza na grande desordem que vae pela nossa consciencia; isto faz-me lamentar o desprestigio dos mais bellos termos da nossa lingua, que se maculam no emprego das falsas idéas, como os mais puros crystaes ao serviço das aguas turvas; isto faz-me reconhecer mais uma vez que é puramente formalista, esteril, negativo o periodo que atravessamos, e que estamos padecendo todos os perniciosos effeitos de uma educação metaphysica, inane, vã, em que os principios não passam de uma convenção utilitaria, e as palavras, todos os dias desmentidas, carecem já absolutamente de auctoridade e de valor! *(Muitos apoiados.)*

Diante da attitude da camara alta, que as conveniencias d'esta casa em que fallo me-

inhibem de qualificar; diante do seu proposito, claramente manifesto, de absorver attribuições que pertencem aos dois corpos legislativos; perante esta difficuldade, que devia fazer o governo? Passar por sobre as votações d'aquella camara, como se tem feito na Italia, na França, e até na propria Inglaterra?... Mas isso seria violar a lei organica do paiz, e avivar o conflicto que não resolvel-o. Reconhecer a legitimidade d'aquelle intentado predominio, sacrificar a urna eleitoral ás cartas regias e aos direitos de herança, rasgar os diplomas populares em homenagem aos arminhos do patriciado?... Mas isso seria retrogradar a tempos anteriores a 1826, e se um movimento d'esta ordem póde determinar sympathias em alguns dos meus nobres collegas, eu declaro que a mim me importaria ao coração e á consciencia a mais intensa dor e o mais pesado luto! *(Muitos e repetidos apoiados.)*

E são distinctos membros d'esta camara os que veem lamentar que ella não fosse

*

exauctorada em sacrificio á outra! e são directos representantes do povo os que no conflicto dos dois poderes, o hereditario e o electivo, sentem amargamente que não prevalecesse aquelle! *(Apoiados.)* E são emissarios da liberdade os que se collocam do lado de privilegio! E são elles os que gemem em threnos convulsos uma grande tristeza, porque o pariato, que é uma transacção temporaria, teve de ceder á eleição, que é um principio immutavel! *(Muitos apoiados.)*

E não vale contra isto o argumento que o meu talentoso amigo, sr. Julio de Vilhena, pretendeu encontrar nas palavras que o sr. ministro do reino proferiu no seu memoravel discurso sobre a interpellação eleitoral do anno passado e nas que eu, por essa occasião, disse tambem.

O que o sr. ministro do reino sustentou, e eu confirmei, foi que as ultimas eleições geraes não traduziam o systema eleitoral progressista, e pela simples rasão de que tal systema se não tinha desdobrado ainda de um

dos artigos do nosso programma; mas s. ex.ª e eu acrescentamos que, a despeito d'isso, ellas eram, a nosso ver, as mais liberaes que se tinham realisado n'estes ultimos tempos. *(Apoiados.)*

Pode-se discutir a verdade do que eu disse, pode haver divergencia n'esse ponto; mas o que me parece regular é que se reproduzam lealmente as minhas palavras.

E, sr. presidente, já que, pela segunda vez, me encontro com o sr. Vilhena n'este debate, aproveito o ensejo para offerecer um rapido commentario á curiosa estatistica que s. ex.ª apresentou aqui hontem sobre a nomeação de pares na Inglaterra e em Portugal. Os membros da camara alta ingleza, cuja organisação é superior á da nossa porque teem o principio electivo applicado á Irlanda e á Escocia; os membros d'aquella camara são quinhentos, e tresentos, pouco mais ou menos, foram nomeados nos ultimos cincoenta annos. Isto prova contra a supposta sobriedade, que o sr. Vilhena encareceu na

Inglaterra em detrimento de Portugal. *(Muitos apoiados.)* Mas não me parece justo, nem de bom effeito, fazer confrontos entre estes dois paizes. A diversidade d'elles é tão profunda, está tão caracteristicamente assignalada, que toda a comparação vem fora de proposito.

E eu frisarei somente um ponto.

Na Inglaterra, que é a patria do regimen constitucional, como a França é o foco das revoluções modernas; na Inglaterra, onde o respeito pela lei é uma religião nacional, e a opinião publica um juiz sempre severo, sempre inflexivel; *(Apoiados.)* na Inglaterra, onde os desmandos da palavra e os abusos da auctoridade não passam nunca sem grave correcção; *(Apoiados.)* na Inglaterra, principalmente na Inglaterra de hoje, seria impossivel que um partido aspirasse á dominação absoluta do estado, e tivesse ainda... a fraqueza de o dizer no parlamento! Beaconsfield ainda não disse que lhe fazia arranjo a conservação de Gladstone... E podia dizel-o, porque tinha

um serio motivo para isso: a questão agraria da Irlanda. Mas não o disse, e em vez de pronunciar phrases d'esta natureza, quer v. ex.ª, sr. presidente, saber o que elle faz? Dirige prudentemente a evolução parlamentar do seu partido, e honra a litteratura do seu paiz com romances da sua penna. *(Muitos apoiados.)*

Sr. presidente: Fico conhecendo d'esta discussão o que é a questão politica, o que entre nós se chama questão politica. Parece-me que posso definil-a um pretexto para votos de desconfiança. Considerada assim, não é a primeira nem será a ultima na vida d'este ministerio. Logo na sua apresentação ao parlamento, foi a saudação que recebeu do partido vencido na vespera. Este partido caíu rangendo os dentes e mordendo o pó. *(Riso.)* Caíu como cáem os bravos. Aproveita agora as primeiras forças da sua ainda debil convalescença para conquistar soffregamente o poder. *(Apoiados.)*

Não lhe quero mal por isso. Sob certo

aspecto é defensavel a conhecida opinião de um illustre homem d'estado do nosso paiz, que affirmou não se encontrarem espinhos nas cadeiras do poder! *(Riso.)*

A opposição, sr. presidente, não tem confiança no ministerio! Mas tal confissão não teve ainda, mas tal confiança não terá nunca. Pois se antes d'elle praticar o primeiro acto de administração, antes de revelar os seus intuitos politicos, antes de dizer de que intenções ía animado para os conselhos da corôa, a opposição o feria com uma moção de desconfiança, que admiração, que estranheza ha em que, volvidos quasi dois annos, venha aqui dizer pela voz dos seus mais eloquentes oradores: que elle é o peior de todos os governos, o mais nefasto dos ministerios, a deshonra do poder, um permanente attentado contra a liberdade que attraiçoa em cada intenção que manifesta, em cada acto que pratica, em cada momento da sua fatal e negregada existencia?! Não admira. O contrario seria para assombros. Se o ministerio viver

longo tempo, como espero, este proposito, que eu chamarei uma accusação á procura de um crime, *(Riso.)* ha de ir muito longe. A camara verá. As desconfianças d'este genero e com esta intenção não diminuem; é da sua natureza augmentarem na progressão do tempo. *(Apoiados.)*

O sr. Mariano de Carvalho lamentou ha pouco que d'esta discussão não derivassem consequencias de largo effeito, que este debate, por culpa dos oradores opposicionistas, não fòsse levantado a uma grande altura doutrinal, digna d'esta camara, propria do actual momento, edificante para o paiz.

Eu estou com s. ex.ª A sua critica é exacta, infelizmente é exacta.

Tudo o que se tem dito aqui, áparte a eloquencia da forma, que é sempre muito para ser louvada, não tem nada que ver com as exigencias capitaes do nosso tempo e do nosso paiz; é pouco mais ou menos a repetição do que se tem dito muitas vezes n'este recinto, onde a nossa arte, com o seu genio

peninsular, tem abertas formosissimas, mas em que a discussão gira sempre n'um raio de circulo muito pequeno.

Se ao menos de toda esta discussão resultasse a classificação das escolas, a descriminação dos partidos, a definição das idéas professadas pelas divisões da familia liberal, muito bem; mas nada d'isso. Estou convencido que depois d'esta discussão fica tudo mais baralhado, mais confuso do que antes. Mas isto tem uma explicação. Todos os partidos da nossa terra são muito dignos, muito honrados, todos respeitam escrupulosamente a propriedade estranha... menos tratando-se de idéas, de principios, de affirmações scientificas, de programmas doutrinarios. *(Apoiados.)* N'este caso é como se se tratasse de roupa de francezes. *(Riso, apoiados.)* Se um partido qualquer se extrema em maior consideração pelos elementos conservadores, logo o outro quer passar-lhe adiante em factos ou, pelo menos, em palavras; se este formula em artigos de programma as ultimas conclusões da

sciencia politica, aquelle considera-se plagiado nos seus principios, e até nos factos da sua historia. *(Apoiados.)*

Um exemplo, o mais recente. O sr. Julio de Vilhena ainda hontem procurava entroncar na iniciativa do sr. Rodrigues Sampaio, — que eu respeito e estimo pelas suas grandes qualidades e considero e admiro como a maior gloria que nos resta da segunda epocha constitucional — *(Apoiados.)* a iniciativa de todas as reformas e de todos os pensamentos administrativos do illustre estadista que tem a pasta do reino, desde a lei de instrucção secundaria, que o meu nobre collega acoimou de centralisadora por admittir tres lyceus centraes, *(Apoiados.)* até á introducção do methodo Frœbel, que ainda está em ensaios na Allemanha e na França, mas que s. ex.ª viu consagrado já não sei bem em que instituição de procedencia regeneradora...

Eis como nós estamos. E nem se quer ha o amor das qualificações proprias, este affecto

do politico ao nome da sua escola, que só é comparavel ao enthusiasmo do soldado pelas cores da sua bandeira.

Dissesse-se a alguns regeneradores que elles não tinham nada de revolucionarios, que, para elles, a tradição era um culto sagrado, que, segundo a sua philosophia, o governo devia ser sempre uma resistencia, ora absoluta, ora transigente, ás aspirações populares,—e a referencia seria repellida por impropria. Tenho a certeza d'isso. *(Apoiados.)* E todavia, póde confessar-se em voz alta o credo conservador, e se as doutrinas reflectem a belleza dos espiritos que as formam ou que as realisam, esta, a conservadora, é das mais brilhantes. Ella teve na Allemanha o genio de Hegel antes de possuir a historia triumphante de Bismark, conta na Inglaterra os mais famosos estadistas d'este seculo, tem na França uma constellação de grandes nomes desde o de Royer-Collard, que teve a maxima eloquencia das pequenas idéas, e o de Guizot, que perdeu involuntariamente

uma monarchia, até Julio Simon, o annunciado salvador de uma republica que não está perdida *(Muitos apoiados.)* e E. Zola, o chefe de uma litteratura que felizmente não está radicada. *(Muitos apoiados.)*

Pode-se ser conservador sem vergonha da profissão, e mal vae á politica de um paiz que não tem um partido destinado a moderar com prudencia o primeiro impeto das revoluções; e do mesmo modo lhe vae mal, muito mal, se não tem outro organisado em boas condições de disciplina e de força, que sirva para demonstrar, por actos e palavras, que na infinita serie do tempo todos os momentos variam, e que não ha fidei-commissos nas gerações do espirito, e que o dia de hoje não póde dizer ao dia de ámanhã: prende-te, fixa-te, immobilisa-te n'este facto que eu produzi, n'esta verdade que eu formulei! *(Muitos e repetidos apoiados.)* Este, o partido progressista, é tão necessario, é tão legitimo como aquelle, o partido conservador. São, na politica, como os dois lados de um angulo,

como os dois polos de um globo, como as duas naves do mesmo templo. E até o partido radical, para o qual os outros têem mais odios que argumentos; até esse interessa aos progressos politicos da humanidade. É elle que primeiro annuncia o advento das novas instituições; é elle que occupa sempre a mais arriscada posição nos interminaveis combates do espirito; é elle que tem a coragem das supremas resoluções e dos golpes decisivos; é elle que figura com maior quantidade de nomes no martyrologio de todas as revoluções; é elle que reanima e sustenta essa famosa legião de pensadores, pamphletarios, poetas e jornalistas que, com o livro, com o artigo de cada dia, com a phrase ardente, com a estrophe incendiaria, consegue derrubar para sempre um poder nefasto, e reerguer nos seus escombros a gloria e a honra da França! *(Muitos apoiados.)*

Tem o partido radical um grave defeito: é dogmatico, e absoluto. Mas qual partido é isento de defeitos? Confunde a aurora com o

meio dia; mas nos dois termos confusos ha sempre luz. É um perigo imminente para os interesses consagrados; mas o mais certo sacrificio e o primeiro sangue derramado são sempre d'elle. *(Apoiados.)*

Eu não sou radical. Não me levam para ahi o meu temperamento nem a minha educação. Mas desejaria ver no parlamento, que deve ser a photographia politica da nação, representado o partido radical portuguez, se é que elle existe. *(Apoiados.)* E este desejo é tão intimo, o meu proposito tão sincero, que ás vezes, por amor da arte, colloco no logar em que devia inquadrar-se a facção radical o eminente estadista e meu prezado amigo, o sr. Dias Ferreira, com todo o seu partido *(Riso.)* Não estranhe isto a camara. Eu dou rasão do meu dito. É que o programma do sr. Dias Ferreira é todo eleitoral, e o direito eleitoral é a unica instituição que o radicalismo pôde estabelecer e tem logrado conservar sem que os outros partidos lhe desnaturem a obra.

A questão politica, como a formulou a opposição, reduziu-se a pequenas questões, a contradicções rebuscadas de proposito, a censuras amargas mas sem motivo, a algumas insinuações pessoaes, e á conhecida intimação ao governo para que abandone sem demora os conselhos da corôa... E o governo conserva-se, e não subiu o nivel moral do paiz, e liquida-se apenas que os regeneradores padecem gravemente a nostalgia do poder e que os constituintes, contradizendo o seu nome, continuam a demolir em vez de edificar, a representar na nossa politica uma missão puramente negativa, sómente critica, em que, por desgraça, se esterelisam sem remedio alguns dos mais gloriosos talentos da nossa terra. *(Apoiados.)*

Mas a questão politica não podia ser levantada n'outros termos? Mas não é este o momento azado para reclamar do governo que melhore os processos da nossa educação publica, e satisfaça, no que for possivel, as justas exigencias do nosso tempo? Mas o es-

pirito do seculo, que já passou por sobre a consciencia da opposição, este espirito do seculo, de que tanto se falla e tanto se escreve, estará satisfeito só porque cada um dos nossos partidos militantes tem no seu archivo particular um projecto de reforma da Carta?

Respondam-me os illustres deputados opposicionistas, que determinaram esta discussão e lhe imprimiram o destino que ella tem.

A questão de fazenda já não pode servir de embargo, já não pode ser obstaculo. Reconhece-o a opposição que, emquanto viu as nossas finanças em perigoso estado, não discutiu o projecto de resposta ao discurso da corôa; reconhece-o a opposição na pessoa do seu chefe, o sr. Dias Ferreira, que apreciando a gerencia do nobre ministro da fazenda, nada mais fez do que lamentar que o sr. Barros Gomes não annunciasse com exactidão absoluta o dia e a hora do desapparecimento do *deficit,* como na astronomia se prediz com

toda a certeza a formação de um eclypse; reconhece-o a opposição que, n'este longo debate, só raras palavras tem empregado n'este assumpto, e essas sem importancia e sem verdade como se evidenciará a seu tempo... Pois este tem sido ultimamente o motivo, e foi por muito tempo o pretexto para o adiamento das reformas necessarias aos progressos da liberdade, a qual não é, como alguns julgam, uma simples negação de estorvos movidos á actividade humana, mas a substancia mesma da alma moderna, com os deveres que a obrigam, com os direitos que lhe assistem, com as suas indefinidas aspirações para um futuro melhor, em que tenha realidade plena o pensamento da democracia, que para nós, povos latinos, não passa ainda de uma esperança, a mais formosa, a mais ridente esperança que tem brotado do chão da nossa historia. *(Muitos apoiados.)*

Vou eu levantar a questão politica, a verdadeira questão politica, pedindo ao ministerio que apresente, no mais breve espaço de

tempo, as reformas indicadas no programma progressista, principalmente a que procura garantir a genuinidade do direito eleitoral e a que tem por fim a transformação radical da camara alta no interesse d'ella e em beneficio do paiz. *(Apoiados.)* D'estas duas reformas faço o meu dever, o meu destino parlamentar; não deixarei de bradar por ellas com toda a minha voz emquanto tiver a honra de um logar n'esta camara.

A esta hora o direito eleitoral, regenerado pelo principio da representação das minorias, transforma a vida politica de quasi todos os povos. A revolução, nascida na Dinamarca em 1855, communicou-se á Inglaterra e á propria Hespanha, e passando á America, onde lavra sempre com rapidez o incendio das boas idéas, ganhou para si o Sul e todo o Norte.

É, pois, tempo de a adoptarmos, não como um ensaio apenas, mas na mais lata applicação que possa ter no nosso paiz. O ensaio está feito; a tentativa, muitas vezes repe-

tida, provou bem em toda a parte. *(Apoiados.)* Chamo para este ponto a attenção do nobre ministro do reino, meu querido amigo, a cujo espirito, por muitos titulos superior, sei que é de todo o ponto sympathico aquelle principio.

Relativamente á outra reforma direi sómente, por agora, que a nossa camara alta é menos liberal, na sua organisação, que a dos Estados da Allemanha, onde o espirito feudal vive ainda, e que a de Inglaterra, onde a aristocracia é uma casta sustentada pela tradição e pela riqueza...

Concluindo o meu discurso, offereço á camara duas verdades, que são de certo do seu conhecimento, mas merecem ser repetidas pela sua alta importancia:

O melhor meio de conservar as instituições é affeiçoal-as ao tempo, que na sua corrente impetuosa, irresistivel, mata sempre o que não póde transformar. Os povos que fluctuam na incerteza dos seus destinos, e não podem ou não querem impor-se ao respeito

universal pela sua virtude ou pela sua força, teem este futuro inevitavel: assistirão ás proprias exequias, celebradas por outras communhões sociaes, como Carlos V ás suas, segundo a lenda monastica!

Não é uma phantasia escura, pessimista, que gera estas estranhas hypotheses; é a sciencia que diz isto e a historia que o confirma no facto irrecusavel da lucta pela existencia.

Na existencia dos povos, como na vida dos individuos, uma hora emenda muitos erros e evita, salvadoramente, grandes desgraças imminentes. É necessario, se se entende que soou essa hora, aproveitar o ensejo; addiar, addiar sempre, tem sido a nossa doença e póde ser a nossa morte!

Pense n'isto o governo, e pense n'isto a camara. Não podem ser maiores as responsabilidades d'este momento. *(Muitos apoiados.)*

VOZES: — Muito bem.

(O orador foi cumprimentado e abraçado por quasi todos os srs. deputados, pelos srs. ministros e

por varios dignos pares do reino que estavam na camara).

Leu-se na mesa a seguinte:

PROPOSTA

A camara, confiando plenamente no procedimento politico do governo, cuja conservação considera necessaria aos interesses publicos, passa á ordem do dia.—*Antonio Candido.*

Foi admittida e ficou em discussão juntamente.

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS
NA SESSÃO DE 26 DE MARÇO DE 1881.

Sr. presidente:

Pouco tempo gastarei á camara. A sessão vae quasi finda. Prolongal-a seria aggravar a situação, pouco commoda, dos snrs. ministros e continuar um espectaculo que não tem nada de edificante.

Desejo significar o que me inspiram os recentes acontecimentos politicos do paiz, e definir desde já lealmente, francamente, a minha attitude diante do novo ministerio.

Affirmo a v. ex.ª que o que me determina a proceder assim não é a envaidecida consi-

deração de que n'esta camara me pertença uma posição distincta da dos meus collegas; o que me faz pedir a palavra e usar d'ella é a necessidade de ceder á natural franqueza do meu caracter, absolutamente avesso a toda a ordem de reservas.

O meu pensamento cabe perfeitamente nas explicações formuladas, ha pouco, pelo sr. Anselmo José Braamcamp. Eu e todos os membros da maioria continuamos a ver no veneravel nome do nosso chefe o mais formoso brazão que nos nobilita, e a maior auctoridade que nos recommenda. *(Muitos apoiados.)* Não houve nunca divergencias no partido progressista, cuja unidade se deve a profundas e seriissimas convicções; hoje quaesquer divergencias seriam absolutamente impossiveis diante da ardua e difficil missão que temos de cumprir. *(Muitos apoiados.)*

A demissão de um gabinete e a formação do que lhe succede são sempre acontecimentos ponderosissimos. Ainda que seja em grande parte artificial a vida publica, ainda

que as mutações politicas não correspondam exactamente aos movimentos da consciencia nacional, aquelles factos teem sempre uma grande influencia, uma influencia inilludivel, no modo de ser e no modo de existir dos povos. Pode até sustentar-se, com muito plausiveis fundamentos, que nada ha que reveja tão perfeitamente o estado moral de um povo como os processos usados na formação e destituição dos seus governos. *(Apoiados.)*

Sabem v. ex.ª e a camara que é meu costume, costume que resulta da minha educação scientifica, procurar sempre na historia a demonstração dos meus assertos. Para mim só é legitimo o que vem da inducção dos factos. Mas excepcionarei hoje esse meu habito intellectual, e não ponderarei as desgraças da Polonia pela desordenada successão dos seus governos, nem recordarei as miserias e os crimes do militarismo na administração publica da Hespanha até á revolução de 1868, nem compararei dois periodos bem recentes da politica franceza, nem importuna-

rei o sr. presidente do conselho com a relação de factos pertinentes ás nossas tres epochas constitucionaes, de que s. ex.ª é uma das mais distinctas e bem qualificadas testemunhas.

O momento não é azado para grandes discursos, nem para longas divagações historicas, por mais apropositadas que sejam.

Lamento sinceramente que a crise ultima tivesse a origem e o desenlace que teve. Lamento isto, menos pelo meu partido do que pelo meu paiz. *(Apoiados.)* Eu digo dos factos politicos da nossa terra o que um celebre escriptor, conhecido de toda a gente, disse dos factos economicos de todo o mundo: *ha n'elles sempre o que se vê e o que se não vê.* O que se vê muitas vezes, e esta é uma d'ellas, é uma apparencia doirada, uma forma legal que occulta uma profunda injustiça ou uma grande inconveniencia; outras vezes, nem sequer ha o cuidado de colorir os factos, que se apresentam nuamente, cruamente, taes como são. Qual d'estes dois processos é menos re-

pugnante? Talvez o segundo. É, pelo menos, a franqueza na politica. E a definição não é impropria, porque o impudor é uma das formas de franqueza... *(Sensação.)*

O que foi visivel, o que serviu de pretexto na queda do governo progressista, foi a ultima votação da camara dos pares.

São muito conhecidas as minhas idéas sobre a camara alta. Apresentava-se em pleno vigor um ministerio que eu apoiava, estava perfeitamente desanuviado o horisonte da sua politica, e eu, sem me preoccupar com qualquer effeito das minhas palavras, dizia aqui livremente o que entendia a esse respeito. Foi celebrado o meu procedimento pela coragem que revelava! N'este paiz é um acto de coragem, é quasi um heroismo, dizer o que todos pensam! *(Riso.)*

Se eu então procedia assim, ninguem poderá estranhar que hoje me declare contrariado por ver que no meu paiz, e nas eminencias d'este seculo, o privilegio hereditario ganha uma tão assignalada victoria contra

o espirito moderno; *(Muitos apoiados.)* ninguem estranhará que eu me colloque ao lado do sr. Dias Ferreira, para dizer que é necessario que a representação nacional esteja realmente muito fraca, muito impotente, muito desprestigiada, muito defraudada na sua auctoridade e nos seus direitos, para ceder assim diante do ultimo reducto, em que a força triumphante do tempo collocou a mais absurda tradição da minha patria. *(Muitos apoiados.)*

Disse já aqui, na sessão d'este anno, que a nossa camara alta era na sua organisação a mais viciosa de todas que conhecia; e quando affirmava isto repassava mentalmente as instituições correspondentes da Inglaterra, da Austria, da Prussia, da Baviera, do Wurtemberg. Hoje accrescento, com profunda tristeza, que ella é a mais poderosa de todas! Os nossos pares do reino podem olhar com soberano desdem para os pares de Inglaterra e para os senadores de França e da Italia. Valem mais do que elles. Sobre essas grandes

nações temos nós esta invejavel superioridade! *(Sensação.)*

A camara dos dignos pares derrubou o gabinete progressista mediante uma moção do sr. Fontes, preparada por outra do sr. Barjona. De maneira que na moção, que vingou, houve a cooperação dos dois dignos pares. O sr. Fontes deu a letra, mas o sr. Barjona forneceu o espirito!

Foram accordes as duas moções em significar que eram graves as condições do paiz e que o partido progressista não estava á altura d'ellas. E porque eram graves as condições do paiz? Porque o espirito publico estava excitado,—na capital, por causa do tratado de Lourenço Marques; nas provincias, por causa dos impostos. E quem apresentou estas moções, e os que as applaudiram e votaram tinham, quasi todos, a originaria responsabilidade do tratado de Lourenço Marques, *(Muitos apoiados.)* e estavam seriamente compromettidos na questão dos impostos, porque a necessidade d'elles proveio principal-

mente da ultima administração regeneradora, *(Muitos apoiados.)* e tambem porque ainda na sessão passada elogiaram e approvaram a contribuição da renda! *(Muitos apoiados.)*

Eu espanto-me de que haja consciencias que possam com tão flagrantes contradicções! Eu não comprehendo como ha partidos que se preoccupam unicamente com as vaidades e os interesses do poder, e são de todo inaccessiveis á mais trivial consideração de coherencia partidaria e de interesse nacional! *(Muitos apoiados.)* Aspirar á honra de governar bem é nobre, é digno; aspirar simplesmente ás *honras* do governo, não pode merecer taes qualificativos. É pequena a estatura moral de quem pensa de outro modo. *(Apoiados.)*

Mas onde está o sr. Fontes, auctor da moção triumphante, para mim e para todo o paiz unico responsavel do que se passou?

Porque não apparece?!

Foi elle quem commandou a opposição; foi elle quem planisou a campanha definitiva; foi elle quem, do centro do seu partido,

intimou ao gabinete progressista a sua demissão.

Porque não apparece?

Para salvar a sua palavra de honra, como ha pouco disse o sr. presidente do conselho? Não pode ser. A palavra de honra de um estadista distincto não se salva com sophismas vulgares. *(Muitos apoiados.)* Quando o sr. Fontes dizia na camara alta que não queria o poder, acrescentava logo que o não queria porque politicamente o não devia querer. *(Apoiados.)* Individualmente, interessa pouco que o sr. Fontes queira ou não queira o poder. Os caprichos e os desejos pessoaes de s. ex.ª não se prestam a declarações solemnes. *(Apoiados.)* Como chefe de partido é outra cousa. Foi n'esta qualidade que fallou. E para se ver que a sua palavra era a palavra do seu partido, para que não restasse uma sombra de duvida a este respeito, veio aqui o sr. Lopo Vaz, hoje ministro da fazenda, explicar e commentar as declarações feitas na outra cama-

ra. Eu vou ler um trecho edificante do discurso do sr. Lopo Vaz.

(Leu.)

Portanto, a palavra do sr. Fontes reproduzida aqui pelo sr. Lopo Vaz, obrigava todo o seu partido.

Será para fugir ás responsabilidades do seu ultimo acto que o sr. Fontes não apparece? Tambem não póde ser. O sr. Fontes que, a par de grandes defeitos politicos, tem eminentes qualidades pessoaes, é um perfeito homem de bem. Não o julgo capaz de uma tal fraqueza, e lamentavel fraqueza seria determinar uma crise que, no pensar de toda a gente, é gravissima, e depois esconder-se, fugir, desertar do seu posto! *(Muitos apoiados.)*

Resta uma unica hypothese: é a do sr. Fontes, julgando-se já demasiadamente grande para presidente do conselho, ter creado uma situação para si, uma nova situação quasi official, no espaço que vae de chefe de gabinete ao poder moderador! *(Sensação.)* Isto não está previsto na constituição, *(Riso.)* mas

tambem não é cousa inteiramente nova. Na França ha quem represente um papel similhante... Effeitos do *opportunismo*, que todos os dictadores felizes professam!

Mas se esta hypothese é a unica acceitavel, e parece-me que sim, legalisemos esta situação, reformemos a carta, creemos um quinto poder do estado, pelo menos emquanto vive o sr. Fontes! *(Riso.)*

A opposição de hontem bradava contra um supposto poder occulto, que tinha sonhado no partido progressista; e as cousas dispõem-se-lhe de modo que, logo na primeira situação que fórma, tem, não um simples poder occulto, mas uma verdadeira *omnipotencia occulta! (Muitos apoiados.)*

Ninguem as diz que as não pague. *(Riso.)*

Se o voto da camara dos dignos pares foi a causa visivel, parece-me que o verdadeiro motivo da crise foi a insoffrida impaciencia da opposição, a mais insoffrida impaciencia de que ha memoria nas opposições d'esta terra! Determinaram esta impaciencia rasões

que prendem na nossa decadencia economica e moral; cederam a ella homens que, pela alta posição que occupam e pela grande auctoridade que teem, deviam resistir-lhe tenazmente no interesse de si proprios e em beneficio das instituições. Não quizeram cumprir o seu dever, e fizeram mal. O futuro mostrará que fizeram mal! *(Apoiados.)* Não disseram a verdade a quem a deviam inteira e completa, *(Apoiados.)* e fizeram acreditar que o espirito publico estava excitado, que o aspecto do paiz era temeroso e medonho, que já se faziam ouvir os rumores de uma revolução imminente, quando o que simplesmente havia era a calculada mobilisação dos elementos que, de todo o sempre, foram hostis ao governo progressista! *(Muitos apoiados.)* Ora, uma opposição que se move póde ser, ou não, uma opposição que augmenta. Esta não era. *(Muitos e repetidos apoiados.)*

E é quando a nossa politica acaba de exhibir-se n'um dos seus peiores aspectos; quando a camara electiva é exauctorada pela

camara alta, cujos membros são escolhidos livremente, e sem numero determinado, pelo poder moderador; quando se põe novamente em evidencia a personalidade de um homem, de um chefe de partido, que domina, com vontade absoluta, as mais influentes corporações do estado; é n'este momento que o sr. Thomás Ribeiro falsifica a sua voz eloquente com esta phrase de effeito: «Nós somos o povo mais liberal do mundo!»

Não somos, não. A liberdade, a verdadeira liberdade, não a tivemos ainda, e, por culpa nossa, estamos bem longe de a possuir; o que temos, o que ninguem nos póde disputar, é a igualdade, a mais perfeita igualdade que ha: não a que resulta da ascenção dos pequenos, mas a que é fatalmente produzida pelo enfraquecimento e depressão dos grandes! *(Apoiados.)*

Com todos estes vicios de origem, os actuaes ministros não podem merecer a minha confiança. *(Muitos apoiados.)* Se continuarem nos bancos do poder as suas tradições

partidarias, hei de combatel-os n'esta casa, se continuar a ser deputado, lá fóra, em qualquer tribuna que me appareça, sempre com a cortezia e delicadeza que são proprias da minha educação, mas com todo o desassombro e com toda a coragem da minha palavra; se renegarem as suas tradições, o que não creio, lamentarei o desprestigio de s. ex.as pelas contradicções da sua vida publica, mas não embaraçarei de modo algum os actos da sua administração. *(Muitos apoiados.)*

Mas parece-me que este ultimo caso não virá a realisar-se. É a presente sessão que me inclina a pensar assim.

Subiram ao poder em nome da agitação produzida pelo tratado de Lourenço Marques e pelo imposto de rendimento; pergunta-se-lhes hoje o que tencionam fazer a respeito d'estes dois assumptos, e respondem em relação ao primeiro: adiamol-o; em relação ao segundo: vamos estudal-o! Pergunta-se ao sr. ministro da guerra a sua opinião sobre o modo como comprehende o grave problema

da organisação militar, e s. ex.ª responde que o comprehende assim: gastando com o exercito 9.000:000$000 reis! *(Riso.)*

E haver quem se tenha assustado com a verba de 4.000:000$000 réis, que o orçamento lhe destina! *(Riso.)*

Com este programma do sr. ministro da guerra, e com as evasivas e promessas de estudo dos seus collegas, sabe-se, pouco mais ou menos, o que temos a esperar d'este gabinete. *(Apoiados.)*

Poucas palavras mais. É muito cedo ainda para se julgar o ultimo gabinete progressista e o partido que o apoiou. Quando passar a excitação de momento, quando se fizer luz clara sobre os ultimos acontecimentos, nós receberemos a palavra de justiça que merecermos. *(Apoiados.)*

O ministerio progressista caíu quando estava paga a ultima letra da divida fluctuante e chegára a occasião de lhe serem pagas, a elle, algumas letras de gratidão. *(Muitos apoiados.)* Mas isto fica para depois.

Não sei o que o futuro dirá de nós; poderá dizer que não fomos habeis, mas dirá, mas deve dizer que fomos dignos. *(Apoiados.)* Prestamos alguns serviços ao paiz no juizo dos nossos mais intransigentes adversarios, e aprendemos cousas que, com certeza, nos hão de servir para o futuro. E eu digo já o que aprendemos. Subindo ao poder n'uma verdadeira crise financeira, o ministerio progressista entendeu que devia antepor as questões de fazenda ás questões politicas. Previa que sacrificava a sua popularidade n'este patriotico empenho, mas foi para diante. Pois fez mal, muito mal. Bem o dizia aqui o meu nobre amigo, o sr. Dias Ferreira, e erradamente andava eu procurando contrariar as idéas de s. ex.ª, expostas na maior elevação do seu grande entendimento, e parece que inspiradas na visão prophetica das evoluções da camara alta! *(Apoiados.)*

É hoje minha opinião que a primeira cousa a fazer é resolver a questão politica, por si, e como preliminar obrigado da questão de

fazenda. Creio que é esta tambem a opinião de todo o meu partido, que ha de aproveitar, no seu futuro procedimento, a lição recebida agora.

Pela minha parte, protesto recordar-lh'a ainda com perigo de ser importuno, e declaro que farei, da apresentação de reformas politicas, a principal condição dos serviços que possa prestar-lhe.

Devo isto ao meu nome e á minha consciencia. *(Muitos apoiados.)*

VOZES:—Muito bem, muito bem.

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS
NA SESSÃO DE 21 DE JANEIRO DE 1885.

Sr. presidente:

A minha moção de ordem é uma substituição completa ao projecto da illustre commissão incumbida, pela maioria d'esta camara, de redigir a resposta ao discurso da corôa.

Obedecendo aos preceitos do regimento, vou ler a minha moção:

(Leu.)

«Senhor.—A camara dos deputados, eleita em conformidade com a lei de 25 de maio do anno passado, convencida de que do successivo aperfeiçoamento dos processos eleitoraes depende o fortalecimento das instituições,

aprecia devidamente a satisfação de Vossa Magestade ao ver-se rodeado dos representantes da nação.

«A camara regista com agrado a declaração de que as nossas relações com as potencias estrangeiras não teem soffrido alteração alguma; e folgará de reconhecer que se teem mantido as allianças, que devem ser o fundamento d'essas relações. Aguardando os resultados finaes da conferencia de Berlim, de cuja iniciativa declina a responsabilidade o governo de Vossa Magestade, esta camara estimará muito verificar que se empregaram as devidas diligencias e as melhores negociações, para que, na questão africana, fossem reconhecidos e respeitados os nossos direitos de soberania, e os nossos interesses commerciaes resalvados e protegidos como os das outras nações representadas n'aquelle congresso diplomatico.

«Esta camara lamenta que o procedimento do governo durante o interregno parlamentar e o teor das reformas politicas por

elle apresentadas, a inhibam de cooperar, como desejava, na elaboração das mesmas reformas.

«A camara estima que a tranquillidade material do paiz não tenha sido alterada, fazendo votos para que, quanto antes, se atalhe á desordem moral, que n'estes ultimos tempos ameaça subverter aquella.

«E quanto aos acontecimentos que perturbaram a ordem publica nas nossas possessões, a camara deseja que o governo attenda á melhor organisação das nossas forças ultramarinas, em harmonia com as nossas necessidades de potencia colonial.

«A camara, dando a sua plena approvação ás providencias adoptadas para nos defendermos contra a invasão do *cholera-morbus*, sem prejuizo dos reparos que tenha a fazer por não haverem sido cumpridos os preceitos da contabilidade publica, atraiçoaría a opinião do paiz, que representa, se occultasse a Vossa Magestade a dolorosa commoção, determinada pelas outras providencias dictato-

riaes, decretadas sem necessidade durante o intervallo das sessões, com tanta offensa para a magestade do poder legislativo, como damno para os verdadeiros interesses do paiz.

«A camara folga com o desenvolvimento e progresso, revelados pela exposição agricola na mais importante das nossas industrias, e, no referente ás obras publicas, é seu desejo que ellas sejam reguladas pelos principios da mais severa economia, e em conformidade com as circumstancias financeiras do paiz.

«A camara comprehende que a nossa questão colonial lhe exige a maior attenção, e entende que não podemos levar á Africa a civilisação e desenvolver os seus elementos de riqueza, sem reformar profundamente a nossa administração ultramarina, alliando uma justa iniciativa das colonias á necessaria fiscalisação da metropole.

«A camara, reservando-se para apreciar a maneira como o governo usou da auctorisação qúe lhe fôra concedida para contratar um emprestimo, deplora que a situação do cre-

dito publico não corresponda aos sacrificios que teem sido impostos ao paiz, e sente que á boa vontade do parlamento não tenha correspondido o cumprimento das solemnes promessas de equilibrio financeiro, que tantas vezes teem sido formuladas pelo actual sr. presidente do conselho.

«A camara envidará todos os seus esforços para habilitar o thesouro a honrar os seus compromissos, convencida de que a morigeração nas despezas é um elemento indispensavel de restauração financeira, e de que o paiz se não recusará aos sacrificios, que em reforço ás economias forem necessarios para acudir aos seus encargos.

«Senhor, a camara dos deputados da nação portugueza reconhece quanto é ardua e importante a missão que tem a desempenhar em conjunctura tão melindrosa, mas espera que da confiança de Vossa Magestade, do apoio do paiz e da consciencia dos seus deveres tirará força bastante para bem se desempenhar do encargo que lhe é incumbido.

«Sala das sessões, em 21 de janeiro de 1885.—*Antonio Candido.*»

A camara ouviu hontem as declarações do sr. Anselmo Braamcamp, e ouviu-as com a respeitosa attenção que é devida á sua posição eminente e á conhecida lealdade da sua consciencia e da sua palavra. A proposta que tenho a honra de apresentar é todo o espirito d'essas declarações, applicado ás formulas e artigos do projecto que se discute, e tem, para o partido progressista, o alto valor e a summa auctoridade que lhe resultam da approvação do seu venerado chefe.

Disse hontem o sr. Anselmo Braamcamp que a opposição progressista seria, além de energica, franca e leal; e a primeira prova de que a nossa opposição revestirá estas duas qualidades, é a minha proposta, na qual se encontram compendiados, em clarissimo resumo, todos os aggravos que temos do procedimento do governo. *(Apoiados.)*

Mas alem d'estas considerações que explicam fundamentalmente esta minha proposta, parece-me que ella poderá servir para simplificar a complexa e ampla discussão em que está empenhada esta camara.

A minha proposta e o projecto da illustre commissão assignalam, se não me engano, e resalvadas quaesquer differenças, as duas correntes de opinião que dividem politicamente esta assembléa. Fica de um lado a identificação expressa do pensamento do governo e da adhesão da sua maioria; do outro lado a affirmação divergente de todo esse discurso em que a voz irresponsavel do rei foi mais uma vez obrigada a fazer uma falsa historia de administração e um falsissimo programma de governo! *(Muitos apoiados.)*

Vencerá o projecto da commissão que ha de ser defendido por vozes eloquentes, umas já experimentadas galhardamente nos torneios parlamentares, outras adquiridas ainda ha pouco, em felicissimas estreias, para gloria d'esta tribuna e da patria? Vencerá a minha

proposta, a que tambem não ha de faltar o prestigio e a eloquencia dos oradores da opposição, destacando e avultando na sombra da minha modesta palavra?

Não sei.

Confio pouco na efficacia da tribuna como inspiradora das assembléas politicas. É só nos dias de revolução, quando a alma popular, ardente e apaixonada, intervem nas deliberações sociaes, que a palavra póde, que a palavra vale! Mas, felizmente, o que se diz aqui passa d'este recinto; além d'esta casa continúa a nação que nós representamos. *(Muitos apoiados)* A tribuna não é só o centro do parlamento, é tambem o logar mais alto do paiz *(Apoiados)*; e assim como na natureza cosmica não se anniquila um atomo, na consciencia moral dos povos não se perde uma verdade, por muito simples que seja e por mais desvaliosa que pareça. *(Vozes:* — Muito bem. — *Muitos apoiados.)*

Principiou hontem o combate, e as primeiras palavras que se cruzaram foram, como

era de lei, a do nobre chefe do partido progressista e a do illustre presidente do conselho.

O primeiro tirou forças da sua doença e veio trazer-nos a sua palavra, que tem o prestigio de quarenta annos de uma vida impolluta e da obediencia incontestada de um grande partido. *(Muitos apoiados.)* O segundo, urbano e primoroso como é sempre, rendeu-lhe as homenagens merecidas, e disse depois da justiça e conveniencia da sua causa, como pôde e como soube.

Mas que notavel e frisante contraste! O discurso do sr. Braamcamp foi claro, raciocinado, direito ao seu fim, grave como a situação do paiz, solemne como os conselhos da prudencia, sentido como o patriotismo que o inspirou, e luminoso como a liberdade que veio servir. *(Muitos apoiados.)*

O discurso do sr. Fontes, eloquente e facil, como é do genio da sua palavra, foi vão, contradictorio, cortado de digressões recreativas, picado aqui e além de uma ligeireza de

humor, que está sendo a nota mais repetida da sua ultima maneira parlamentar. *(Muitos apoiados.)*

Pedindo a palavra sobre um discurso do sr. Fontes, e tendo apresentado uma moção de ordem, tenho de justificar essa moção de ordem e tenho de responder ao discurso do sr. presidente do conselho.

Responder ao ultimo discurso do sr. Fontes confesso á camara que é... extremamente difficil. Disse tantas cousas! Moveu tantos assumptos estranhos ao debate! *(Apoiados.)* Quando eram necessarios argumentos, fazia diversões oratorias; quando se lhe pedia historia, contava anecdotas; quando era convidado pela voz austera e auctorisada do sr. Braamcamp a dizer o seu juizo sobre cousas tão momentosas e graves como a economia e a fazenda da nação, narrava novamente as suas viagens, que o paiz já sabe de cór *(Riso e apoiados.)* dizia-nos que tinha nos *arsenaes da memoria* armas terriveis para castigar a nossa severidade, se ousassemos manifestal-a — ar-

mas que, por antigas, pareciam mais proprias de um museu do que de um arsenal—*(Riso e apoiados.)* improvisava umas cousas quaesquer do *ancien régime,* que não se sabe para que vieram, e fazia variações de philosophia vulgar sobre uma velha phrase sua. *(Riso e muitos apoiados.)*

Em todo o caso é necessario responder a s. ex.ª, e eu confio um pouco em que a minha memoria reviverá os pontos essenciaes do seu discurso. Esta confiança na minha memoria é uma vaidade que se me desculpará, attendendo a que ninguem preza a que tem, ou sente o pudor da sua falta...

O sr. presidente do conselho exclamava hontem: Estranho a declaração de guerra, que se me faz! Guerra houve sempre. Por treguas nunca dei. Ainda me sinto dos duros golpes, que me foram vibrados na sessão passada!... E logo em seguida, pouco depois, dava á sua palavra a maxima intensidade de indignação,—não sei se natural, se postiça—e bradava contra o rompimento do accordo, que qualifica-

va de impolitico, desleal para nós e prejudicial para a patria!!

Quem entende isto?

Parece-me que é caso para se dizer ao sr. Fontes que se a guerra a todo o transe não implica com o accordo, não o contradiz, fique s. ex.ª pensando que elle subsiste ainda. *(Riso. — Apoiados.)* Não vejo inconveniente n'isto.

Insistindo em que se rompera o accordo, o nobre presidente do conselho declarou ao paiz e ao mundo que não foi sua a culpa; e trahindo, pela commoção da voz, melindres de sensibilidade, de que se não suspeitava, acrescentou que sentiria afflictivos remorsos se para tal houvesse contribuido! A isto se chama esgrimir com phantasmas, o que não fica bem a um ministro da guerra. *(Riso. — Apoiados.)*

O sr. Braamcamp disse, a não deixar duvida, que ninguem rompera o accordo, que o accordo se extinguira por si, como se extinguem os contractos cujas condições e clausu-

las se acham integralmente cumpridas e satisfeitas. *(Apoiados.)* E não se limitou a dizer isto. Provou-o com o texto inequivoco das declarações do digno par, meu amigo, o sr. Henrique de Macedo, na outra casa do parlamento—texto que eu vou ler tambem, porque é importante, porque é decisivo, porque é esmagador para quem pensou que poderia illaquear, n'uma habilidade interesseira e facil, a honra e o dever de um grande partido. *(Apoiados.)*

Note a camara que não é um discurso revisto pelo orador. É o puro extracto das notas tachigraphicas, documento official, e publicado no seu logar proprio.

Isto tem alguma importancia.

Dizia o sr. Henrique de Macedo:

(Leu.)

«Depois d'essa leitura, entendia o orador, que os compromissos do partido progressista, resultantes do accordo, eram:

«1.º Votar a generalidade dos dois projectos, *(Referia-se aos projectos de reforma cons-*

titucional e de reforma eleitoral) caso essa generalidade viesse a ser votada;

«2.º Acatar e respeitar as reformas cuja necessidade for votada por esta camara, e cuja realisação for votada pela camara revisora e pela dos dignos pares, se se reconhecer que tambem ella tem de intervir n'essa ultima votação, caso ella venha a realisar-se.»

Mais abaixo, explicando o sentido de algumas palavras anteriormente proferidas, o sr. Henrique de Macedo, continuava:

(Leu.)

«Explicando o sentido das palavras «acatar e respeitar», disse que se devia entender que o seu partido poderia, se quizesse, continuar pelos seus meios de propaganda a insistir pela sua reforma, sem que, por isso, se considerasse que *desacatava* e *desrespeitava* a reforma feita, porque effectivamente propor, escrever, fallar contra uma lei existente não era *desacatar* nem *desrespeitar* essa lei.

«Portanto, a propaganda, a proposta, todos os meios legaes a que os partidos podiam

recorrer contra uma lei que não traduzisse os seus principios, todo o partido progressista ficára livre de os empregar, porque essa liberdade se reservára.»

Não attendeu o sr. presidente do conselho a estas declarações, quando ellas foram proferidas na camara alta? Se attendeu a ellas esqueceu-as depois? A si impute, no primeiro caso, a falta de attenção, e, no segundo, a falta de memoria. *(Apoiados.)*

N'esta maré crescente de infelicidades e contradicções, o sr. Fontes Pereira de Mello estranhou que lhe não notificassem o acabamento do accordo. Se esse pacto de temporaria alliança entre os dois partidos tinha acabado por si, para que seria precisa a denunciação do seu termo? Se essa denunciação devesse ter logar, não seria o discurso do sr. Braamcamp a realisação d'ella? Não é o parlamento o logar proprio para actos d'esta ordem? Não tem estado esta camara inhibida de tratar questões politicas, obrigada á morosa preparação que lhe foi imposta, tão con-

forme aos habitos e interesses do governo? Não tem estado desertas essas cadeiras, parecendo que os srs. ministros se sentem mal n'esta casa?! *(Muitos apoiados.)*

O illustre presidente do conselho, levantando-se para responder ao sr. Braamcamp, e não se atrevendo a negar a historia dos factos, narrada pela mais digna e leal palavra, que se póde ouvir, fez considerações, produziu argumentos, fallou de si, fallou de tudo, fallou de todos, como se a hypothese contraria, a que lhe convinha, fosse a verdadeira! E disse—ora insinuando, ora affirmando—que o contracto do governo com a opposição progressista obrigava esta a prolongar as treguas, pelas quaes não tinha dado, *(Riso.)* e a suspender a declaração de guerra, que nenhuma alteração trouxe nas relações dos dois partidos. *(Riso.—Apoiados.)*

Se a materia do accordo fosse tão comprehensiva como pretende o nobre presidente do conselho, o resultado seria o mesmo. Esse accordo já não existiria. A distancia rea-

berta entre os dois partidos seria hoje maior que nunca. O contracto estaria desfeito, o contracto estaria extincto. Por que? Porque as estipulações de qualquer especie acabam, entre outras razões que as invalidam, pela insolubilidade de algum dos contractantes, e o governo está ha muito tempo insoluvel, *(Apoiados.)* alienou o que ainda tinha para cumprir as suas obrigações desde que fechou o parlamento no anno passado; *(Apoiados.)* falliu, *(Muitos apoiados.)* e falliu fraudulentamente, *(Muitos apoiados.)* e, se o partido progressista estivesse, até então, de qualquer fórma compromettido, poderia e deveria rehaver a isenção do seu pensamento e a liberdade da sua palavra! *(Muitos e repetidos apoiados.)*

Mas, exclamava hontem o sr. presidente do conselho de ministros: se o accordo não era para o que eu suppunha, se não tinha as clausulas a que me referi, se estava restricto ao que a opposição diz agora, para que o queria eu? De que poderia servir-me? Eu tenho andado desde 1872 com o espirito do secu-

lô, como Diogenes com a sua lanterna, á procura de chefes de partido para me accordar com elles no alto e patriotico emprehendimento das reformas politicas. Pude entenderme com o sr. Dias Ferreira, que me cedeu, por ventura minha, dois ministros; suppuz que tambem tinha logrado a fortuna de me entender com o honrado chefe do partido progressista... Se esse partido não havia de cooperar com o governo n'esta sessão constituinte, para que solicitaria eu o seu apoio na sessão do anno passado?!

Lamentavel esquecimento este! Já se não lembra de que o accordo pôde distrahir o partido progressista do deliberado proposito de inacção parlamentar, em que elle estava; já se não lembra de que sem o apoio dos dignos pares, que representam este partido na outra casa do parlamento, o projecto, que reconhecia a necessidade das reformas, não passaria, e, o que peor se afigurava então ao sr. Fontes, todo o governo cahiria amortalhado n'esse projecto! *(Muitos apoiados.)*

Mas eu ainda não comprehendi bem o que o nobre chefe do partido regenerador pretendia de nós, alem da votação da generalidade d'aquelle projecto; confesso que não atinei ainda, nas nebulosas e contradictorias explicações que lhe ouvi, com o que mais podesse entrar na materia do accordo! Que poderia querer mais de nós? A votação da sua proposta, que não conheciamos então, e que em caso algum transladaria a nossa consciencia politica?! Mas era impossivel, porque era indigno. *(Muitos apoiados.)* O compromisso de que não tentariamos contra a sua obra por meios violentos e processos revolucionarios?! Mas era desnecessario, porque se subentendia. *(Muitos apoiados.)*

Na convenção franceza, Mirabeau, combatendo uma lei de emigração, exclamou do alto da tribuna: *juro que desobedecerei a esta lei, se for approvada.* Não passou pela mente do sr. Fontes, de certo, que jurassemos desobediencia ás refornas politicas, se ellas viessem a ser lei d'este paiz...

Obrigado pela necessidade da resposta ao discurso do sr. Fontes, tenho fallado do accordo, entrando na interpretação casuistica das suas clausulas, e cingindo-me á estreita dialetica em que s. ex.ª metteu as suas rasões. Quero agora fallar d'elle sob outro aspecto, indicando as suas origens, ponderando a sua opportunidade, fazendo a sua philosophia, e dizendo, em summa, por quaes rasões o acceitei e applaudi.

Acceitei-o, applaudi-o. Dei-lhe, de plena liberdade, a adhesão da minha consciencia. Não me arrependo. Não venho penitenciarme do que fiz, isto é, do que pensei. Não venho dizer que recebi a mercadoria pela côr da sua bandeira. Não darei, pela minha parte, o espectaculo offerecido pelo illustre chefe do partido regenerador, que, com tantos annos de vida publica e tão largo conhecimento dos homens e das cousas, vem dizer aqui, n'esta camara, que se illudiu sobre as qualidades dos homens com quem tratou!

Por que acceitei o accordo? Por que o applaudi?

Eu vou dizer.

Desde que o sr. Fontes assumiu a suprema direcção do seu partido, uma unica preoccupação teve e tem. É a de governar, governar sempre, governar só, governar com as suas idéas ou com as alheias, governar dentro ou fóra do ministerio, governar discricionariamente tudo e a todos. *(Vozes:—Muito bem.—Muitos apoiados.)* Perdeu, pouco a pouco, todo o sentimento da vida constitucional. *(Muitos apoiados.)* Ennevoou-se-lhe, com os fumos da gloria, a lucida e poderosa razão, e chegou a pensar, a crer sinceramente, que a sua complexa personalidade, excessivamente grande para a geographia d'este paiz, dava para tudo: para a vigorosa sustentação dos interesses conservadores, para a ousada e calorosa defeza das idéas progressistas, e até, se tanto fôra mister, para os primeiros ensaios de transacção da monarchia com a republica. *(Riso.—Muitos e repetidos apoiados).* E tratou logo de

comprometter e embaraçar de todos os modos, desde a intriga palaciana até á falsificação eleitoral, desde a seducção degradante até á guerra de exterminio, o unico partido forte, organisado, cheio de tradições, com hierarchia e com disciplina, com programma e com ideal, que podia e devia alternar-se no poder com o partido regenerador. *(Muitos apoiados)*. E d'ahi vieram, como da sua natural surgente, as perturbações que tanto teem contribuido, com prejuizo de todos, para a anarchia moral, talvez irremediavel, da nossa politica! *(Apoiados)*.

Foi em contradicção a esse pensamento dominador e absorvente do sr. Fontes Pereira de Mello que appareceu o expediente das reformas politicas. Era uma cousa a tentar. Sem a illusão metaphisica de que as reformas politicas regenerassem o paiz, entendeu-se, e entendeu-se bem, que era necessario alterar e reconstruir as cousas por fórma que o poder não fosse apanagio de um só homem, *(Apoiados.)* e patrimonio quasi inalienavel de um

unico partido! *(Muitos apoiados)*. Lançada na circulação esta idéa, que não julgo *à priori*, que a experiencia exaltará como uma verdade, ou fará entrar no dominio, já grande, das nossas utopias constitucionaes; lançada na circulação esta idéa, urgia dar-lhe satisfação, realisal-a. A politica inflamma facilmente as consciencias, educadas, pela maior parte, por processos pouco positivos; por outro lado, o pensamento da revisão constitucional estava gastando esforços e attenções, imperiosamente reclamados pelas necessidades recrescentes e pelos perigos immediatos da nossa administração interna e da nossa politica colonial. *(Apoiados.)*

Foi n'esta occasião que o sr. Fontes teve a idéa e tomou a iniciativa do accordo para as reformas politicas. Pareceu-me propicio o momento para a resolução do problema constitucional. Applaudi. O meu partido declinava de si um encargo, que seduzia o meu espirito e interessava a minha actividade; mas pensei que, no espaço indefinido da politica, os

*

ideaes e as boas causas se succedem facilmente. Tive sobresaltos, porque conheço as tradições do sr. presidente do conselho, e sei que, para elle, o governo tem sido sempre, não a applicação scientifica de altos principios, mas uma arte de expedientes habeis; no entretanto era necessario encerrar um periodo de anciedade publica, que já se tinha prolongado excessivamente. *(Apoiados.)* Por outro lado, agradava-me a posição digna, honesta, do meu partido no accordo que se elaborava. Pedia, como condição unica, uma lei eleitoral, que era excellente; não pedia, como é costume n'esta terra, ainda com o pretexto de menores serviços, logares na bancada dos ministros, nem participação nos proventos do poder. *(Muitos apoiados.)* Dava assim um exemplo de nobre desinteresse e sympathica abnegação, n'este meio ganancioso e egoista, em que de todo falta o ideal das consciencias convictas e das almas dedicadas, e mostrava-se digno dos grandes nomes, que enchem e esmaltam a sua formosa genealo-

gia! Mostrava que descendia de Passos Manuel, o melhor poeta e o primeiro sancto da nossa historia constitucional; do duque de Loulé, a alma mais estoica e fidalga, que ainda se estrellou na nossa moderna politica; do heroico e modesto marquez de Sá, que Alexandre Herculano appellidou o portuguez mais illustre d'este seculo; do bispo de Vizeu, esse bello caracter, feito de força nativa, abnegação constante e bondade plena; de José Estevão, o glorioso tribuno, em cujo peito leal não coube nunca uma ambição pequena, que morreu sem outras grandezas alem das do seu genio e do seu renome, e que nunca trocou pela cadeira de ministro a sua cadeira de deputado, comprehendendo e sentindo que ali, directamente, sem intermedio de especie alguma, melhormente representava o povo,—o povo, de que era, o povo, que elle amava, n'esses bons tempos em que a paixão pelo povo não era uma inferioridade e uma vergonha! *(Vozes:*—Muito bem, muito bem. *Repetidos apoiados.)* Mostrava que descendia de

todos esses, que o sr. Fontes citou hontem explorando a sua memoria, e que era digno de os representar, que conhecia e professava a sua doutrina moral, que continuava e honrava a sua escola, em que sempre se ensinou que a apostasia interesseira é um crime abominavel, e que a politica não póde ser, não deve ser, uma mercancia ignobil! *(Repetidos apoiados.)*

O partido progressista reclamou a lei eleitoral. Não pediu mais nada. Foi a unica condição que impoz. Não lucrou outra. Não promoveu interesses seus; serviu e zelou os do paiz. Nem sequer brazonou a sua historia, porque essa lei traz a assignatura de homens, que não são seus; mas honrou e enriqueceu, mais uma vez, a legislação e o direito d'esta terra. A lei eleitoral, obtida no anno passado, é quasi perfeita. Não conheço melhor. Porque a vi repudiada em algumas das suas disposições por deputados, que teem a gloriosa responsabilidade d'ella,—e lembro-me n'este momento, ainda com viva admiração, do lucido,

eloquente e notabilissimo discurso do meu prezado amigo, o sr. Marçal Pacheco, que certamente apenas a repelle na parte a que se referiu n'uma das sessões passadas; porque a vi repudiada, repito, devo dizer que, no meu juizo, é a melhor cousa feita no parlamento portuguez ha trinta annos! Igualámos a Hespanha. Somos superiores á Inglaterra e ás mais cultas nações do Novo Mundo. A França e a Italia, as nossas veneraveis educadoras, uma porque é o foco da revolução permanente que nos agita ha um seculo, e a outra, porque representa o fidalgo morgadio da nossa raça e nos ensina, em lições immortaes, a formula do direito e o sentimento da arte: a França e a Italia podem aprender aqui a theoria do direito eleitoral. *(Muitos apoiados.)*

Esta lei appareceu como prefacio das reformas politicas. O partido progressista desobrigára-se dos seus compromissos, votando a generalidade do projecto das reformas, e aguardaria, cheio de benevolencia, a obra do governo. Mas esta benevolencia, que estava,

naturalmente, entre as linhas do accordo, e era uma consequencia da approximação dos partidos, como a estima pessoal o é da approximação dos individuos, tornou-se impossivel, desappareceu, acabou, desde que, fechado o parlamento, o sr. Fontes inaugurou essa serie de attentados constitucionaes, que tanto commoveram o paiz, e logo fizeram que todo elle correspondesse com inteira indifferença, se não desprezo, á obra falsissima que o sr. Fontes ia fazer sob color de uma revisão constitucional! *(Muitos apoiados).*

Não podia ser maior, nem mais significativa a indifferença publica, e qualquer estadista menos corajoso teria succumbido diante d'ella. Mas são para muito mais os brios do sr. presidente do conselho...

É constituinte esta legislatura. Tem, por tanto, um caracter grave, excepcional. Quem tem medo a palavras, dá-lhe outro nome; chama-lhe *revisionista,* por exemplo, preferindo indicar a fórma do processo, que nos compete, a dizer logo, n'um só termo, a especiali-

dade dos poderes de que estamos revestidos. Em alguns actos solemnes e publicos, o governo evitou qualificar estas côrtes. Imagino que procedeu assim por conselho do sr. ministro do reino. *(Riso)* No relatorio do projecto das reformas, diz-se que a obra d'esta camara será um novo *acto addicional* á carta de 1826. Reminiscencias do acto de 1852, em que teve de cooperar o sr. Fontes Pereira de Mello. E deixe-me dizer, sr. presidente, que n'estas hesitações, no emprego d'estas pequeninas habilidades, se manifesta o estreito espirito com que vai ser ensaiada a reforma das nossas leis fundamentaes. Fazer uma reforma em que ficasse tudo como estava, em que nem sequer se modificasse a carta na sua fórma material foi, inicialmente, e é agora, o pensamento do sr. Fontes. E realisa-o, este feliz estadista! Nunca plano algum seu foi tão completamente realisado. Seguramente, faz uma reforma em *que fica tudo como estava! (Riso.— Apoiados.)*

Mas é constituinte, dizia eu. A lei de 13

de maio do anno passado, o decreto que convocou os collegios eleitoraes, os diplomas, que nos foram entregues, asseguram que é constituinte. Do estado moral do paiz, da sua attenção e interesse pela nossa alta missão, é que ninguem suspeitaria tal cousa. É, mas não parece! *(Apoiados.)*

Comprehende v. ex.ª, sr. presidente, que eu me não refiro ao paiz, considerado na totalidade da sua população; não posso referir-me senão áquella pequena parte, que está dividida pelos partidos politicos militantes. Percebe-se que o povo, a grande multidão trabalhadora e anonyma, não interviesse n'esta alta elaboração social; a liberdade ainda não levou as suas illuminações redemptoras aos mais profundos valles, onde jazem a sua miseria e a sua ignorancia! *(Muitos apoiados.)* Percebe-se ainda que não interviessem n'ella os desenganados, os desilludidos de toda a esperança, os vencidos na lucta cruel dos ideaes da sua consciencia com a realidade das cousas, os que voluntariamente se collocam á

margem de todo o movimento, azedos na sua impotencia ou descoroçoados no seu scepticismo! Mas não se percebe, não se comprehende, sem rasões muito ponderosas, a indifferença dos partidos diante das reformas politicas; e essa indifferença foi geral, foi completa, sem artificios que velassem a sua intenção, sem equivocos que embaracem agora a sua critica! *(Apoiados.)* Em tantos mezes decorridos desde que o nobre presidente do conselho lançou pregão da sua obra, nem um pamphleto veiu inscrever-se na bibliographia politica d'esta terra! A imprensa, que é o reflector immediato e vivo da consciencia nacional, todos os assumptos desdobrou e moveu nas suas columnas, menos este, que tão proximamente lhe pertencia! Nem um *meeting* se congregou á bella luz d'este sol meridional que convida, como o de Athenas, á vida publica a descoberto. *(Muitos apoiados.)*

Abre-se o periodo eleitoral. Era o ensejo azado para a grande lucta. Mas nada! Este periodo foi ainda mais calmo, mais sereno,

mais socegado do que é costume na nossa terra. Se, n'um ou n'outro ponto, se tingiu de nodoas de sangue, ninguem contemple n'esses funebres incidentes o signal de uma excitação publica elevada...

Reparo agora, sr. presidente, que o discurso da corôa e o projecto da sua resposta são omissos a este respeito. Não qualificam o acto eleitoral. Não alludem ás desgraças que o enlutaram. Não declinam de sobre o ministerio a responsabilidade do que houve. Não quiz o governo commover, indiscretamente, a voz do augusto chefe do estado da sessão real da abertura, ou foi seu proposito não sombrear, de qualquer maneira, a perspectiva côr de rosa, em que o paiz nos foi desenhado, illuminado em cheio pelo *espirito do seculo,* triumphante na diplomacia da Europa, respeitado e glorioso na Africa, e rico, opulento, a trasbordarem de dinheiro as arcas do thesouro?! *(Vozes:*— Muito bem.— *Muitos apoiados.)*

Mas por que não se levantou o paiz, por-

que se não inflammou, tratando-se de reformas politicas, vendo o sr. Fontes Pereira de Mello finalmente convertido á opportunidade das reformas politicas?! Porque a verdade é que não se levantou, não se inflammou, e nem sequer se surprehendeu, não obstante recordar-se de que, poucos mezes antes, o sr. Fontes dissera que tendo percorrido as provincias para ouvir e remediar as queixas dos povos, como os antigos reis das nossas chronicas, magnanimos e justiceiros, *(Riso)* tudo lhe pediram e supplicaram, desde Monsão até não sei onde, menos reformas politicas! *(Muitos apoiados.)*

Eu insisto n'esta consideração da indifferença publica. É capital. O governo representativo é governo de opinião. A opinião é necessaria sempre, mas principalmente em periodos como este. E a opinião falta a este ministerio; e a solidão, em que elle opera, o isolamento em que elle se vê, depois de ter arrancado aos adversarios uma bandeira, que era d'elles, não para a honrar, não para a agi-

tar aos ventos de uma discussão leal, mas para se cobrir com ella, para se resguardar n'ella, procurando algum calor artificial que lhe prolongasse a vida por mais tempo; *(Muitos apoiados.)* esse isolamento e essa indifferença são o primeiro castigo infligido a quem voluntariamente comprometteu e profanou um assumpto, que ainda poderia ser, talvez, salvador para este pobre paiz arruinado e decadente! *(Muitos apoiados.)*

N'estes dois ultimos annos o pensamento da revisão constitucional appareceu em algumas das mais adiantadas nações do mundo. A Allemanha, a Belgica, a França, a visinha Hespanha antes da exaltação de Canovas, a propria Inglaterra trataram de rever as suas leis organicas, dando razão aos protestos e aspirações dos seus partidos mais liberaes. Este facto, porque é geral, deve ter uma causa commum. E tem, de certo. As conferencias e entrevistas dos soberanos, tão frequentes nos ultimos tempos, talvez não sejam estranhas a este phenomeno politico, que poderá signifi-

car a comprehensão de grandes perigos imminentes sobre as instituições consagradas, e o proposito de os conjurar, ou de os retardar pelo menos... Se assim é, a comprehensão é justa; o que não sei é se o proposito será baldado, ou não. As concessões do poder, da iniciativa do poder, quando não resultam de uma evolução de doutrina, e são apenas para defeza de interesses proprios, não costumam ser sinceras, não podem ser efficazes, e, quando se julga que satisfazem a revolução, o que fazem, a final, é fornecer-lhe novas e mais perigosas armas! O socialismo de Bismark naufraga, presentemente, n'este escolho.

Mas eu não venho fazer a philosophia d'este facto. Fallo ha muito tempo; fallarei ainda por algum tempo; não posso levantar agora o meu espirito ás grandes affirmações da philosophia politica, que não seriam descabidas n'este momento, que são utilissimas sempre, porque d'ellas vem a luz que illumina o pensamento e o trabalho d'estas assembléas. Mas eu não quiz mais do que referir a coin-

cidencia de tantas nações, empenhadas no mesmo pensamento, para que a camara frizasse bem o contraste que se dá entre a agitação produzida lá fóra pela discussão das leis constitucionaes e a fria, glacial indifferença que precedeu e acompanha os nossos trabalhos parlamentares. *(Apoiados)*.

Não foi grande, não foi notavel, a excitação politica das nações a que alludi. A hora das grandes paixões politicas passou no mundo. A liberdade, nos seus elementos essenciaes, é um facto das leis, embora não seja, não tenha podido ser, um facto dos costumes. Os heroes e os martyres já não é este pensamento que os produz! Mas, se a questão politica, não resuscitou n'esses povos os bellos dias da primeira metade d'este seculo, teve comtudo a intensa consideração, a grave importancia, a discussão calorosa e ampla que merecem assumptos d'esta ordem, tão intimamente vinculados aos interesses positivos da moderna civilisação. *(Apoiados.)* É que lá fóra a proposição das reformas politicas não

appareceu como um sophisma, como uma habilidade, como uma extorsão de programmas alheios, como insidia armada á credulidade nacional, commentada, antes e depois, pelos mais nefandos attentados constitucionaes, que exautorariam de toda a influencia e perderiam no conceito social quaesquer homens, por mais alta que fosse a sua estatura e por maior que fosse o seu prestigio! *(Muitos apoiados.)*

Foram estes attentados, sr. presidente, que acabaram com toda a benevolencia, implicita no accordo. Gravissimos, enormes attentados! O primeiro, a que quero referir-me, é a mais lamentavel fraqueza do sr. Fontes; é a mais escura nodoa da sua vida publica; consummou-se no momento mais infeliz da sua existencia politica, porque n'esse momento o seu espirito, preterindo considerações altissimas, cedeu a uma tentação indigna, feita de pequenos arranjos partidarios e de irritações

pessoaes mais pequenas ainda! *(Muitos apoiados.)* Comprehende a camara que vou fallar da dictadura assumida para fazer a reforma do exercito.

Era necessaria a reforma do exercito; não o contesta ninguem. Não o póde contestar o meu partido, que contempla na força armada do paiz a viva recordação de passadas glorias, e a préza como esteio e segurança da independencia da patria. *(Apoiados.)*

Era necessaria a reforma do exercito, e se a iniciativa d'ella valesse como penitencia e castigo, deveria pertencer ao actual sr. ministro da guerra, a quem se attribuem os maximos erros da nossa administração militar nos ultimos annos.

Era necessaria a reforma do exercito, e um illustre ministro da ultima situação progressista, o sr. João Chrysostomo, mostrou que ella era necessaria, e indicou o que havia a fazer. *(Apoiados.)*

Mas a reforma do exercito podia fazer-se sem uma dictadura affrontosa. *(Muitos apoia-*

dos.) Mas não havia necessidade de fechar o parlamento, no anno passado, antes de ser discutido e votado na camara alta o projecto que auctorisava o governo a fazer essa reforma. *(Apoiados.)* Mas podia e devia esperar-se por esta sessão, em que estamos, para que se realisasse esse pensamento, que era justo, que poderia ser modificado na sua fórma, mas nunca seria recusado na sua substancia! *(Apoiados.)*

A dictadura exercida pelo governo é um crime, *(Muitos apoiados.)* e eu, no exercicio dos meus direitos de deputado, do alto d'este logar, em nome do paiz, accuso o governo por esse crime, articulando a circumstancia aggravantissima da sua impenitencia, porque só hontem, já em fins de janeiro, trouxe a esta camara a proposta do *bill* de indemnidade! *(Muitos apoiados.)*

A dictadura exercida pelo governo foi mais que um crime; foi um acto de impudor que repugnou a todas as consciencias dignas! *(Apoiados.)*

*

Comprehende-se a dictadura da tyrannia! não se comprehende a dictadura da vaidade; Comprehende-se a dictadura militar, cheia de perigos e responsabilidades para quem a assume; não se comprehende isso que para ahi se fez, sem risco nem consequencias! *(Muitos apoiados.)* Por isso, na historia da nossa decadencia moral e politica, a data de 19 de maio de 1884 é peor que a data de 19 de maio de 1870... *(Vozes:* — Muito bem. — *Muitos apoiados.)* Eu não posso ter na minha palavra toda a indignação da minha consciencia. Se podesse, ella seria agora mais ardente e pesada do que convem ao meu caracter e a este logar...

Depois da dictadura de 19 de maio de 1884 o meu partido não podia continuar approximações de qualquer especie com este governo; e de mim sei dizer que se as continuasse eu lhe retiraria de vez o meu fraco e insignificante apoio. Não é da nossa escola o transigir com um crime d'esta especie. Não ha talvez uma radical differença de compre-

hensão politica entre o partido regenerador e o partido progressista, mas ha uma enorme differença de comprehensão moral nos processos de administração e de governo, usados por um e outro partido. É isto o que me tem d'este lado. (*Apoiados.*)

Um abysmo clama por outro abysmo. Depois da dictadura assumida para reformar o exercito veio o adiamento das côrtes constituintes!

Adiar as côrtes constituintes! Mas onde se fez cousa igual?! Mas onde foi que o illustre presidente do conselho, n'esses enormes e complicados estudos de direito publico comparado, a que se dedicou para redigir o relatorio que precede a sua proposta de reformas politicas, onde foi que s. ex.ª viu que era possivel suspender, annullar temporariamente, por um acto do poder executivo, a soberania viva da nação, invocada solemnemente para rever as suas leis fundamentaes?!

Ah! Se o nobre presidente do conselho tivesse, desde o principio, a comprehensão

das graves considerações que tornavam necessarias as reformas politicas, e sentisse que a necessidade d'ellas era, não para revolucionar integralmente as condições sociaes d'esta terra, porque isso é objecto de outra causalidade e de mais complexas influencias, mas para reconstituir o nosso regimen parlamentar, e tornar possivel a vida legal e util de todos os partidos; se tivesse levantado o seu espirito a esse ponto, não faria o que fez, não prefaciaria com tamanhos attentados a convocação d'esta assembléa, não trataria com tanto desdem os representantes da nação, logo depois de eleitos, nem os desconsideraria, como faz, logo depois de reunidos. *(Muitos apoiados.)*

E eu vou provar que os desconsiderou gravemente.

Podia argumentar já com o theor das reformas politicas. Mas não farei isso, seguindo, como sempre, a inspiração do meu venerado chefe e illustre amigo, o sr. A. Braamcamp. Das reformas direi sómente que, como

satisfação ao espirito do seculo, valem pouca cousa, e, como resistencia aos progressos da democracia... não valem nada. *(Muitos apoiados.)*

Mas eu quero referir-me a outro facto. É n'elle que está o insulto, a affronta de que vou fallar. E custa-me que se fizesse o que se fez, obrigando a palavra do Rei a dizer palavras indignas; e magoa-me profundamente a desconsideração, a que vou referir-me, porque ella caíu em cheio sobre a maioria, que só tenho rasões para estimar muito, e onde conheço e admiro tantos talentos de primeira ordem, desde a Universidade, onde elles primeiramente se manifestaram!

Mas isto não se escreve; mas isto não se faz. Aqui está o discurso da corôa. Vou ler um periodo.

(Leu.)

«Tendo a lei declarado que alguns artigos da carta constitucional carecem de reforma, e estando os novos eleitos munidos com os poderes necessarios para a realisar, o meu

governo vos apresentará a proposta de um novo acto addicional á constituição do estado, contendo as alterações que pareça opportuno que se façam nos referidos artigos da lei fundamental. Tambem vos será presente uma proposta de lei eleitoral em referencia aos membros temporarios da camara dos pares.

«Tambem vos será presente uma proposta de lei eleitoral em referencia aos membros temporarios da camara dos pares...»

Diz isto o governo, pela voz do chefe do estado!

Mas quem o auctorisou a suppor que seriam temporarios alguns membros da camara dos pares? Porque não hão de ser todos temporarios, se as constituintes quizerem? Porque não serão todos vitalicios, se ellas assim o entenderem? Quem deu ao governo o poder de limitar a acção e a liberdade das duas camaras?! Para que se trouxe a lume isto, que podia ser uma intenção do sr. Fontes, ou uma interpretação possivel da vontade das

suas maiorias, mas não podia ser publicado sem trahir planos e revelar combinações que ferem, injuriam e ultrajam o parlamento?! *(Muitos apoiados.)*

Faz tristeza, isto. É a decadencia! O pudor das fórmas parlamentares é a ultima cousa que se perde no regimen constitucional! Está perdido, entre nós! *(Apoiados.)*

Eu devo declarar a v. ex.ª e á camara que me impressionaria pouco a decadencia do regimen parlamentar no nosso paiz. O parlamentarismo é uma formula provisoria, insufficiente, que o futuro tem de substituir como entender melhor. A rasão diz que estas assembléas, formadas por processos artificiaes, não são, em verdade, proprias para tratar competentemente da administração e da politica. A historia contemporanea confirma tudo isto, acrescentando-lhe defeitos que a rasão não formulava, exactamente nas nações de mais intensa vida politica, na Allemanha, na Italia, na França, na Belgica, na Inglaterra.

Não me impressionava muito que decaisse

entre nós o regimen parlamentar; mas impressiona-me que a sua ruina assumisse esta estranha fórma. Lá fóra é a intensidade, o excesso de vida, que rompe este molde do actual regimen; entre nós, esphacella-se, cae a bocados, pela desconsideração dos governos e pelo justo desprezo do povo! *(Muitos apoiados.)*

N'outro assumpto, extremamente grave, desejava entrar agora, demorando-me o tempo que reclama a sua importancia. É uma nova phase dos merecimentos d'este governo, que dá impressões a todos os caracteres, e obriga a attenção de todos os espiritos, os mais faceis em especulações de doutrina e os mais positivos por escola ou por temperamento.

A par de todos os desatinos politicos do governo, temos agora uma crise financeira assustadora, que póde ser o inicio de grandes desgraças. O sr. ministro da fazenda dá-nos a certeza de um *deficit* de 8.000:000$000 réis, a praça de Londres começa a castigar-nos cruelmente pelos nossos erros, e nomeada-

mente pelo ultimo, cuja triste responsabilidade pertence ao nobre ministro das obras publicas! *(Muitos apoiados.)*

A isto chegamos, depois da pompa solemne com que em 1881 o sr. presidente do conselho tomou conta da pasta da fazenda, promettendo matar o *deficit* com morte dura e violenta, para coroar assim, com digno remate, todas as glorias e serviços da sua vida publica! E a afinal de contas o *deficit* não morreu; o que morreu, foi essa illusão do sr. Fontes Pereira de Mello, se... se ella chegou a ter vida no seu cerebro!

Sr. presidente: No uso da faculdade que o regimento me permitte ainda terei de pedir novamente a palavra a v. ex.ª n'esta discussão. Por isso não me alongarei mais. Estou cançado, e a camara deve estar fatigada tambem. *(Vozes:* — Não, não*)*. Agradeço rendidamente o favor da camara, mas a minha saude não me permitte maior esforço.

Antes de concluir necessito dizer algumas palavras, que a mim mesmo me impuz a obrigação de dizer na primeira vez em que fallasse aqui, depois da sessão do dia 7.

N'esta sessão o illustre presidente do conselho, fazendo-me a honra de me responder, estranhou que eu lhe attribuisse, se não todas, as maiores responsabilidades dos acontecimentos do Porto, e todas as que se lhe referiam de longe ou de perto. Recordo-me de que, no discurso com que me fez a honra de me responder, tomando uma attitude altiva, disse s. ex.ª que assumia, com coragem e destemor, todas as responsabilidades dos seus actos. É facil isto, chega a não ser incommodo, visto que, n'este paiz, não ha quem lhe possa tomar a serio, efficazmente, essas responsabilidades, que tem a vaidade, nada perigosa, de não declinar. *(Muitos apoiados.)*

Pareceu-me que o sr. Fontes notára no meu discurso uma intenção determinadamente aggressiva. Illudiu-se. Não a tive; não a posso ter.

Ser-me-ha agradavel ferir e maguar o illustre presidente do conselho com a insistencia das minhas accusações? Não, de certo. Quem me conhece sabe que nada ha mais avesso á minha indole do que offender e importunar alguem, seja quem for. Não tenho odios. Nunca, no meu espirito, a opposição ás doutrinas se transformou em desamor pelas pessoas. Se a minha palavra podesse ter illuminações e côres, ella só as teria quando podesse, dentro do coração, embeber-se da luz dos meus mais puros affectos e das minhas mais fervorosas dedicações.

Mas terei alguma rasão pessoal contra o sr. Fontes? Não. Admirei sempre a sua grandeza parlamentar, e tive, desde que o conheço, a mais viva sympathia pelo seu porte correcto e distincto. As minhas relações pessoaes com este eminente estadista datam desde pouco, e já me deu a honra de palavras, que não posso esquecer.

Então por que nomeio sempre o sr. presidente do conselho, e o cito a todo o mo-

mento, nas pequenas e grandes cousas, deixando no silencio e no escuro os seus collegas do governo?

Devo dizer, em primeiro logar, que o meu silencio a respeito dos illustres ministros que se sentam ao lado do sr. Fontes não significa, de modo algum, a minha approvação aos seus actos; significa apenas, que os colloco, como devo, inferiormente ao seu chefe na ordem da importancia, como no grau das suas responsabilidades. *(Apoiados.)*

Nomeio em prímeiro logar o sr. Fontes, e cito-o a todo o momento, porque a sua qualidade de primeiro ministro lhe permitte preponderar no governo, e o feitio especial da sua personalidade o leva a projectar a sua sombra em tudo e sobre todos! E a tão insolita extensão de influencias e poderes tem correspondido a mais completa inanidade de pensamento e de intenções politicas. *(Muitos apoiados.)*

Governa ha quinze annos este paiz, e a anarchia moral em que vivemos aggrava-se

cada vez mais, e avoluma e engrossa de dia para dia esta torrente devastadora do sentido das palavras, da significação das idéas, do prestigio das pessoas, da dignidade das instituições, da descriminação dos partidos e até da integridade da patria! *(Muitos apoiados.)*

Se amanhã se retirar da vida publica, não póde levar na consciencia a satisfação d'um grande dever cumprido ou d'um alto destino realisado!! Que tem feito de tantos talentos, que a natureza lhe prodigalisou, da confiança da corôa, tantas vezes concedida, da docilidade parlamentar, tantas vezes assegurada, dos mil acasos felizes da sua fortuna prospera?

Nada, nada, nada! *(Muitos e repetidos apoiados.)*

É vêr:

Collocou-se diante do throno como antemural e defensor da monarchia, e a idéa republicana, que era um sonho, nasce, cresce, desenvolve-se, augmenta de importancia a toda a hora, assume a innegavel influencia

que hoje tem! *(Muitos apoiados.)* Poz o seu pensamento na politica colonial, e o seu penultimo ministerio ficou assignalado pelo tratado da India, como este ha de ficar marcado pela perda do Zaire! *(Muitos apoiados.)* Quiz resolver a questão da fazenda, e eis o credito do paiz na amargura em que o vemos! *(Muitos apoiados.)* Lembrou-se de realisar, elle! as reformas politicas, e arrancou-nos a bandeira, que era nossa: mas essa bandeira ha de cair-lhe das mãos ou tem de a levar a uma victoria, que será triste, nefasta, desgraçada para a sua reputação de homem publico, para a segurança das instituições, para o futuro do paiz! *(Muitos apoiados.)*

A responsabilidade cresce na medida do poder e da liberdade. Ninguem tem sido tão poderoso como o illustre presidente do conselho, ninguem tem governado tão livremente em longos e successivos ministerios. É por isso que eu não posso, sem grande e profunda commoção do meu patriotismo, vel-o cercado das ruinas em que se tornaram os prin-

cipios, os interesses, e as instituições em que tocou: sereno, impassivel, aprumado, não como o heroe da poesia antiga, que era a personificação das almas estoicas, mas como a moderna fórma sensivel da indifferença politica e do scepticismo moral. *(Muitos e repetidos apoiados.)*

Vozes: —Muito bem, muito bem.

(O orador foi cumprimentado por muitos srs. deputados e por varios dignos pares que estavam na sala.)

O sr. Presidente:—Vae ler-se a moção de ordem do illustre deputado.

Leu-se na mesa e foi admittida, ficando em discussão com o parecer.

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS
NA SESSÃO DE 20 DE JUNHO DE 1885

Sr. presidente:

Por poucos momentos tomarei a attenção da camara. Não venho discutir doutrinariamente este projecto de lei, nem exibir todas as justas considerações politicas que a materia d'elle inspira.

Por felicidade propria, e por felicidade de quem me ouve, posso dizer resumidamente o que penso; e, n'este momento, a minha intenção é apenas marcar, com o stygma de uma reprovação sincera e justa, este documento em que se prendem, n'uma solidariedade irritante, a responsabilidade do go-

verno e a da illustre commissão do orçamento. *(Muitos apoiados).*

Não me passa pela cabeça a idéa de fazer um discurso; não sinto no coração a necessidade de uma indignação vehemente. Não podendo reagir efficazmente contra o que se faz, contra esta falta de caracter politico que se nota em tudo, contra a sophismação permanente e ousada de todos os principios constitucionaes, limito-me a não cooperar nas cousas parlamentares, ou a cooperar n'ellas, como agora, sem prevenção, sem alento e sem esperança... E sinto que o meu espirito não seja grande, que o meu pensamento não seja fecundo e luminoso, e que a minha palavra não seja prestigiosa e eloquente, para que a subtracção das minhas faculdades ao interesse do governo e á commodidade do parlamento podesse valer como um castigo, ou, pelo menos, como protesto de alguma valia!

Não, não é conveniente que se opponha aos desatinos d'esta situação, que se atreve a tudo e que não respeita nada, palavras de

sciencia, argumentos de doutrina, textos de lei, conselhos de prudencia ou movimentos de paixão! *(Muitos apoiados.)* Para que? Qual seria, a final, o resultado util?... Cada processo tem o seu tempo; e hoje, seguramente, n'esta hora triste da politica portugueza, a eloquencia grave, demonstrativa, inspirada por um patriotico ardor, moldada pelos melhores exemplares da arte parlamentar, seria quasi um anachronismo, e, em todo o caso, uma prova de mau gosto... E eu, pela minha parte, digo que já me ha de ser muito difficil levantar ainda uma vez as ondas vivas e puras da minha consciencia contra estas cousas falsas, hypocritas, desacreditadas e impudentes, a que se chama, por ironia, as instituições parlamentares do paiz! *(Muitos apoiados.)*

Não digo isto de coração leve; digo-o com sincero, profundo e entranhado pesar.

Outra tribuna que tive, e a que me não refiro nunca sem palavras de muito respeito e de muita sympathia, deixei-a quando, em

minha consciencia, entendi que era deshonra usar d'ella contra o espirito da sua instituição, ou exploral-a em proveito proprio, sem convicções e sem lealdade. *(Vozes:* — Muito bem.) Esta, para que vim com tanta fé, com tantas convicções, com tão sincero e fervoroso enthusiasmo... esta, presinto que me não servirá por muito tempo, porque ou é demasiadamente estreita para os ideaes do meu espirito, ou é excessivamente ampla para o pequeno volume dos meus interesses e das minhas ambições.

Na sessão de hontem o sr. Franco Castello Branco, n'uma illusão que lamentei, fez aqui o elogio dos costumes politicos da nossa terra.

Que bello talento o seu! Que eloquente palavra, facil, prompta, viva! Desde a sua estreia, que foi brilhante, até ao ultimo discurso, exhibiu aqui as mais raras provas de um alto merecimento, que não póde ser discuti-

do. *(Muitos apoiados.)* Eu applaudi-o sempre, com intimo gosto, por que o estimo desde que o conheço, e porque uma das poucas cousas que ainda fazem vibrar a minha sensibilidade, na politica, é a manifestação do verdadeiro talento na arte e na sciencia da palavra!

Mas fez-me tristeza o que lhe ouvi antehontem. O meu illustre amigo considera bons os costumes politicos da nossa terra, e adduz, como prova, o facto de se conservarem sempre os snrs. deputados dentro dos respectivos partidos, não havendo deserções a notar, em quantidade e qualidade apreciaveis, desde os ultimos annos.

Já hontem o illustre e talentoso deputado, meu querido amigo, o sr. Carlos Lobo d'Avila, combateu o principal argumento do sr. Franco Castello Branco, mostrando que similhante theoria contradiz os principios do regimen parlamentar, e reduz ao minimo valor a missão d'aquella tribuna; e, recordando a proposito factos recentes da Inglaterra

e da Allemanha, provou que n'estas duas grandes nações as cousas eram entendidas muito diversamente da opinião do eloquente deputado da maioria.

Gladstone, o velho e glorioso Gladstone, viu-se ainda ha pouco desamparado dos seus amigos, dos que o auxiliaram na sua grande campanha eleitoral contra Disraeli, dos que o sustentaram na difficil e perigosa questão da Irlanda, e só agora não poderam apoiar a sua politica internacional, generosa e bem intencionada, mas hesitante, pouco decidida. O principe de Bismarck póde tudo: é quasi omnipotente; só não póde nada quando lança a sua vontade de ferro contra a consciencia do parlamento allemão. Isto disse, e melhor do que eu, o sr. Carlos Lobo d'Avila. E poderia accrescentar que, desde muito, na Italia, os ministerios não podem contar com o dia seguinte, se não põem todo o cuidado na boa administração do paiz, a qual, para os deputados italianos, é alguma cousa mais que a vontade de Cairoli ou de Depretis... *(Apoia-*

dos.) E poderia tambem lembrar que, na França, a previsão das votações parlamentares não é muito facil de fazer, e que o mesmo succede n'outros paizes, que só um egoismo nacional, muito optimista e muito exagerado, julgará inferiores a nós em dignidade moral e em civilisação politica! *(Apoiados.)*

Mas como se explica o facto, notado pelo sr. Castello Branco, de se prever a votação das nossas camaras com mais certeza do que se calcula a producção de quaesquer phenomenos meteorologicos, os mais frequentes, os mais simples?

Já que esta these de moral politica foi proposta, respondo, pela minha parte: É porque em Portugal os deputados se devem aos seus partidos muito mais do que ás suas consciencias e ao seu paiz. *(Apoiados.)* Os partidos são tudo; o paiz, nada, ou quasi nada. *(Apoiados.)*

Do mesmo modo que cada corpo tem uma sombra, cada regimen tem tambem a sua, e a sombra do regimen actual é a *servi-*

dão partidaria, é esta forçada obrigação que nós temos de acceitar factos, que, directamente, não praticamos, e de sopesar responsabilidades que, pessoalmente, nos não pertencem. *(Muitos apoiados.)* E esta sombra que se desenha em toda a parte, é aqui mais profunda e mais espessa, porque quem está dentro de um partido, ainda que queira abrir um conflicto de justiça, não tem para quem appellar, não tem para onde recorrer... Por isso succede que sob a apparencia de uma perfeita unidade, lavram muitas vezes dissensões gravissimas... e tambem que o corpo dos deputados está de um lado d'esta camara, e o espirito está do outro... *(Sensação.)*

Se as cousas são assim, e não ha coragem para as definir, é melhor o silencio de que meias palavras: e em todo o caso não me parece bem que estejamos aqui a coroar-nos de rosas, como se fossemos virgens sem macula, e de folhas de carvalho, como se fossemos cidadãos exemplares, sem nota nem suspeita. *(Apoiados.)*

Sr. presidente: Este projecto é uma transgressão violenta dos principios da politica e dos preceitos da lei. Por isso mesmo é immoral.

O sr. Luciano de Castro, na sessão de ante-hontem, e n'um movimento de sincera e honrada eloquencia, disse que se o parlamento portuguez estava definitivamente despojado de todas as suas immunidades e de todos os seus direitos, melhor seria que se fizesse a economia da representação nacional, como já muitas vezes se tem feito a da moralidade e a da justiça. Não gostou o sr. Hintze Ribeiro, e fazendo ostentação de um brio pessoal, que lhe fica bem, que todos respeitam, e ninguem mais do que eu, mas que não vinha a proposito, disse que a insinuação era impropria de quem a fazia e indigna do ministro a quem era dirigida, e que, por isso a não levantava á consideração de qualquer resposta. Esta ultima phrase, tão contraria ao espirito da constituição e ás relações dos dois poderes, representados no parla-

mento, acaba de ter a pena condigna na palavra vehemente do sr. Luciano de Castro; por isso não me metto eu n'essa questão, que ficou muito bem entregue. Mas quero dizer tambem a comprehensão que tenho dos meus direitos de critica parlamentar, e, para os exemplificar, o ensejo não poderia ser mais feliz.

Attenda-me o nobre ministro da fazenda:

Uma parte do paiz entende que a atual situação regeneradora não é bem intencionada, que é desastrosa nos seus effeitos, que é prejudicialissima, por tudo, aos intresses geraes do paiz. Eu pertenço a esta parte, *(Apoiados.)* e não abdico por cousa alguma, nem diante das intimativas do snr. Hintze Ribeiro, nem diante dos calorosos applausos dos seus amigos politicos, do direito de qualificar essa administração com os termos que me parecem mais proprios, e que são os mais bem soantes com a minha consciencia e com a verdade dos factos. *(Apoiados.)*

O sr. Hintze Ribeiro é muito honrado,

muito limpo. *(Apoiados.)* A sua linha é correcta, o seu aceio é impeccavel, as suas maneiras são cortezes e urbanas, o seu talento é superior, e o merecimento do seu trabalho distinctamente notavel. *(Apoiados.)* Aperto-lhe a mão com muito gosto, e teria verdadeiro prazer de o receber em minha casa, se a minha pobreza me permittisse o luxo de receber ministros da corôa... Mas, por isso mesmo, parece-me que s. ex.ª faz muito mal em envolver a sua dignidade pessoal nos lances e artificios da politica corrente. Creio que não lucra absolutamente nada em querer ser julgado como homem pelos seus actos como politico. *(Apoiados.)*

A actual confusão das consciencias não permitte identificar n'uma formula a honra particular e a honra civica. Esta anarchia moral ha de acabar; mas não me parece que os ministros portuguezes devam ser os mais apressados para que ella acabe... *(Apoiados.)*

Eu disse que o projecto era uma trangressão violenta e immoral da politica e da lei.

Sustento o que disse.

Não ha rasão que absolva o governo de não ter apresentado, a tempo de ser discutido, o orçamento geral do estado.

Não ha, nem se tentou invental-a. E dá-se ainda a circumstancia aggravante de ser esta camara uma camara constituinte, e de se ter tratado n'ella, segundo se diz, da reformação da nossa lei fundamental. *(Riso.)*

O parlamento está aberto ha quasi sete mezes; houve ferias excedentes a todo o periodo legal e a toda a praxe anterior; ahi por janeiro ou fevereiro, quando ainda se não tinha desatado a fecundidade dos srs. ministros, gastou-se muito tempo em arrastados e longos discursos inuteis; o partido republicano, que, sem culpa nem vontade sua, tem sido muitas vezes um grande achado para os arranjos do sr. Fontes, foi invocado como rasão principal do prolongamento de um debate, que por sua natureza estava findo; o partido progressista absteve-se das reformas politicas, e como é sabido, a maioria deu então o es-

tranho espectaculo de se dilacerarem a golpes de palavra, com torvo aspecto e furia insana, os amigos da situação, para depois se harmonisarem na paz santissima de uma voz uniforme, com immenso gaudio de quem assistia a esta comedia, que está a pedir verso barato e exhibição de cordel... *(Riso e muitos apoiados.)*

Bom foi que, a final, se congraçassem os illustres deputados da maioria. *(Riso.)* Eu estimei. Emquanto se batiam com tanto odio e tanta valentia, davam-me a impressão d'aquelle ser da fabula, que a si mesmo devorava os pés e as mãos sem dar por isso... *(Riso.)*

O orçamento apresentou-se a 11 de junho e passados quatro dias apparece logo a lei de meios. O sr. Lobo d'Avila já d'isto tirou hontem todo o partido com a *verve* abundante e o alto criterio da sua palavra.

Eu não acompanhei o meu amigo no seu estudo dos calculos da receita e da despeza feito sobre as tabellas a que se refere o § 5º.

d'este projecto. Entendo, como o sr. José Luciano, que a inclusão d'este § 5.º na lei de meios é contra todas as conveniencias administrativas, e uma insidia transparente, que nem sequer acredita, pelo engenho, o seu auctor.

Por isso não a discuto.

(Interrupção que se não ouviu.)

Limito-me a protestar; abster-se é um velho preceito moral, muitas vezes necessario, e indicado n'este momento.

Uma voz: — E muito commodo.

O orador: — Não é muito commodo; é menos do que parece, quando ha sincero desejo de servir o paiz.

No decorrer d'esta discussão, tem-se dito e repetido que, tendo a questão de fazenda sido tratada muitas vezes, estava perfeitamente dispensado o exame do orçamento.

Esta razão impressionou-me extraordinariamente.

A questão de fazenda estava tratada, sim, mas não sob o aspecto orçamental, que é o

mais ultil, o mais pratico, o mais analytico; a questão de fazenda estava tratada, mas não ha inconveniente em que seja versada muitas vezes, porque é difficil, porque é embaraçosa porque está n'um ponto gravissimo, porque ella é o verdadeiro problema capital e momentoso da nossa dignidade politica e da nossa conservação nacional; *(Apoiados.)* a questão de fazenda estava tratada, mas a lei manda que se discuta o orçamento, e quando a lei não é cumprida, sem que a sua violação seja imposta pelos interesses da justiça, que lhe é superior, toda a confiança politica desapparece, toda a moral publica se desfaz e resolve em fumo, o prestigio das pessoas e das cousas deixa de existir, e não ha nada que suspenda a decadencia dos povos que soffrem isto. *(Apoiados.)*

Ia faltando ao meu programma... Estava quasi a indignar-me. *(Riso.)* Tive tentações de citar os artigos da carta, de ler o regulamento de contabilidade, de trovejar aqui umas grandes ameaças, que ficariam sem echo, de

*

reproduzir citações de auctores celebres, que já ninguem respeita...

Havia de arrepender-me, com certeza...

Vou concluir.

O snr. Eduardo José Coelho, meu illustre correligionario e bom amigo, tão notavel pelo seu talento, pela tenacidade do seu trabalho e pela sua invejavel fé politica, *(Riso.)* offereceu outro dia á camara o exemplar de uma mensagem, que deveria ser dirigida a Sua Magestade El-Rei, no caso de continuarem assim os attentados contra o regimen parlamentar do paiz.

Não sei, snr. presidente, se virão dias em que seja necessaria essa mensagem, ou cousa similhante. Oxalá que não venham! Mas, emquanto não vierem — se têem de vir —, emquanto não chegam, desejo indicar a um dos mais distinctos apologistas da administração financeira do actual gabinete, o sr. João Arroyo, que hontem com a sua palavra alegre desfiou galhardamente aqui todo o rosario das bellas obras d'esta sessão parlamentar,

desde a lei das alfandegas até á votação, que vem ahi, do caminho de ferro de Ambaca, e desde a proposta das reformas politicas até á reforma d'essa proposta, que está em gestação adiantada; desejo indicar ao meu illustre collega e amigo um facto da historia parlamentar franceza.

Era em janeiro de 1848. Thiers, com a sua adoravel voz moderada e eloquente, punha em relevo as más condições financeiras da França, aggravadas pelos orçamentos de 1846 e de 1847, e no seu discurso repetia muitas vezes estas palavras: *Si un accident arrivait!...*

O accidente não se fez esperar; foi a revolução de fevereiro... A phrase do glorioso cidadão era prophetica!

O que succedeu então é de recente memoria. Dispenso-me de o contar por isso, e porque prometti tomar pouco tempo á camara. *(Muitos e repetidos apoiados.)*

Vozes: — Muito bem, muito bem.

DISCURSO PROFERIDO NA CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS
NA SESSÃO DE 23 DE MARÇO DE 1885

Sr. presidente:

Pedi a palavra ante-hontem, quando fallava o nobre presidente do conselho de ministros, e pedi-a na esperança de lhe responder immediatamente.

Não pense a camara que tive a veleidade de querer defrontar-me á prestigiosa eloquencia d'este eminente parlamentar. Nos desvanecimentos do infinito favor com que tenho sido recebido n'esta casa, nas poucas vezes que me levantei para fallar, não perdi nunca o instincto do caminho que leva á minha consciencia, sempre se-

vera no julgamento de si mesma, só facil e sympathica na apreciação dos outros.

Não me tenho em grande conta, e sabia que me havia de ser difficil conciliar a attenção publica, depois de dois discursos que não podiam deixar de erguer, na admiração d'esta assembléa, culminações inaccessiveis á humildade do meu pensamento e á modestia da minha linguagem.

O que me fez pedir a palavra foi o desejo de levantar e discutir algumas affirmações do sr. presidente do conselho, que me pareceram menos justas ou menos exactas, e de contrapôr uma nota grave e sentida ao tom geral do seu discurso, em que o faceto desceu mais do que devia descer, e o epigramma roçou um pouco pela injuria. *(Muitos apoiados.)*

O sr. Fontes Pereira de Mello habituou desde muito o parlamento portuguez ás suas idéas velhas e ás suas maneiras antigas; já que não muda de idéas, será bom que não mude de maneiras. *(Muitos apoiados.)*

Tencionava ante-hontem ser breve; não

serei hoje muito extenso. Consta-me que vae ser encerrada a discussão sobre o *bill*, e não quero, pela minha parte, oppôr ás impaciencias da maioria a resistencia de um longo discurso, que a incommodaria a ella, e caíria sobre mim em manifestações de desamor pelas minhas intenções e pela minha palavra.

Lamento que a discussão seja encerrada tão cedo. A sua extrema gravidade devia pôl-a a coberto d'estes processos violentos, que não acreditam nunca as assembléas que os empregam. *(Apoiados.)* O sr. presidente do conselho que estava, na sessão de ante-hontem, com veia litteraria, lembrou-se do seu Shakspeare, e, citando a conhecida phrase do *Hamlet*, disse que, politicamente, para o governo, esta questão era de *ser ou não ser*.

Em assumptos de tanta magnitude, a compressão parlamentar antes de tempo não será um crime, mas é uma falta. E tem applicação agora o dito de Talleyrand. *(Riso.)*

A accusação ao governo tem sido im-

pertinente e demasiadamente aggressiva?...
Mas nos bancos do poder estão talentos de primeira grandeza, que certamente não fizeram voto de mudez completa n'esta discussão; mas esta maioria, uma das mais intelligentes que tem apoiado situações regeneradoras, e em que a arte da palavra já fez colheita de nomes que ficam, de nomes que não passam, tem oradores distinctos, de sobra, para se succederem na estacada, pugnando pela porção de verdade, pequena ou grande, que lhe pertence n'esta campanha parlamentar. *(Apoiados.)*

Procurar-se-ha insinuar que a opposição tem estado aqui, não a cumprir um dever nacional e partidario, mas a embaraçar e a obstruir por todas as fórmas a missão d'esta camara e a vida politica do ministerio? Mas seria soberanamente injusto?! Cada um dos meus collegas da minoria trouxe ao interesse d'este debate uma contribuição ponderosa, individual, caracteristica, desde o orador que a iniciou com uma palavra limada e precisa, que

lembra os mais distinctos exemplares da eloquencia latina, até ao nobre estadista que precedeu o sr. Fontes, e que habituou desde muito o parlamento a receber, em cada discurso seu, uma amostra de boa eloquencia parlamentar e uma clara lição de doutrina. *(Apoiados)*

Quererá o governo economisar tempo para as reformas politicas? Mas elle sabe que o partido progressista não cooperará n'essas reformas, limitando-se a marcal-as com o stygma da sua reprovação e a deixal-as correr a fortuna que tiverem, fortuna que ha de vincular funestamente cousas e pessoas, que a simples vista não distingue immediatamente relacionadas com esta inhabil, indigna e malfadada obra! *(Muitos apoiados.)*

Mas, emfim, a maioria pensará de outro modo; e talvez a esta hora alguns dos meus nobres collegas esteja formulando mentalmente um pedido á presidencia para que se opponham, desde já, os diques do regimento á eloquencia da opposição, que, em verdade,

não tem sido nem torrentuosa nem devastadora. *(Riso.—Apoiados.)*

Procedendo assim, não cumpre o seu dever, segundo a minha maneira de pensar; mas exercita o seu direito, e, seguramente, não é a mim que tem de dar contas.

O illustre presidente do conselho procurou defender-se das accusações que lhe foram feitas rebuscando attenuantes para o seu procedimento politico, e encarecendo, por todas as fórmas, os decretos dictatoriaes publicados pelo ministerio da guerra e pelo ministerio da marinha e ultramar.

A principal defeza que adduziu foi a dos precedentes. E veiu o nome glorioso de Mousinho da Silveira, e veiu tambem o nome heroico do marquez de Sá, e veiu ainda o honrado e saudoso nome do bispo de Vizeu, e, finalmente, até foi citado o venerado e respeitabilissimo sr. Anselmo Braamcamp.

Outros, antes de s. ex.ª, fizeram dictadu-

ras... Assim fica tudo explicado; assim ficam desfeitas todas as duvidas, e respondidas triumphantemente todas as objecções!

Na dialectica do sr. Fontes, a exhibição de um precedente é um golpe certeiro; na moral politica do sr. Fontes, um crime absolve sempre, plenariamente, uma longa serie de crimes seguintes! *(Muitos apoiados.)* Diz-se, theologicamente, que das boas obras que fazem uns participam todos os outros; segundo o sr. presidente do conselho, dos erros, reaes ou suppostos, que praticam alguns resulta para todos os outros o direito de os praticar tambem. *(Riso.—Apoiados.)* E, d'este modo, o governo constitucional, em vez de ser uma continuidade de acertos, é uma engrenagem de attentados,—e a historia politica, que devêra ser o transumpto, ligado e coherente, da vida nacional, vem a ser, a final, um repugnante embutido dos erros, miserias e contradicções de todos os partidos! *(Muitos apoiados.)*

Mas não se vê que isto é falso, que isto é

um artificio sem valor, que isto é uma cobertura rôta, esfarrapada pelo uso, que já não póde compor e velar as fraquezas de ninguem? *(Apoiados.)*

Mas não se sente, não se conhece, não se palpa que esta impudentissima dilaceração de reputações individuaes e partidarias não serve senão para mais se accentuar a azeda indifferença do paiz pela politica, e rebaixar a situação pouco levantada do parlamento, que finge ser, mas já não é, o coração impulsor e a força dirigente da vida nacional? *(Muitos apoiados.)*

O nobre presidente do conselho demorou-se largamente na ponderação e defeza da reforma militar.

Era de prever.

A unica derivação possivel para as responsabilidades que sopesou na hora perdida em que se lembrou de envolver-se nas vestes de dictador, demasiadamente amplas para as fórmas estreitas, convencionaes, pequeninas e

habeis da sua personalidade politica, era esta: desnaturar o genio d'esta discussão, e transformar a questão do *bill*, questão delicada e melindrosa, na ponderação indefinida, esteril, interminavel, de uma proposta que já é, a bem dizer, lei do paiz, e portanto um facto consummado, um facto ineluctavel! *(Apoiados.)*

Diga-se, porém, em abono da verdade, que a attitude dos oradores, empenhados n'esta discussão, lhe permittiu a exploração d'este facil expediente...

Eu não accuso o governo pela dictadura de 3 de julho. Bem merece por a ter assumido e exercitado.

Faltaria ao seu dever se deixasse de empregar contra a possivel invasão do cholera todos os meios prophylaticos que as estações competentes lhe aconselhassem.

Gastou-se muito? Gastou-se de mais?

Liquidar-se-ha isto a seu tempo.

Mas é certo que são hoje muito mais complexos, e portanto muito mais dispendiosos, os meios de que a sciencia dispõe para contrarestar e prevenir essa assoladora epidemia com que o Oriente parece querer vingar-se, pela sua stagnação geologica e moral, de outras partes da terra mais abençoadas e felizes, e de outras raças humanas mais progressivas e fecundas! E eu, pela minha parte, não lamentarei nunca qualquer despeza que se faça para salvar e proteger as vidas dos meus concidadãos; e para que o meu paiz se inscreva tambem na gloriosa cruzada da sciencia medica — uma sciencia positiva, que é um sacerdocio humano — contra esse terrivel e pavoroso morbo, que ainda pesa sobre nós, sinistramente, como uma ameaça de morte, mas ha de, afinal, ser vencido ou attenuado, como essas malditas doenças que infestaram e flagellaram a civilisação, desde a lepra, que é o horror da idade media, repugnante e sombrio, até ás epidemias que fizeram á Europa a sua ultima lugubre visita no primeiro quartel d'es-

te seculo! *(Vozes: — Muito bem. — Muitos e repetidos apoiados.)*

O governo desattendeu alguns preceitos do regulamento geral de contabilidade na parte attinente á abertura de creditos extraordinarios. Fez mal; fez muito mal. *(Apoiados.)* Todo o governo deve ser delicado, escrupulosamente meticuloso na gerencia dos dinheiros publicos, qualquer que seja a sua applicação; e muito principalmente o deve ser o governo regenerador, que é justamente accusado pela opinião de ter, a este respeito, um coração demasiadamente generoso e leve... *(Apoiados.)*

Mas n'este ponto a minha apreciação limita-se simplesmente a uma advertencia que, em diversa hypothese, seria muito mais severa.

Vamos aos decretos de 19 de maio.

Ha a distinguir a parte politica e a parte technica ou administrativa. A parte politica, a da responsabilidade do governo pela dictadura que assumiu e exerceu, é a mais impor-

*

tante; a outra vale apenas como circumstancia, attenuante ou aggravante, do procedimento do governo. *(Apoiados.)*

A dictadura de 19 de maio pouco menos indigna seria ainda quando se liquidasse que tinha sido de todo o ponto boa, acabada, perfeita, a reforma dos quadros do exercito e da armada; ficaria sendo sempre uma triste e desconsoladora prova da decadencia dos nossos homens publicos, da inefficacia das instituições estabelecidas, e do septicismo e da indiferença d'esta sociedade, em que já se não encontram idéas com ordem nem pessoas com prestigio! *(Apoiados.)*

Conformemente com esta idéa, não discutirei a reforma militar nos seus aspectos administrativos; mas não porque a julgue superior a quem não pertença á nobre profissão das armas, como insinuou o sr. presidente do conselho n'um tom pedagogico, impertinente e destoante das relações que deve haver entre o ministerio e a camara. *(Muitos apoiados.)*

O sr. Fontes deve saber que o encyclope-

dismo é a base da moderna educação. A politica não se aprende em Machiavel, adquire-se nos estudos e meditações da sociologia. Já vae longe o tempo em que as sciencias tinham fronteiras sagradas, inultrapassaveis para quem não fosse especialista n'ellas; são hoje um vasto campo aberto e luminoso, de que nenhum homem medianamente instruido póde ignorar a natureza propria e a topographia geral. *(Muitos apoiados.)*

Mas se não discuto minuciosamente a reforma do exercito, se não critico a nova constituição dos quadros do exercito e da armada, se não noto a desproporção que ha entre o numero de officiaes e de soldados pertencentes a cada corpo, se não friso os defeitos da administração militar, não deixo comtudo passar o ensejo de dizer, com magua, que n'essa reforma não estão reconhecidos e sanccionados os principios que deviam, no meu modo de ver, presidir a uma reorganisação d'esta ordem.

A reforma do exercito terá algum valor

sob o ponto de vista technico e restrictamente especial; mas nos seus artigos, que li e reli, não penetra a luz clara e brilhante da sciencia social como eu a estudei com as minhas limitadas faculdades; e esta convicção mais se radicou no meu espirito pela defeza que se fez d'ella, do que pelas accusações que se lhe dirigiram. *(Apoiados.)*

O recrutamento subsiste nas suas antigas bases, continuando a fazer do exercito uma especie de *açougue nacional,* consoante a indignada e eloquentissima phrase de Alexandre Herculano. *(Apoiados.)* A remissão a dinheiro, esta prova insolente de que o oiro dos ricos ainda vale o sangue dos pobres, *(Muitos apoiados.)* volta á legislação do paiz occupando indevidamente o logar que pertence de direito ao principio do serviço obrigatorio. *(Apoiados.)* O codigo militar não foi revisto, subsiste como documento de comica ferocidade e, em repetidos lanços, como flagrante negação dos principios que a sciencia criminal formula. *(Apoiados.)* E, recordando agora

o que li ha pouco na imprensa periodica, se soubesse que havia nos depositos do ministerio da guerra muitos exemplares d'esse codigo, eu pediria ao governo que os mandasse vender a peso, e, com o producto, levasse algum conforto a esse esquecido e desgraçado Antonio Coelho, que ahi está a agonisar lentamente, miseravelmente, n'uma enxovia tenebrosa e humida, em holocausto á piedade publica, que se não quiz commover com o espectaculo de uma execução capital, infinitamente menos cruel que isto de apodrecer dia a dia, hora a hora, com todas as molestias do corpo, com todas as doenças do cerebro, desde a prostração do idiotismo até á furia do desespero, n'uma d'essas tremendas e infernaes situações que só poderiam ser comprehendidas e descriptas pelo genio do Dante ou pela penna de Victor Hugo. *(Sensação. Vozes: —Muito bem, muito bem.)*... A qualidade militar, que deve pertencer a todos os cidadãos e a todos os estados, segundo a lei scientifica e indiscutivel da lucta pela vida, lucta

fatal e necessaria a todos as organismos, desde os mais simples e rudimentares, que a biologia descreve, até aos mais complexos e mais perfeitos, que a historia ostenta; a qualidade militar, facil e gostosamente acceita por todos os cidadãos na Suissa, nos Estados Unidos, na Prussia, e ainda n'outras nações, embora por processos variados e com intuitos differentes; a qualidade militar não fica pertencendo ao cidadão portuguez depois da ultima reforma do sr. Fontes, de modo que se um dia for necessario defender o torrão sagrado da patria, só poderemos contar com a força irresistivel e indomita dos nossos denodados sentimentos, e com a coragem e o heroismo que esmaltam as tradicções do nosso povo. *(Muitos apoiados)*

Mas ainda quando se provasse que nada d'isto era assim, ainda que eu me convencesse de que a reforma militar era de todo o ponto perfeita e impeccavel, ainda que me demonstrassem á mais irresistivel luz que o sr. Fontes era não sómente um Bismarck na politica,

mas um Moltke na arte de organisar e disciplinar exercitos, resumindo assim na sua pessoa as culminantes faculdades politicas e estrategicas da velha raça teutonica, ainda assim, a dictadura de 19 de maio nunca podia contar com a consagração da minha palavra, nem com o serviço do meu voto. *(Apoiados.)*

Simplesmente porque foi uma dictadura? Não.

Eu sou menos hostil ás dictaduras que muitos dos eloquentes oradores que me precederam n'este debate. Comprehendo a sua indignação, que é sincera, que é verdadeira, que é flammejante de todos os affectos que a paixão pela liberdade inspira e merece; mas penso que esta nobre sentimentalidade recáe em factos e doutrinas, que a melhor critica d'este momento não acceita, não justifica. N'esta hora adiantada da sciencia parece-me a mim que, em vez de subirmos á origem metaphysica dos systemas, puro nimbo em que

nada se distingue e só se vê o que se quer ver, devemos antes baixar á analyse das condições positivas em que assenta toda a moderna politica. *(Apoiados.)*

As dictaduras são violações directas da soberania nacional, e, considerada esta como um poder real, verdadeiro, permanente, as dictaduras são crimes gravissimos, e não ha pena que seja para ellas castigo bastante. São como aquelles crimes que o legislador grego deixava fóra da lei, por serem monstruosos, por serem impossiveis. *(Apoiados.)*

Mas a soberania popular tem ainda hoje o caracter que se lhe attribuiu no fim do seculo passado e até meiado do seculo actual? Mas a soberania popular, de que não fallo sem o respeito devido a uma cousa augusta, feita de illusões e de verdade, de poesia e de realidade, de sonhos e de factos, consagrada nos melhores livros que têem sido escriptos pela penna dos homens, santificada pelas revoluções mais redemptoras que têem sido determinadas pela aspiração de justiça e pela pai-

xão da liberdade; mas esta soberania tem hoje, na consciencia humana, a mesma comprehensão radical das escolas de ha trinta annos?

Não. Não tem.

O que é positivo é que a soberania popular, inspiração e fundamento de todo o direito publico moderno, está enredada, compromettida, esterilisada pelos processos que a servem e pelas instituições que a rodeiam. E, cousa singular! foi o espirito burguez que estabeleceu este notavel progresso humano, e foi elle, depois, que o perverteu e o inutilisou! Creou-o e perdeu-o!!... E' que a burguezia, a gloriosa burguezia que, desde a idade média, agitou e moveu todos os grandes ideaes da consciencia humana, rompendo as resistencias do poder, atravessando as fogueiras do fanatismo, pondo na arte e na sciencia intenções moraes e revolucionarias, levando a sua coragem até ao heroismo e o seu heroismo até ao martyrio, erguendo pacientemente e levantando, apesar de tantas difficuldades, a grandiosa fabrica dos ultimos seis

seculos da nossa historia; é que esta burguezia, depois de ser, por tanto tempo, protestante, divergente, aspiradora do melhor, tornou-se no que hoje se vê, uma classe de ficções e privilegios, conservadora de todos os seus interesses, que mantem acima de tudo, que sustenta apesar de tudo. *(Muitos e repetidos apoiados.)*

Consagra o voto universal, mas sujeita a todas as dependencias a consciencia do eleitor; *(Apoiados.)* funda a liberdade politica, o que se chama liberdade politica, e cerca generosamente de honras e dignidades a representação parlamentar, mas... não se esquece de lhe prender uns certos fios occultos, que, em determinados momentos, a desconcertam e paralysam *(Vozes:*—Muito bem.—*Muitos e repetidos apoiados.)*

Isto é assim. Todos o sabem, embora nem todos o digam. Eu digo-o, porque a mim a hypocrisia repugna-me sob qualquer fórma, e tenho a franqueza de affirmar em voz alta o que penso, importando-me pouco qua as mi-

nhas idéas sejam adversas aos interesses dogmaticos do poder, ou destoantes das paixões inflamaveis do povo...

A utilidade positiva dos povos deve evidentemente prevalecer sobre o culto das ficções, e hoje essa utilidade positiva consiste em que a politica seja intensa, como primeira força social que é, energica, como convem a um momento de suprema lucta, comprehensiva de todos os deveres e encargos que lhe vae accrescentando dia a dia, hora a hora, o adoravel e assombroso progresso da arte, da industria, da sciencia, de toda a humana actividade. *(Muitos apoiados.)*

O regimen parlamentar genuino, perfeito, como o sonharam os puritanos d'esta fórma politica, não póde com tão complexas, difficeis e pesadas condições. Por isso quero, defendo e sustento as dictaduras.

Mas ha dictaduras de variadissimas especies. Ha as dictaduras da opinião, exemplificadas na historia constitucional da Inglaterra, designadamente n'aquelle glorioso capitulo,

que exaltará eternamente o genio e o patriotismo do segundo Pitt... Ha ainda as dictaduras parlamentares; resa d'ellas a historia de todos os paizes, com situações fortes e definidas. Napoleão III exemplificou durante vinte annos uma da peor especie. Pouco antes de morrer, Gambetta meditava uma dictadura d'esta natureza, realisavel pelo processo eleitoral da *lista multipla*, porque o immortal tribuno, por quem a França traz ainda pesadissimo luto, de quem a raça latina se lembrará sempre com saudade, e cujo nome a humanidade conservará perpetuamente, sabia que só por este modo poderia realisar o seu famoso programma de Belleville, *(Apoiados.)* a mais perfeita synthese positiva da politica do nosso tempo. *(Muitos apoiados.)*

Ha tambem as dictaduras da revolução. Em certos momentos, a alma humana rompe os moldes legaes que a cingem, e irradia em toda a sua espontaneidade violenta e creadora. São isto as revoluções... Para não procurar exemplos na historia estranha, citarei as da

nossa: citarei a revolução de 1836, que foi o desvanecimento das epicas e poeticas illusões da primeira quadra do nosso regimen constitucional; a de 1851, que foi apparentemente uma pacificação dos partidos, desgraçadamente percursora d'esta estagnação moral em que vivemos ha mais de trinta annos; *(Apoiados.)* a de 1868, finalmente, que foi uma negação formidavel das praticas abusivas do parlamento e do governo, e uma interrogação gravissima que ainda está sem resposta, porque eu não posso considerar como resposta á pergunta d'esse movimento a anarchia moral das nossas consciencias, a decadencia, cada vez mais accentuada do paiz, e o desprestigio, cada vez maior, das pessoas e das cousas d'esta terra! *(Muitos apoiados.)*

Estas são as dictaduras que eu quero, que eu defendo, que eu acceito. Valem como amplificações de força, compensadoras das fraquezas e defeitos do regimen estabelecido. *(Apoiados.)*

Mas estará n'este caso a dictadura de 19

de maio?... Anima-a um pensamento alto? Representa a tenacidade heroica de um homem de estado que leva, sobre perigos e difficuldades, o seu plano de governo? Foi destinada a vingar o poder, que tem direitos, contra as facções, que porventura os negassem?...

Responda-me a consciencia da camara... Eu louvo-me na resposta que quizer dar-me, desprevenidamente, desassombradamente...

Não é dictador quem o quer ser, disse ha poucos dias o sr. Carlos Lobo d'Avila, n'um dos maiores deslumbramentos de talento e de palavra que teem fascinado o meu espirito e consolado o meu coração .. O illustre deputado, meu querido amigo, queria significar que o sr. Fontes não tinha a elevada estatura de um dictador de raça.

Não é dictador quem o quer ser, repito eu agora com intenção differente. E o sr. Fontes não póde ser dictador a serio n'este paiz. Tambem é a unica cousa que não póde ser... *(Riso.)* Onde estão as resistencias que elle tenha de vencer?... No paço da Ajuda?...

(Sensação) Na camara dos dignos pares?... Na alta bureaucracia do estado?...

Não, o sr. Fontes não póde ser dictador a serio. É a unica cousa que elle não póde ser. *(Riso. — Muitos e repetidos apoiados.)*

Por tudo isso, o tom da minha palavra é bem diverso do que tiveram os discursos dos meus nobres correligionarios. Havia indignação no que elles disseram; não é bem esse sentimento o que a dictadura de 19 de maio me inspira.

A mim abate-me o espirito, desalenta-me de todo, porque me dá a impressão da falta de caracter na nossa politica, e me convence cada vez mais de que, entre nós, não é o governo o que queria Guizot que elle fosse: *o mais bello e mais nobre exercicio das faculdades humanas*; a mim desconsola-me, faz-me tristeza, porque esta dictadura exercida por aquelle homem significa, cruamente, falta de respeito pela boa fé dos que o apoiam e pela sinceridade dos que o combatem; a mim desgosta-me, magoa-me, por que não posso ver, de coração tranquillo,

a vaidade feita poder, o interesse partidario mascarado de salvação publica, o impudor revestido dos attributos do governo, a fraqueza parodiando, n'uma comedia, os movimentos da força, e depois, e a final, a arithmetica da votação julgando definitivamente do direito e da moralidade de tudo! (*Vozes*: — Muito bem. — *Muitos apoiados.*)

Isto faz que muitos espiritos se afastem cada vez mais da vida publica, como se ella fosse uma profissão indigna; e eu, por mim, direi á camara que começo a pensar e discutir em minha consciencia se não será inutil, se não será esteril, se não será indecorosa a continuação do meu modestissimo logar entre os homens politicos da minha terra! (*Muitos e repetidos apoiados.*)

VOZES: — Muito bem, muito bem.

(O orador foi cumprimentado por muitos srs. deputados de todos os lados da camara.)